

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA

GUSTAVO ALVES BATISTA

**LITURGIA DAS HORAS COMO FONTE DE ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA**

Porto Alegre  
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA

GUSTAVO ALVES BATISTA

**LITURGIA DAS HORAS COMO FONTE DE ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Porto Alegre

2024

## Ficha Catalográfica

B333L Batista, Gustavo Alves

Liturgia das Horas como fonte de Espiritualidade Litúrgica /  
Gustavo Alves Batista. – 2024.

112 p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em  
Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes.

1. Liturgia. 2. Liturgia das Horas. 3. Espiritualidade. 4.  
Eclesiologia. I. Gomes, Tiago de Fraga. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

GUSTAVO ALVES BATISTA

**LITURGIA DAS HORAS COMO FONTE DE ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Aprovada em 28 de fevereiro de 2024, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes – PUCRS (Orientador)

---

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes – PUCRS

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva – FACASC

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela graça do Dom da vida. A Igreja que me acolhe como filho na Arquidiocese de Porto Alegre. A minha família pela presença amorosa em todos os momentos.

Ao Prof. Dr. Pe. Tiago de Fraga Gomes pelo acompanhamento, orientações e incentivos para essa pesquisa. Aos professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa integral concedida para a presente pesquisa.

## RESUMO

A presente dissertação de mestrado aborda o tema da Liturgia das Horas como fonte de Espiritualidade litúrgica. Compreensão sobre o culto cristão desenvolvido pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II que apresenta a liturgia, enquanto celebração do Mistério de Cristo, como fonte e cume da vida da Igreja. A partir da análise de textos da ciência litúrgica tem-se a intenção de responder elencando os argumentos que apresentem como a Liturgia das Horas pode nutrir a vida espiritual da Igreja. Pela celebração das horas se manifesta a imagem da Igreja como sacramento que formada pelos fiéis leigos e ministros ordenados tem a tarefa de elevar um louvor perene a Deus pela ação de Cristo através do Espírito Santo. Apresentando o valor espiritual desta ação litúrgica para a vida eclesial inicia-se apresentando uma análise da teologia trinitária, eclesiológica e espiritual. O aspecto histórico auxilia na compreensão do desenvolvimento teológico da liturgia e, especificamente, da Liturgia das Horas. O desenvolvimento visa ao final responder apresentando a teologia da Liturgia das Horas como fonte espiritual da Igreja.

**Palavras-chave:** Liturgia. Liturgia das Horas. Espiritualidade. Eclesiologia.

## **ABSTRACT**

This master's thesis deals with the theme of the Liturgy of the Hours as a source of the Church's spirituality. This understanding was developed by the liturgical reform of the Second Vatican Council, which presents the liturgy, as a celebration of the Mystery of Christ, as the source and summit of the Church's life. Based on an analysis of texts from liturgical science, the intention is to respond by listing arguments that show how the Liturgy of the Hours can nourish the spiritual life of the Church. The celebration of the hours manifests the image of the Church as a sacrament which, made up of the lay faithful and ordained ministers, has the task of raising perennial praise to God through the action of Christ through the Holy Spirit. The presentation of the spiritual value of this liturgical action for ecclesial life begins with an analysis of trinitarian, ecclesiological and spiritual theology. The historical aspect helps to understand the theological development of the liturgy and, specifically, of the Liturgy of the Hours. In the end, the development aims to respond by presenting the theology of the Liturgy of the Hours as a spiritual source for the Church.

**Keywords:** Liturgy. Liturgy of the Hours. Spirituality. Ecclesiology.

## ABREVIATURAS E SIGLAS

- CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
- SC: Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*.
- GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual, do Concílio Vaticano II.
- LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II.
- DV: Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina.
- DD: Carta Apostólica *Desiderio desideravi* do Santo Padre Francisco sobre a formação litúrgica do povo de Deus.
- IGLH: Introdução Geral a Liturgia das Horas.
- GE: Exortação Apóstólica *Gaudete et Exsultate* do Santo Padre Francisco sobre a chamada à santidade no mundo atual.
- CIC: Catecismo da Igreja Católica.
- MC: Carta Encíclica *Mystici Corporis* do Sumo Pontífice Papa Pio XII, o Corpo Místico de Jesus Cristo e a nossa união com Jesus Cristo.
- DC: Carta Apostólica *Deus Caritas Est* do Sumo Pontífice Bento XVI sobre o amor cristão.
- LC: Constituição Apostólica *Laudis Canticum* do Sumo Pontífice Paulo VI com o qual se promulga o Ofício Divino reformado por mandato do Concílio Vaticano II.
- VD: Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* do Santo Padre Bento XVI sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.
- SP: Carta Apóstólica de sua santidade dada sob forma de Motu Próprio *Summorum Pontificum*.
- TC: Carta Apostólica em forma de Motu Próprio do Sumo Pontífice Francisco *Traditionis Custodes* sobre o uso da Liturgia Romana anterior à reforma de 1970.
- RFIS: O dom da vocação presbiteral – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 LITURGIA COMO FONTE E CUME DA VIDA DA IGREJA</b> .....	16
1.1 RELAÇÃO INSTRINSECA ENTRE LITURGIA E IGREJA .....	16
1.1.1 O Mistério da Trindade na natureza da Igreja e da liturgia.....	17
1.1.2 A Igreja e a liturgia como mistério e sacramento .....	24
1.1.3 A liturgia como fonte e cume da vida Igreja .....	30
1.2 ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA .....	33
1.2.1 A espiritualidade cristã .....	34
1.2.2 O Mistério de Cristo, fundamento da Espiritualidade Litúrgica.....	41
1.2.3 Características da Espiritualidade Litúrgica .....	46
<b>2 TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA</b> .....	51
2.1 PANORAMA TEOLÓGICO DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA.....	51
2.1.1 Formação e apogeu da espiritualidade litúrgica (séc. I-VII) .....	52
2.1.2 Período da progressiva decadência (séc. VIII-XVI).....	56
2.1.3 Época culminante da crise (séc. XV-XX).....	59
2.1.4 Renovação Litúrgica (séc. XIX-XXI) .....	62
2.2 FONTES DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA LITURGIA DAS HORAS.....	67
2.2.1 Fundamentos bíblicos .....	68
2.2.2 Desenvolvimento histórico da Liturgia das Horas .....	73
<b>3 LITURGIA DAS HORAS, FONTE DE ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA</b> .....	81
3.1 LITURGIA DAS HORAS NA ORAÇÃO DA IGREJA .....	82
3.1.1 Oração ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo .....	83
3.1.2 Oração da Igreja .....	88
3.1.3 Sujeitos da Oração da Igreja.....	91
3.2 ESPIRITUALIDADE DA LITURGIA DAS HORAS .....	94
3.2.1 Liturgia das Horas, celebração do mistério da salvação .....	95
3.2.2 Fonte de Espiritualidade.....	98
3.2.3 Santificação do tempo.....	101
<b>CONCLUSÃO</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109

## INTRODUÇÃO

A Liturgia das Horas é fonte de Espiritualidade Litúrgica e, conseqüentemente, da Igreja, inserida no diálogo trinitário participando como Corpo de Cristo. Ela é fonte de santificação na medida que a celebração de cada hora é memória e atualização do Mistério de Cristo, pela relação de preparação e prolongamento do mistério eucarístico. Como ação eclesial manifesta a imagem da Igreja como mistério e sacramento. Assim, é uma celebração que está inserida nos ritos litúrgicos da Igreja.

A reforma litúrgica promovida pelo Concílio Vaticano II, que renovou o modo de celebrar da Igreja Católica Latina, foi inspirada e preparada pelo Movimento Litúrgico. É este movimento que inicia o desenvolvimento da ciência litúrgica como matéria teológica servindo de inspiração para as definições do Concílio no que se refere a liturgia. A liturgia nas últimas décadas alcançou relevância no ambiente eclesial, teológico e pastoral. Ao nos debruçarmos na análise do tema da Espiritualidade Litúrgica, a partir da Liturgia das Horas, como cume e fonte da vida da Igreja estamos inserindo esse trabalho dentro do contexto histórico da reforma litúrgica.

A reforma litúrgica apresenta o conceito de participação ativa de todos os fiéis na ação litúrgica. E o coloca como ato primordial e necessário para que a ação litúrgica possa desempenhar a sua missão de cume e fonte da vida da Igreja. A reforma litúrgica promove a participação ativa dos fiéis na liturgia para que a partir dela toda a Igreja, os leigos e os ministros ordenados, encontrem na liturgia a verdadeira fonte da vida espiritual.

Nos anos que sucederam ao Concílio Vaticano II a liturgia obteve um grande desenvolvimento teológico. A promulgação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, a reforma dos diversos rituais litúrgicos, os diversos documentos e as notas pastorais relacionados a liturgia promoveram um campo fértil para o desenvolvimento da ciência litúrgica com diversas publicações de nível teológico. De igual modo a recepção e a implantação da reforma conciliar nos diversos ambientes da vida pastoral fizeram com que o tema da liturgia sempre estivesse em destaque na vida das comunidades eclesiais, nas paróquias e dioceses. Recentemente o tema da liturgia retornou às discussões de âmbito eclesial a partir das orientações a respeito da forma de celebração do rito da missa para a Igreja

Latina, com a revogação da possibilidade da existência de dois ritos simultâneos, ficando estabelecido pelo Papa Francisco que o ritual da Missa promulgada por Paulo VI é a única “*lex orandi*” (expressão da oração) da Igreja. O Papa Francisco ao se referir sobre essas situações expressa que se não houver a consciência da necessidade da participação litúrgica a dimensão da espiritualidade litúrgica será prejudicada: “se a liturgia é o ‘cume para qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde promana toda a sua força’ (SC 10), compreendemos bem o que está em jogo na questão litúrgica” (DD 31). Refletir e promover a liturgia como cume e fonte é desenvolver, ou na expressão do Papa, colocar no jogo, a teologia litúrgica iniciada pelo Movimento Litúrgico, reconhecida pelo Concílio Vaticano II e aprofundada ao longo das últimas décadas na teologia.

A partir desta perspectiva eclesial, litúrgica e espiritual da liturgia a Liturgia das Horas uma celebração com sua especificidade própria. A Liturgia das Horas como celebração ritual que integra o conjunto da liturgia da Igreja igualmente passou por um processo de reforma indicado pelo Concílio Vaticano II. A Instrução Geral da Liturgia das Horas insere a oração deste ofício no da vida litúrgica como cume e fonte da vida pastoral. É a partir do conteúdo que compõe os seus ritos que se justifica esse modo de oração como celebração que nutre a vida espiritual da Igreja: “as leituras e preces da Liturgia das Horas são fontes da vida cristã” (IGLH 18).

Ao afirmarmos no título desse trabalho a “Liturgia das Horas como fonte de Espiritualidade Litúrgica” apresentamos uma definição fundamentada a partir da teologia presente nos documentos da Igreja a respeito desta oração. Apresentar de forma analítica o desenvolvimento desse conceito é um dos objetivos principais desse trabalho, como forma de auxiliar a formação da consciência litúrgica e a prática desta oração na Igreja. Ao fundo deste texto a pergunta que se mantém e se deseja responder é sobre como a Liturgia das Horas se constitui como fonte de espiritualidade litúrgica. E, assim, na medida que sendo ela fonte de espiritualidade litúrgica, se torna, fonte de espiritualidade da Igreja.

A prática da oração da Liturgia das Horas é considerada frequentemente como uma atividade própria dos ministros ordenados da Igreja. Os diáconos, padres e bispos assumem um compromisso litúrgico e eclesial no rito da ordenação diaconal de rezarem a oração das horas de modo assíduo e fiel. Porém, a partir da renovação

litúrgica se compreende essa oração como a oração da Igreja, que se constitui por fiéis leigos e ministros ordenados. A reflexão sobre o sujeito da oração eclesial é um questionamento importante, para compreender a relação da Liturgia das Horas como fonte de Espiritualidade de toda a Igreja.

O objetivo deste texto é o de reavivar estas questões e promover em ambiente acadêmico e eclesial a reflexão das orientações da Igreja para formação da consciência litúrgica a respeito da oração, da liturgia e da espiritualidade. Sendo ressonância das orientações, do último documento da Igreja, *Desiderio desiderave* sobre a liturgia que abrange especificamente o tema da formação litúrgica.

Neste contexto ao celebramos em 2024 os sessenta anos da promulgação da *Sacrosantum Concilium* essa dissertação da liturgia como cume e fonte da espiritualidade da Igreja a partir da Liturgia das Horas oferece esta possibilidade de renovar a reflexão no ambiente eclesial sobre o conteúdo próprio desta oração das horas como oração própria da Igreja. Também para o ambiente acadêmico uma pesquisa como esta possui a relevância de visitar um tema que abrange áreas para além da ciência litúrgica perpassando os conteúdos da teologia sistemática como a Trindade, a cristologia, a pneumatologia e a eclesiologia, sendo também um tema que envolve a teologia pastoral e espiritual. Deste modo se demonstra a relevância da liturgia como matéria teológica.<sup>1</sup>

Para compreendermos a relevância deste trabalho é possível analisar a partir do atual contexto histórico. Neste tempo vivemos em mundo que nas últimas décadas se transformou rapidamente, as diversas mudanças que afetam a cultura e a sociedade, tocam o tema da religiosidade e o relacionamento com Deus. Nos questionamos se em um ambiente social fragmentado ainda faz sentido apresentar a celebração da Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade: “as novidades contínuas dos meios tecnológicos, o fascínio de viajar, as inúmeras ofertas de consumo, às vezes, não deixam espaços vazios onde ressoe a voz de Deus” (GE 29).

---

<sup>1</sup> “A sagrada Liturgia deve ser tida, nos seminários e casas de estudo dos religiosos, como uma das disciplinas necessárias e mais importantes, nas faculdades de teologia como disciplina principal, e ensinar-se nos seus aspectos quer teológico e histórico, quer espiritual, pastoral e jurídico. Mais: procurem os professores das outras disciplinas, sobretudo de teologia dogmática, Sagrada Escritura, teologia espiritual e pastoral, fazer ressaltar, a partir das exigências intrínsecas de cada disciplina, o mistério de Cristo e a história da salvação, para que se veja claramente a sua conexão com a Liturgia e a unidade da formação sacerdotal” (SC 16).

Porém, é o Papa Francisco que apresenta um caminho como resposta a essa sua constatação ao dizer que a liturgia, em seu sentido teológico, é antídoto e remédio contra o mundanismo atual (Cf. DD 19). Neste intuito queremos aprofundar como a Liturgia das Horas participa com a liturgia dessa resposta eficaz, na linguagem do Papa “como antídoto e remédio”, para se viver uma sadia espiritualidade neste período da história.

No desenvolvimento deste trabalho dissertamos a partir da análise e interpretação de textos que abordam os temas que compõem o conteúdo teológico da Liturgia das Horas. Assim, propomos de modo sintético um argumento que inicia seu desenvolvimento a partir do Mistério da Igreja, para em um segundo momento elaborar uma síntese histórica da teologia da espiritualidade e concluir apresentando elementos que apresentam como a Liturgia das Horas é em nosso tempo fonte de espiritualidade para a Igreja.

Apresentando a realidade do Mistério da Igreja se deseja dissertar sobre a imagem da Igreja sacramento de salvação que na celebração litúrgica se manifesta de modo real e vivo como sinal simbólico. A Igreja e a liturgia possuem a natureza de sua existência no mistério da Trindade e se relacionam intrinsecamente na medida que a liturgia é cume e fonte da vida da Igreja. Com este desenvolvimento colocamos os pressupostos da Teologia da Liturgia na qual se alicerça a espiritualidade litúrgica que no mistério de Cristo tem o seu fundamento.

A teologia da Espiritualidade Litúrgica passou por diversas fases e momentos na história seja no aspecto amplo da liturgia ou no escopo da Liturgia das Horas. Ao contextualizar historicamente cada momento nos auxiliará na compreensão como cada período correspondeu, ou não, a missão da liturgia como fonte da vida espiritual da Igreja. Este estudo histórico compreende a justificativa do Concílio Vaticano II no retorno às fontes patrísticas para a celebração do culto. Usando o mesmo quadro histórico analisamos o desenvolvimento da Liturgia das Horas.

A fundamentação eclesiológica e litúrgica com o desenvolvimento histórico nos ajudam a apresentar os fundamentos teológicos para a compreensão da Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade da Igreja. Este conteúdo teológico da Liturgia das Horas revela como esta oração é considerada por excelência a oração da Igreja e

quais são os sujeitos que devem assumir compromisso do mandato de Cristo de orar sem cessar. Sendo oração litúrgica da Igreja ela manifesta e prolonga o mistério da salvação em relação com o sacramento da eucaristia. A oração das horas em seus ciclos litúrgicos e cronológicos santifica a Igreja em cada hora e a renova espiritualmente em sua missão.

Portanto, é desejo e anseio deste trabalho apresentar a Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade da Igreja em seu conteúdo teológico e espiritual, trinitário e cristológico, impregnado da palavra de Deus, composto por textos patrísticos e espirituais, ordenada a prática comunitária na vida eclesial, caracterizada pelo diálogo entre Deus e a Igreja que ora e canta e, por fim, como verdadeira fonte da vida espiritual da Igreja onde se haurir genuinamente o espírito cristão.

## 1 LITURGIA COMO FONTE E CUME DA VIDA DA IGREJA

O Concílio Vaticano II na Constituição Conciliar *Sacrosactum Concilium* afirma que a liturgia é o cume e a fonte da vida da Igreja<sup>2</sup>, relacionando diretamente com o sacramento da eucaristia. Destacando com relevância a celebração do culto para a vida eclesial. A ciência litúrgica iniciada no Movimento Litúrgico possibilitou que a liturgia estivesse presente no âmbito das discussões teológicas. Nos últimos anos o tema da liturgia alcançou grande destaque na produção teologia e na reflexão pastoral. Ao refletir neste capítulo sobre o tema da liturgia como cume e fonte da vida da Igreja o intuito é de aprofundar o tema dentro da perspectiva teológica a partir da relação entre as áreas da eclesiologia e da liturgia.

Identificando os elementos que fundamentam a natureza da Igreja e da liturgia nos propôs a refletir sobre a forma como interagem tornando o culto uma imagem simbólica sacramental da Igreja. Afirmar que a liturgia é cume e fonte da vida da Igreja significa dizer que a Espiritualidade Liturgia move a Igreja para a sua finalidade, é o cume, e se constitui como o lugar, a fonte, no qual a Igreja encontra a força da graça de Deus para desenvolver a sua missão. Analisar dinâmica dessa relação espiritual se desenvolver significa aprofundar o modo intrínseco de unidade existente entre a realidade eclesial, litúrgica e espiritual.

A relação da Igreja e da liturgia constitui-se em uma matéria de relevância para a realidade eclesial, de tal modo que o a celebração litúrgica é uma das formas mais relevantes da manifestação da Igreja. O desenvolvimento deste capítulo apresenta os fundamentos teológicos, litúrgicos e espirituais que irão auxiliar na compreensão da Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade de toda a Igreja.

---

<sup>2</sup> A definição “cume e fonte da vida da Igreja” em algumas traduções da *Sacrosanctum Concilium* pode ser apresentada com outras expressões como “ápice e fonte” ou “meta e fonte”.

## 1.1 RELAÇÃO INTRINSECA ENTRE LITURGIA E IGREJA

A teologia ao longo da história ao refletir sobre a Igreja utilizou diversas imagens e conceitos para expressar a sua natureza e a sua finalidade. O desenvolvimento teológico da eclesiologia é um campo vasto e se relaciona com as diversas áreas da teologia. No início deste trabalho desejamos apresentar de modo sintético a relação da eclesiologia e da liturgia. E para isso utilizamos a expressão “intrínseco” no sentido de reciprocidade e inerência da mesma natureza.

Iniciando a partir da Trindade analisamos a natureza recíproca destas duas realidades em um paralelismo com as três pessoas da Trindade. Na sequência dissertamos sobre a imagem da Igreja como Sacramento enquanto expressão da realidade simbólica, abordando a liturgia como Mistério de Salvação. E assim, a partir da proposta de reforma da liturgia do Concílio Vaticano II compreender como a Liturgia deve ser a fonte da espiritualidade da vida da Igreja.

### 1.1.1 O Mistério da Trindade na natureza da Igreja e da liturgia

A definição da Igreja pode ser expressa em muitas imagens. Os padres conciliares, ao redigirem a *Lumen Gentium*, não procuraram dar uma definição específica sobre a imagem da Igreja, pois “quiseram voltar à maneira da Bíblia, que usa muitas comparações e metáforas para falar do mistério da Igreja, não ficando numa noção abstrata”.<sup>3</sup>

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* abordando imagem da Igreja como Mistério inicia a reflexão a partir da Santíssima Trindade. A liturgia, expressão simbólica ritual que torna visível de modo sacramental a própria Igreja, também tem a sua natureza e sua origem na Trindade. A saudação paulina “A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a Comunhão do Espírito Santo” (2 Cor 13,13)

---

<sup>3</sup> COMBLIM, J. *A mensagem da Lumen Gentium*, p. 11.



no início da liturgia eucarística, simboliza de algum modo, que no início da liturgia ou da eclesiologia está o Mistério da Trindade. Pretendemos desenvolver uma reflexão paralela entre liturgia e a Igreja, tendo a Trindade como natureza das duas realidades. A reflexão desenvolvida no texto apresenta como as três pessoas da Trindade compõe a essência da natureza da Igreja e da liturgia. Assim, a origem destas duas realidades são frutos do ciclo das relações criadoras da Trindade:

todo o bem nos vem do Pai, por meio de seu Filho encarnado, Jesus Cristo, na presença em nós do Espírito Santo, e assim na presença do Espírito Santo, por meio do Filho encarnado Jesus Cristo, tudo deve retornar ao Pai e atingir o seu fim, a bem-aventurada Trindade.<sup>4</sup>

O Pai, primeira pessoa da Trindade, é o responsável pela constituição, atuação e continuação da Igreja no tempo, ao longo da história humana.<sup>5</sup> Apesar dela ser obra de Jesus Cristo pelo Espírito Santo, ela não deixa de refletir a ação do Pai ao longo da história. Na criação temos uma forma adequada de compreender este agir do Pai sobre a vida da Igreja, “o eterno Pai, por decisão inteiramente livre e insondável de sua bondade e sabedoria, criou o universo, decretou elevar os homens à participação da sua vida divina, e não os abandonou quando pecaram em Adão” (LG 2). Compreendendo a Igreja como lugar e meio de participação na vida divina, “Deus Pai tem a iniciativa da igreja, pois criou o mundo para salvar-nos em Cristo e, por tanto, na sua Igreja”.<sup>6</sup>

Na experiência de Pentecostes os discípulos, seguidores de Jesus Cristo, agora sentem-se portadores da força do Espírito a partir da missão do próprio Mestre: “pentecostes, fez com que os discípulos se entendessem como uma comunidade messiânica de salvação, continuadora da obra de Jesus Cristo e portadora da salvação do Filho de Deus ao mundo (cf. At 2,42-47)”.<sup>7</sup> Assim, inseridos em Cristo, o

---

<sup>4</sup> VAGAGGINI, C. *O Sentido Teológico da Liturgia*, p. 185.

<sup>5</sup> Cf. HACKMANN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 69.

<sup>6</sup> SAYES, J. *La Iglesia de Cristo*, p.32.

<sup>7</sup> HACKMANN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 71.

enviado do Pai ao mundo, a Igreja se torna herdeira de sua missão, missão que é proveniente do Pai. A missão da Igreja é a missão do Pai confiada ao Filho.

No centro da missão que o Pai confiou a Jesus está o mandado de fazer discípulos “batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Portanto, é um dos elementos da missão da Igreja atuar na mediação de comunhão entre Deus, que é o pai criador, e a humanidade. Relação que se estabelece em uma nova forma de filiação. Nesta relação de filiação divina se destaca a compreensão que a *Lumen Gentium* apresenta a partir de uma perspectiva positiva da criação. A filiação divina, restaurada no batismo, não está em evidência pela má escolha humana em relação ao pecado, mas pela escolha divina de Deus Pai de elevar a humanidade a dignidade de filhos, assim, “de uma ideia de redenção como reparação, se passa a uma ideia de elevação em Cristo.”<sup>8</sup>

Na dimensão ritual da liturgia a relação com a pessoa do Pai se manifesta na oração do Pai-Nosso, que é expressão da filiação divina. Na dimensão litúrgica a presença do Pai se revela na dinâmica da criação como doador das bênçãos, fonte da qual a liturgia tem sua existência e natureza, na medida que a ação litúrgica é expressão de louvor ao Pai pelos benefícios concedidos (Cf. CIC 1083). Portanto, é a Ele, Deus Pai, autor e fim último de toda a Criação, a quem devem se dirigir todas as orações e preces da Igreja, tendo a Cristo como mediador na unidade do Espírito Santo. “Na liturgia, Deus é sempre ‘o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que nos abençoou com toda bênção espiritual nos céus, em Cristo’ (Ef 1,3; 2Cor 1,3)”.<sup>9</sup>

A *Lumen Gentium* quando se refere a missão e a obra do Filho no mistério da Igreja, citando Efésios 1,4-5, o coloca no centro da criação onde todas as coisas foram feitas nele e por ele. Deste modo a Igreja é constituída no Filho, assim, é na sua encarnação que acontece a sua origem (LG 3). As ações e palavras de Jesus com os acontecimentos salvíficos revelam o desígnio do Pai, que prepara a Igreja que terá seu início histórico em Pentecostes pelo Espírito Santo. “A Igreja começa com a revelação do mistério de Cristo e com a redenção efetuada por ele em obediência ao

---

<sup>8</sup> VITALI, D. *Lumen Gentium*, p. 44. “da un'idea della redenzione come riparazione si passa all'idea di elezione in Cristo”.

<sup>9</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja*, p. 75.

Pai".<sup>10</sup> A Igreja nasce a partir da missão de Cristo e se constitui no anúncio e realização do Reino. Na medida que as ações de Jesus inauguram o Reino de Deus na terra, elas preparam a vinda da Igreja como sinal sacramental do Reino. Em decorrência desses fatos, se tornam inconsistente as discussões de oposição entre o Reino de Deus e a Igreja.<sup>11</sup>

As ações de Cristo desenvolvem a preparação da Igreja: a encarnação como elemento fundamental da constituição da Igreja; a origem histórica da Igreja, que nasce do mistério da paixão; morte e ressurreição de Jesus, com a vinda do Espírito Santo; o aspecto ritual e simbólico da última ceia como plena realização da palavra de Deus e salvação; a escolha e o chamado dos discípulos e sua consequente formação para missão; a experiência de Paulo, que constitui os elementos fundamentais do ser apóstolo; a plenitude do poder apostólico como poder disciplinar e doutrinal; a missão de Pedro; o envio do Espírito Santo, concretizando a estrutura da Igreja e lhe dando compreensão correta da sua missão.<sup>12</sup>

As ações da vida e do ministério de Cristo são também elementos e fontes para compreensão da liturgia e da sua natureza, enquanto realidade simbólica sacramental. A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, ao apresentar a natureza da liturgia, tem como fundamento o Mistério de Cristo, dentro da dinâmica da economia da salvação:

quando veio a plenitude dos tempos, mandou o seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, para anunciar a boa-nova aos pobres, curar os contritos de coração, médico da carne e do espírito, mediador entre Deus e os homens. Com efeito, sua humanidade, na unidade da pessoa do verbo, foi o instrumento de nossa salvação. Pelo que em Cristo deu-se o perfeito cumprimento da nossa reconciliação com Deus e nos foi comunicada a plenitude do culto divino (SC 5).

---

<sup>10</sup> SAYES, J. *La Iglesia de Cristo*, p. 38. "A Igreja começa por ser a revelação do mistério de Cristo e da redenção por Ele efectuada em obediência ao Pai". "La Iglesia comenza com la revelación del misterio de Cristo y com la redención efectuada por él en obediencia al Padre".

<sup>11</sup> Cf. KASPER, W. *A Igreja Católica*, p.126-127.

<sup>12</sup> Cf. HACKMAN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 88-89.

A obra de Cristo em vista da salvação da humanidade constitui a plenitude dos tempos, redimindo o gênero humano. A reconciliação com Deus é concedida pelo Mistério Pascal de Jesus Cristo, que morrendo deu-nos a vida e morrendo destruiu a morte. A Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão formam o fundamento central do conjunto dos eventos salvíficos operados por Cristo. Esse evento é o fundamento e o conteúdo central do culto cristão. As celebrações litúrgicas, de modo particular a da eucaristia, possuem a finalidade de perpetuar e atualizar a experiência Pascal Cristo na Igreja: “nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal: lendo ‘o que se referia a Ele em todas as Escrituras’ (Lc 24,27), celebrando a Eucaristia, na qual ‘se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte’” (SC 6).

Na última ceia Jesus deixa o mandato para os discípulos repetirem o seu gesto de fração do pão dizendo: “Fazei isso em memória de mim” (1 Cor 11,24). Na ação litúrgica, a Igreja cumpre o mandato de Cristo e participa da sua missão de comunicar as palavras dele recebida e de levar a efeito o próprio anúncio através do sacrifício e dos sacramentos. Assim na ação litúrgica sacramental a Igreja se torna a continuadora da obra sacerdotal de Cristo. A imagem de Cristo Sumo Sacerdote, mediador entre Deus e homens, é real na liturgia pela experiência da sua presença, que se manifesta de forma visível de diferentes modos. “Com razão se considera a Liturgia como o exercício da função sacerdotal de Cristo. Nela, os sinais sensíveis significam e, cada um à sua maneira, realizam a santificação dos homens” (SC 7). Particularmente de modo real e substância eucaristia:

Como senhor e cabeça da Igreja, Cristo permanece junto dela e se faz presente principalmente nos atos litúrgicos de diversos modos para realizar a salvação [...] os modos ou graus da presença do Senhor na liturgia confirmam que esta é, antes de tudo ação de Cristo, o qual associa ao exercício de se sacerdócio todos os fiéis em força do batismo.<sup>13</sup>

A consumação da obra do Pai por parte de Jesus Cristo leva a Igreja para um novo momento, o tempo do Espírito:

---

<sup>13</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja*, p. 36.

A partir da glorificação de Jesus, ele pode ser o Espírito do Pai e do Filho, pode se comunicar a partir da plenitude do evento trinitário por antonomasia: movido pelo Espírito, o Filho entregará sua própria vida e antecipará, em meio à história humana, os tempos finais, a nova criação.<sup>14</sup>

Deste modo se manifesta a profunda unidade de comunhão da ação de Cristo e do Espírito Santo, é Ele que envia o Espírito sobre a Igreja. E a partir dessa manifestação é que a Igreja se constitui como uma comunidade. Preparada por Cristo a Igreja passa a “acontecer na história, por ocasião da efusão de seus dons em Pentecostes, quando os apóstolos se reúnem e se entendem como a comunidade de Jesus Cristo, o Messias Redentor”.<sup>15</sup> Manifestada pelo Espírito Santo a Igreja vive nele a experiência da comunhão e da sua missão:

A igreja se mostrou publicamente em Pentecostes como criatura do Espírito (At 2,1-13). Ele fez com que os cristãos fossem um só coração e uma só alma (At 4,32). Foi ele também que deu o impulso para a missão e indicou à jovem igreja reiteradamente vias inesperadas e surpreendentes e abriu-lhe portas.<sup>16</sup>

Pelo Espírito a Igreja é assistida com os dons que lhe sustentam ao longo da história em sua missão e pela incorporação a Cristo no batismo mediante o Espírito ele dá acesso aos crentes ao Pai, é por ele que brota a vida como fonte que jorra para vida eterna (Cf. LG 5). “É com a missão do Espírito Santo que a Igreja se constrói e nasce. A Igreja nasce no Pentecostes, com o envio pessoal e diferenciado do Espírito”.<sup>17</sup> Assim, “o Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num

---

<sup>14</sup> FUENTE, E. *Eclesiología*, p. 66. “A partir de la glorificación de Jesús podrá ser el Espíritu del Padre y del Hijo, podrá comunicarse desde la plenitude del acontecimiento trinitario por antonomasia: movido por el Espíritu, el hijo hará entrega de la propia vida y anticipará em médio da la historia de los hombres los tempos finales, la nueva creación”.

<sup>15</sup> HACKMANN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 90.

<sup>16</sup> KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 185.

<sup>17</sup> SAYES, J. *La Iglesia de Cristo*, p. 45. “Con la misión del Espíritu Santo es como se construye y nace a Iglesia. La Iglesia nace en pentecostes, con el envío personal y diferenciado del Espíritu”.

templo (cfr. 1 Cor. 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos (Cfr. Gál. 4,6; Rom. 8, 15-16. 26)” (LG 5).

Na liturgia o Espírito Santo desempenha também uma função constitutiva na mesma relação e força criadora que desempenha na natureza e na origem da Igreja, pela dimensão sacerdotal de Cristo:

Jesus Cristo dá continuidade à sua ação e à sua presença nas celebrações litúrgicas, entregando o seu Espírito e manifestando-se no seu Espírito. O Espírito faz surgir o sacerdócio na Igreja, vivificando-a. Sem o poder do Espírito, seria impossível celebrar a liturgia; por isso as celebrações litúrgicas começaram em pentecostes.<sup>18</sup>

A Igreja ora e canta nas celebrações mediante o Espírito Santo, que torna a liturgia um dom para a Igreja, na medida que é ele que concede a Igreja celebrar em unidade e comunhão os mistérios da salvação. É pelo Espírito Santo e mediante ele que os ritos alcançam a eficácia daquilo que celebram e significam. No Espírito Santo a Igreja quando se reúne em assembleia litúrgica, ao mesmo tempo que se alimenta, manifesta a presença da comunhão de amor da Trindade. A terceira pessoa da Santíssima Trindade sendo essencialmente amor e comunhão, transmite e faz a Igreja viver a mesma experiência de caridade pelas ações litúrgicas. Reunidos, assistidos e acompanhados pelo Espírito, a Igreja tem na força do próprio Espírito Santo a fonte de sua vida litúrgica.

Ao concluirmos a reflexão da Trindade como um dos elementos fundamentais próprios da natureza da Igreja e da liturgia introduzimos brevemente o que adiante será abordado de modo mais amplo, quando falarmos da imagem da Igreja como sacramento e comunhão.

Podemos entender a igreja como ícone que presentifica a Trindade. A sua *communio* não só reflete a *communio* intratrinitária, mas a presentifica; toda

---

<sup>18</sup> BOROBIO, D. *A celebração da Igreja*, p. 260.

a sua vida, especialmente a eucaristia, é impregnada por essa *communio*, de modo que participamos da vida trinitária.<sup>19</sup>

Kasper acentua a relação entre a Igreja e a Liturgia sobre a perspectiva da comunhão. Da relação trinitária da comunhão a Igreja é um dos frutos. E ao mesmo tempo a Igreja é manifestação dessa comunhão de amor trinitário pela liturgia.

### 1.1.2 A Igreja e a liturgia como mistério e sacramento

A imagem da Igreja como mistério e sacramento foi retomada na reflexão eclesial ao longo das últimas décadas e teve na eclesiologia do Concílio Vaticano II a consolidação da sua expressão. A Igreja como mistério, a partir da imagem bíblica e patrística, por anos foi renegada por uma imagem eclesial de caráter predominantemente jurídico e político de modo particular no período medieval.<sup>20</sup> A encíclica *Mystici Corporis* do Papa Pio XII em 1943 já apresentava a imagem da Igreja a partir da dimensão do mistério como corpo místico de Cristo:

Ora, para definir e descrever esta verdadeira Igreja de Cristo - que é a santa, católica, apostólica Igreja romana - nada há mais nobre, nem mais excelente, nem mais divino do que o conceito expresso na denominação "corpo místico de Jesus Cristo"; conceito que imediatamente resulta de quanto nas Sagradas Escrituras e dos santos Padres frequentemente se ensina (MC 3).

A categoria da Igreja como mistério enquanto realidade simbólica sacramental sintetiza as diversas partes e conjuntos da economia da salvação operadas por Deus na história:

---

<sup>19</sup> KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 116.

<sup>20</sup> Cf. KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 119.

Nesta estrutura, a Igreja apresenta-se como um acontecimento estruturante do *mysterion*: não o absorve nem monopoliza, mas contribui essencialmente para a sua prossecução, porque nela e através dela Deus continua a manifestar a sua vontade amorosa e o seu projeto salvífico; na Igreja exprime-se e actualiza-se o *mysterion* global de Deus, constituindo-se assim como sacramento.<sup>21</sup>

A Igreja no tempo e no mundo é sinal visível da salvação, é sinal da revelação do designio salvífico de Deus, “que quer todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,4). A imagem como sacramento se apresenta no conceito de Agostinho como sinal visível de uma graça invisível.<sup>22</sup>

Na perspectiva da teologia sobre o mistério salvífico de Cristo, a categoria sacramento apresenta a forma e a eficácia da ação de Deus que atua através da Igreja<sup>23</sup>. Essa ação de Deus acontece através da Igreja na medida que ela não só contém a graça salvífica, como a comunica e torna possível o acesso à salvação das pessoas mediante a fé. Através da Igreja, que está presente no mundo e na história, é que se torna presente e real, sacramental, o mistério da salvação. Assim pela sacramentalidade da Igreja a graça de Deus toma uma forma visível comunicando-se ao ser humano e esse de sua parte tem acesso ao mistério da salvação.

Nesta dinâmica do mistério enquanto revelação de Deus e manifestação da graça a salvação que compõe o mistério da Igreja não acontece por sua força própria, mas pela ação de Deus que age misteriosamente, o teólogo Walter Kasper reflete sobre o conceito de mistério afirmando:

---

<sup>21</sup> FUENTE, E. *Eclesiología*, p. 82. “Dentro de esta estructura la Iglesia se presenta como un acontecimiento estructurante del *mysterion*: ni lo absorbe ni lo monopoliza, pero contribuye esencialmente a su prosecución porque en ella y por ella Dios sigue manifestando su voluntad amorosa y su proyecto salvífico; en la Iglesia se expresa y actualiza el *mysterion* global de Dios y por ello queda constituida como sacramento”.

<sup>22</sup> Cf. AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, n. 5.

<sup>23</sup> A *Lumen Gentium* utiliza a expressão “como sacramento” para não contradizer a fixação em sete sacramentos: “em efecto, no quiso que se entendiera como um octavo sacramento. La Iglesia es sacramento em sentido análogo a los siete sacramentos. Participa em Cristo de la estructura sacramental, es decir, es signo visible y eficaz dela salvación quenos há llegado em Cristo. Cristo, revelación del Padre, es el sacramento primordial”. SAYES, J. *La Iglesia de Cristo*, p. 237.



O conceito “mistério”, quando aplicado à Igreja, não é um conceito categorial, mas transcendental. Quando ele é usado, não se visa dizer que na Igreja há “algo” misterioso, mas que nela resplandece e se reflete o mistério que abrange tudo, que impregna tudo e que está presente em tudo, quanto cristãos, chamamos de Deus e que se tornou concretamente manifesto em Jesus Cristo. No entanto, assim como a lua não possui luz própria, mas só pode refletir a luz do Sol, assim sucede também com a Igreja. A Igreja é sinal e instrumento do mistério de Deus revelado em Jesus Cristo.<sup>24</sup>

A realidade do mistério da Igreja é desenvolvida na *Lumen Gentium* (8) que considera o visível e o invisível. O documento conciliar antes de falar da relação entre os membros do Povo de Deus na Igreja se dedica a refletir sobre o mistério da Trindade e o mistério da própria Igreja enquanto realidade histórica e sobrenatural. Essa abordagem é a superação da dicotomia entre Igreja Hierárquica e Carismática<sup>25</sup>. A realidade visível da Igreja a manifesta enquanto sociedade e hierarquia, porém diferente da visão do período medieval marcada pelo caráter jurídico da Igreja, pois ela está para além de ser apenas uma sociedade de cristãos. A realidade sobrenatural, e, portanto, invisível da Igreja, a relaciona com a dimensão do mistério da encarnação e dos próprios sacramentos enquanto sinais de uma graça invisível.

Ao longo da história sempre existiram tensões a cerca dessas duas realidades da Igreja e elas devem permanecer, justo por estar a Igreja a caminho da sua plenitude escatológica, porém, será sempre necessário a busca de um equilíbrio que equacione as duas realidades da natureza da Igreja enquanto corpo visível e sua visão mística sobrenatural. Nessa perspectiva, a Igreja deve caminhar sempre com o espírito de conversão, para que a meta final da salvação seja atingida na Igreja apesar da realidade pecadora inerente a condição humana. Por essa razão a *Lumen Gentium* também aponta a necessidade da conversão da Igreja em vista de sua missão: “contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação” (LG 8).

A analogia com o mistério da encarnação é uma forma de compreender a imagem do mistério da salvação enquanto sacramento, uma vez que na encarnação

---

<sup>24</sup> KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 111.

<sup>25</sup> Cf. VITALI, D. *Lumen Gentium*, p. 53.

Jesus, enquanto pessoa humana, assume um corpo real e de forma visível; e a Igreja, enquanto sacramento torna-se imagem visível e operante do Corpo de Cristo em meio a humanidade e no tempo. “Assim como a natureza assumida serve ao Verbo divino de instrumento vivo de salvação, a Ele indissolavelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja serve ao Espírito de Cristo, que a vivifica” (LG 8). Collantes comentando sobre esse trecho afirma: “Se o sacramento é definido como sinal da graça, ou, para tomar a definição da constituição: sinal e instrumento de união íntima com Deus, deve afirmar-se que a humanidade de Cristo é o primeiro sacramento, o sacramento radical”.<sup>26</sup>

A reflexão teológica inspirada e fundamentada nas Sagradas Escrituras desenvolve a categoria do mistério da Igreja a partir do mistério de Cristo. A realidade do Verbo encarnado é revelação da bondade de Deus (Tt 3,14) e do grande mistério da piedade de Deus (1 Tm 3,16). João, o evangelista, apresenta a imagem de Cristo como a imagem do Pai: “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,19). A Igreja portadora da missão de Cristo terá pelo batismo o modo da incorporação ao mistério de Cristo (Rm 6,3, Gal 3, Mc 16,16) para que através da unidade com Cristo seja um só Espírito (Rm 8,15) sendo a Igreja manifestação da família de Deus (Ef 2,17-21).

A teologia eclesiológica do Concílio Vaticano II possuiu, de modo geral, duas correntes: um modo que defendia uma ideia de resquícios tridentinos de caráter jurídico prescindindo da teologia patrística sobre a realidade eclesial e outra corrente fundamentada na ideia de retorno às fontes, que já possuía uma compreensão sacramental da Igreja. Preponderou na eclesiologia exposta nos documentos conciliares a segunda ideia. Grande contributo para essa visão de Igreja deu a reflexão litúrgica a partir do Movimento Litúrgico começado no início do século XX.

Desde os inícios da discussão conciliar manifestou-se o elemento preciso sobre o qual, como se haveria de patentear, convergia a diferença de posições entre as duas correntes principais do Concílio. Que isto tenha sucedido precisamente na discussão em torno à Liturgia, não tem nada de extraordinário para quem sabe que, falando historicamente, foi exatamente o movimento litúrgico que deu o início, desde 1918, àquela revisão da

---

<sup>26</sup> COLLANTES, J. *La Iglesia de la Palabra*, p. 443. “Si el sacramento se define como un signo de la gracia, o tomando la definición de la constitución: un signo e instrumento de la íntima unión con Dios, hay que afirmar que la humanidad de Cristo es el primer sacramento, el sacramento radical”.

Eclesiologia pós-tridentina cujos frutos se patentearam nas sucessivas elaborações do esquema “De Ecclesia”.<sup>27</sup>

Sendo assim o que até aqui foi referido à Igreja como mistério e sacramento pode também ser refletido sobre a imagem da liturgia. Pois, além de ter sido a corrente litúrgica do Concílio Vaticano II uma fonte para a eclesiologia da Igreja como Mistério e Sacramento, é da essência da liturgia a realidade do mistério como sacramento.<sup>28</sup>

Citando novamente Vaggagini, ele reflete acerca da realidade da sacramentalidade da liturgia, enquanto atualização do mistério de Cristo e lugar de acesso a graça de Deus: “efetivamente, é na liturgia que se atualiza em sumo grau aquela glória dada a Deus em Cristo Jesus e aquela transmissão de vida divina que Ele opera através dos homens e coisas sensíveis”.<sup>29</sup>

A teologia litúrgica do Concílio Vaticano II, desenvolvida como um retorno às fontes da teologia patrística, retoma de modo sólido na reflexão teológica o conceito sacramental ligado ao mistério de Cristo e a História da Salvação. Nesta fundamentação, a liturgia, por meio dos sacramentos e das celebrações litúrgicas, como a celebração das Horas, é o lugar pelo qual o mistério da salvação se atualiza e se prolonga:

A liturgia na sua globalidade (sacramentos, sacramentais, Ofício Divino, etc.) e tudo o que isso envolve [espaço e tempo], enquanto celebração ritual do mistério (de) Cristo, é ela mesma mistério e, portanto, sacramento, isto é, é uma realidade sensível através da qual se comunicam, se manifestam, se tornam presentes tanto a realidade invisível da salvação do gênero humano (dimensão descendente) quanto a perfeita glorificação de Deus (dimensão ascendente). Em outras palavras, a complexidade de linguagens verbais e não verbais, o conjunto dos gestos, sinais, palavras, ritos, espaços, música, movimentos, etc. se torna uma forma operativa na qual a salvação de Jesus é operada comunitária e individualmente.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> VAGGAGINI, C. In. BARAUNA, Guilherme, *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, p. 131.

<sup>28</sup> Cf. MARSÍLI, S. apud MARTIN, J. *A liturgia da Igreja*, p. 74.

<sup>29</sup> VAGGAGINI, C. In. BARAUNA, Guilherme, *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio*, p. 131.

<sup>30</sup> JERÔNIMO, P. *A volta ao Concílio Vaticano II*, p. 7.

A liturgia, sendo um sinal sacramental pelos seus ritos, comunica e celebra os mistérios salvífico de Cristo. Na liturgia a Igreja celebra o momento-síntese de toda a história da salvação: na liturgia se aglutina passado, presente e futuro celebrando o mistério da salvação. A Igreja quando celebra os sacramentos, é ela mesma sacramento universal de salvação na medida que se torna sinal sensível e acesso à graça de Deus. A Igreja desde o início compreendeu, iluminada pelo Espírito Santo, “que tudo o que era visível em Jesus, o que podia ser visto com os olhos e tocados com as mãos, suas palavras e gestos, a concretude da Palavra encarnada, havia passado para a celebração dos sacramentos” (DD 9).

O mistério da Igreja se fundamenta no mistério da salvação plenificado em Cristo. A liturgia em seu caráter sacramental participa e, de algum modo, serve sendo sinal do mesmo mistério. Esta realidade de salvação foi preparada ao longo dos séculos no povo de Israel, tendo sua plenitude em Cristo e perpetuado no tempo pela Igreja de modo sensível pelos sacramentos que a atualizam. A *Sacrosanctum Concilium* ao se referir sobre a natureza da liturgia a coloca em relação com a história da salvação apresentando o Mistério de Cristo como centro da liturgia:

esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo Mistério Pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão; por este mistério, Cristo, morrendo, destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida. Pois, do lado de Cristo agonizante sobre a cruz, nasceu “o admirável sacramento de toda a Igreja (SC 5).

A liturgia na celebração dos seus sacramentos, e de modo especial pela eucaristia, celebrando o Mistério Pascal de Cristo atualiza e torna presente o mistério salvífico de Cristo na dimensão ritual memorial. Na celebração litúrgica os mistérios de Cristo tornam presentes a graça da intervenção divina na história, em Cristo ocorrida uma única vez, mas que se repete e atualiza todas as vezes em que a Igreja se reúne para celebrar.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Cf. MARTIN, J. *A liturgia da Igreja*, p. 79.

### 1.1.3 A liturgia como fonte e cume da vida da Igreja

A definição que a *Sacrosanctum Concilium* apresenta de liturgia como o cume e a fonte da vida da Igreja, expressa um conteúdo teológico que relaciona às áreas da eclesiologia da liturgia e da espiritualidade. Tal expressão indica e pode aprofundar a dimensão que a Igreja e liturgia possuem no que diz respeito a sua essência missionária e a comunhão.

O documento conciliar ao desenvolver a temática do lugar da liturgia na vida da Igreja, diz que a primeira missão da Igreja é pregar o evangelho aos que ainda não creem, para que venham a conhecer ao Deus verdadeiro. Nesta missão da Igreja se evidencia, conforme a Constituição sobre a liturgia, uma primazia dos sacramentos, porém, não exclusiva e nem definitiva. A Igreja tem como missão pregar o evangelho aos que não acreditam, “dispô-los aos Sacramentos, de ensiná-los a guardar tudo o que Cristo mandou, de estimulá-los a tudo o que seja obra de caridade, de piedade e apostolado, onde os cristãos possam mostrar que são a luz do mundo” (SC 9). E para aqueles que já aderiram a fé da Igreja sempre se faz necessário um caminho de conversão e penitência para participar com maior intensidade do mistério de Cristo na liturgia.

Deste modo, na liturgia existe uma dimensão compartilhada com a missão da Igreja: “na verdade, o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Batismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor” (SC 10). Desta forma a liturgia se torna o cume para onde se orienta toda ação da Igreja. Para se chegar ao fim último da missão da Igreja que é o anúncio e a vivência do Reino de Deus, a liturgia se torna a experiência real e simbólica de salvação. A liturgia é sinal sacramental da comunhão com Deus e os irmãos.

Cavagnoli aprofunda que para além da relação com a missão da Igreja na conversão do não cristãos, não se prescinde da missão como fonte de vida cristã para os já batizados:

De fato, tanto para os não crentes quanto para os crentes, são necessárias a conversão e a penitência: para os primeiros, na medida em que os dispõem ao conhecimento de Deus e de seu Filho, distanciando-se de seus caminhos. Para os segundos, por outro lado, a conversão e a penitência se traduzem na observância de tudo o que Cristo ordenou (cf. Mt 28,20), concretizando esse cumprimento em obras de caridade, piedade e apostolado.<sup>32</sup>

Portanto, quando o Concílio expressa que a liturgia é o cume da vida da Igreja esta afirmação não pode ser tomada a partir de uma análise radical, a tal ponto que se pense que o fim da missão seja a liturgia e que ela tenha primazia. O que se quer afirmar ao dizer que a liturgia é o cume da vida da Igreja é reconhecer que por meio dela que se alcança a plenitude do mistério da Igreja, que é o mistério de Cristo:

A constituição litúrgica do Vaticano II fez seu esse pensamento e inseriu-o no quadro mais amplo de toda a história da salvação (SC 5-13). Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus, cumpriu a vontade salvífica do Pai – depois da preparação por meio dos feitos históricos-salvíficos do AT – mediante o mistério pascal da sua paixão e glorificação (SC 10).

Desta experiência sacramental na plenitude, o cume, do mistério de Cristo brota uma vertente de graça, que o documento conciliar denomina como fonte. A vivência da experiência sacramental e celebrativa leva ao fiel que dela participa para um segundo ato, uma ação de caridade a partir daquilo que celebrou:

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos mistérios pascais, a viverem unidos no amor; pede que sejam fiéis na vida a quanto receberam pela fé; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, e aquece os fiéis na caridade urgente de Cristo. Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja (SC 10).

---

<sup>32</sup> CAVAGNOLI, G. *Culmine e fonte: la parola al concilio*. p. 8. “Tanto per i non credenti quanto per i credenti, infatti, si richiede la conversione e la penitenza: per i primi, in quanto li dispongono alla conoscenza di Dio e del suo Figlio, prendendo le distanze dalle loro vie. Ai secondi, invece, la conversione e la penitenza si traducono nell’osservare tutto ciò che Cristo ha comandato (cfr. Mt 28,20), concretizzando tale adempimento nelle opere di carità, di pietà e di apostolato”.

Embora a *Sacrosanctum Concilium* apresente a liturgia como o cume e a fonte, diversos outros documentos da Igreja<sup>33</sup>, incluindo a *Lumen Gentium*<sup>34</sup>, afirmam ser a Eucaristia a fonte na qual a Igreja encontra a sua força. Neste ponto fazemos uma leitura de unidade, onde a eucaristia sacramento que por excelência manifesta a presença de Cristo, não exclui a mesma presença em outros elementos da liturgia.<sup>35</sup> A discussão acerca deste tema retoma o caminho realizado pelo Movimento Litúrgico que desejava fazer da liturgia a fonte espiritual da Igreja<sup>36</sup>

Assim, na forma como compreendemos esse tema será possível falar da Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade, uma vez que está intimamente relacionada com a liturgia e possui uma realidade particular com a eucaristia. A Introdução Geral da Liturgia das Horas, ao falar da relação com a Eucaristia expressa a ideia de preparação para o louvor eucarístico e que a Liturgia das Horas “alarga aos diferentes momentos do dia o louvor e ação de graças, a memória dos mistérios da salvação, as súplicas, o antegozo da glória celeste, contidos no mistério eucarístico, ‘centro e vértice de toda a vida da comunidade cristã’” (IGLH 12). Desta forma na celebração do mistério de Cristo veremos como a Liturgia das Horas é uma expressão e um modelo da liturgia como cume e fonte.

A liturgia como cume e fonte da vida da Igreja terá um desenvolvimento próprio ao longo desse trabalho quando abordaremos a temática da Liturgia com fonte de espiritualidade da vida da Igreja. Afirmar a liturgia ser cume e fonte significa reconhecer a graça sacramental operada por Cristo na Igreja de modo especial pela eucaristia, mas que também se manifesta nas demais celebrações e na oração da

---

<sup>33</sup> LG 11, *Unitatis redintegratio* 15, *Christus Dominus* 30, *Perfectae caritatis* 6, *Optatum totius* 16, *Ad Gentes* 9, *Presbyterorum ordini* 5. Cf. AUGÉ, M. *La liturgia culmen et fons nei documenti conciliari e postconciliari*, p. 23.

<sup>34</sup> “Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela” (LG 11).

<sup>35</sup> “Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – ‘O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz’ -quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu dinamismo nos Sacramentos, de modo que, quando alguém batiza, é o próprio Cristo que batiza. Está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele que prometeu: ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles’ (Mt. 18,20)” (SC 7).

<sup>36</sup> Cf. CAVAGNOLI, G. *Culmine e fonte*. p. 7.

Igreja através dos louvores e súplicas celebradas ao longo das horas do dia pelo ofício divino.

## 1.2 ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

A espiritualidade consiste na dimensão humana que se eleva para além das circunstâncias temporais. A pessoa humana no anseio de conhecer-se a si mesmo descobre a realidade espiritual como um elemento próprio de seu ser, dimensão que abre para a realidade transcendente. Na fé cristã brota da experiência pessoal como Jesus Cristo. Assim as dimensões antropológicas e da fé são os fundamentais para desenvolver o conceito da espiritualidade litúrgica.

A partir desses dados a experiência de fé se abre para uma adesão cristã com o chamado a transformação da vida em Cristo, que se dá pelos sacramentos e pela vida de oração. Assim, apresentamos uma reflexão apresentando os elementos que constituem a liturgia como centro da vida espiritual cristã.

### 1.2.1 A espiritualidade cristã

Iniciamos a reflexão sobre a espiritualidade litúrgica procurando compreender o tema da espiritualidade, que necessita ser vista a partir de um ponto integrador, que não dissocie espírito e vida. Há diversos conceitos e pensadores que desenvolvem o tema da espiritualidade e, isto, pode levar a certa indiferença sobre o tema, o teólogo Hans Urs Von Balthasar analisando esse fato aponta para uma opção:

Embora sumária e geral, tal amplitude do conceito “espírito” não deveria ficar para nós como qualquer coisa de irremediavelmente indefinido e vago. Embora usada com tonalidades diversas, esta palavra implica, quando empregada, uma – pelo menos uma! – opção bem clara, a saber: que o



homem se compreende a si mesmo como espírito e que só através do espírito sabe definir-se.<sup>37</sup>

Assim, para o ser humano chegar ao conhecimento de si, ele não pode negar esta realidade do espírito como parte integrante do seu ser. No desenvolvimento histórico da categoria do espírito, Lima Vaz entende que exista um protesto e uma negação contra esta categoria:

sabemos que o passo que nos leva da corporalidade e do psiquismo ao espírito tem sua legitimidade veemente contestada pelas correntes mais poderosas e influentes da filosofia pós-hegeliana. Na verdade assistimos, nos séculos XIX e XX, um imenso e clamoroso protesto contra o espírito que ecoa, ensurdecedor, em todos os espaços da reflexão filosófica e parece elevar-se das abaladas profundezas da cultura ocidental.<sup>38</sup>

O ser humano possui a necessidade de reconhecer-se, de chegar à conclusão da verdade que ele é e possui em si mesmo: “um só e único caminho existe para quem ande a caminho da própria definição: aceitar-se como um fenômeno unitário cujo centro reside no espírito”.<sup>39</sup> E, assim, é pelo espírito que a pessoa encontra o espaço para a transcendência:

o espírito não pode, por conseguinte, ser considerado, em sua amplitude transcendental, uma estrutura ontológica do homem irrevogavelmente ligada à sua contingência e finitude, como são o somático e o psíquico. O espírito é, segundo a terminologia clássica, uma *perfectio simplex*: em si mesmo, atualidade infinita do ser. Por isso mesmo, é pelo *espírito* que o homem participa do Infinito ou tem indelevelmente gravada no seu ser a marca do Infinito.<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> BALTHASAR, H. *O Evangelho como norma e crítica de toda a espiritualidade na Igreja*, p. 6.

<sup>38</sup> VAZ, L. *Antropologia Filosófica*, p. 182.

<sup>39</sup> BALTHASAR, H. *O evangelho como norma e crítica de toda a espiritualidade na Igreja*, p. 6.

<sup>40</sup> VAZ, L. *Antropologia Filosófica*, p. 182-183.

Esta realidade espiritual presente no ser humano está em profunda integralidade com o todo o seu ser. Por isso, não deve haver uma dissociação ou oposição entre corpo e espírito. É uma realidade que abarca a totalidade do ser humano, corpo e espírito compõem uma unidade integral, embora sejam elementos que não se confundam, também não se separam, pois é no corpo que expressamos o que realmente somos e sentimos.<sup>41</sup> Balthasar apresenta uma definição de espiritualidade como atitude radical e prática existencial, isto é “o resultado e a expressão da auto compreensão do homem, enquanto ser religioso, ou, dum modo mais generalizado, resultado e expressão da sua auto realização como ser eticamente comprometido”.<sup>42</sup>

Portanto, vemos que a espiritualidade deve compreender-se como parte da estrutura humana, não sendo aceito uma relação de superioridade ou inferioridade em relação as outras dimensões humanas. A espiritualidade é responsável pela unidade do ser de cada pessoa:

podemos falar da integração afetiva, comunitária, psicológica e intelectual. Isso só acontece, quando somos movidos por algum espírito que dá unidade ao que somos, queremos e fazemos, repercutindo, assim, na identidade da pessoa e da sociedade onde ele vive. Por isso também, é que podemos dizer sem medo de errar, que a espiritualidade dá o “eixo” da pessoa e do sistema social.<sup>43</sup>

O espírito no sentido antropológico e filosófico corrobora para a ideia da unidade. A espiritualidade, especificamente cristã, é o desenvolvimento da vida que se reconhece guiada pelo espírito, procurando viver a integralidade do seu ser e do seu agir de forma coerente. Ela encontra na celebração litúrgica do Mistério Pascal de Cristo a fonte de toda a espiritualidade cristã.

---

<sup>41</sup> Cf. COSTA, V. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 35-36.

<sup>42</sup> BALTHASAR, H. *O evangelho como norma e crítica de toda a espiritualidade na igreja*, p. 5.

<sup>43</sup> COSTA, V. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 36.

Em uma breve análise histórica, que será desenvolvida de modo mais abrangente no próximo capítulo, se constata que a relação entre espiritualidade e liturgia passou por momentos distintos. Em um primeiro momento de estreita relação: “a vida espiritual no período patrístico poder-se-ia caracterizar como mistagógica vinculada à celebração dos Sacramentos, portanto, litúrgica”.<sup>44</sup> Porém, como será analisado, haverá uma longa ruptura entre o período medieval até o século XIX. Haverá fases em que a experiência litúrgica não se constituiu como o ápice e nem a fonte da vida cristã. Entretanto, não se pode negligenciar o fato que a liturgia acompanha a vida dos fiéis ao longo de toda a história da Igreja. Nesta realidade histórica vemos que o tema da espiritualidade ao longo do tempo foi tomando o seu lugar na reflexão teológica,

o substantivo *spiritualitas* já aparece no século V, assume matizes diversos na Idade Média e só no século XVII se impõe para exprimir o encontro e a relação dos seres humanos com Deus. Quase ausente durante o século XIX, em nosso século (século XX) a espiritualidade tornou-se tema frequente, e ocupa cada vez mais um lugar central na reflexão teológica.<sup>45</sup>

A definição do termo espiritualidade empregada nas Sagradas Escrituras - de modo especial por São Paulo - faz referência ao cristão que se deixa levar pelo espírito para chegar a vivência e coerência de sua filiação divina. É deste conceito Paulino que surge o termo *espiritualidade* no século V. Mais tarde, no século XVII em discussões acerca deste tema é que a espiritualidade deixa de ser compreendido com referência a “vida no espírito”, para designar as formas de entender a vida espiritual, como por exemplo: “espiritualidade sacerdotal”, “espiritualidade laical”, “espiritualidade carmelitana”, entre muitas outras difundidas. Esta última compreensão de espiritualidade é a que chegou até o nosso período, porém, aos poucos exige o esforço de retorno ao conceito primário.<sup>46</sup> A espiritualidade como

---

<sup>44</sup> SILVA, V. *Lex orandi – fonte da espiritualidade cristã*, p. 103.

<sup>45</sup> ESPEJA, J. *Espiritualidade cristã*, p. 27-28.

<sup>46</sup> Cf. BELDA, M. *Guiados por el Espíritu de Dios*, p. 24.

disciplina teológica é relativamente moderna, somente no século XX houve a incorporação nos currículos de teologia nas Faculdades e Centros de estudos.<sup>47</sup>

Nas últimas décadas com a reaproximação da espiritualidade e da liturgia cresceu a compreensão da necessidade de relação recíproca destas realidades como critério para uma vida cristã mais autêntica. O ponto de partida para a experiência espiritual cristã está radicado na fé em Jesus Cristo: “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DC 1). É por isso, “que sem uma referência fundante em Jesus Cristo, não existe espiritualidade cristã e nem intimidade duradoura com o espírito”.<sup>48</sup> E, assim, abre-se a vida para um caminho de transformação onde devemos considerar como ponto de partida “na espiritualidade cristã a fé, como resposta integral à auto comunicação de Deus, levando a pessoa a uma decisão fundamental que engloba todas as dimensões da vida”.<sup>49</sup>

A partir desta experiência de fé com Jesus Cristo os sacramentos surgem como a realidade sensível que simbolizam de modo eficaz a inserção na vida cristã, de modo particular pelos sacramentos da iniciação cristã. Como sinais da realidade sobrenatural da graça de Deus que transforma a vida de cada fiel e são, por assim dizer, os propulsores que levam cada crente a assumir um caminho espiritual de assimilação a Jesus Cristo. É preciso assumir em suas vidas as virtudes e os dons que vem Dele e de conformação com as realidades no desenvolvimento da vida cristã em um ideal de conformação a Cristo: “Tertuliano já dizia que os ‘cristãos se fazem, não nascem’. Isso vale para qualquer religião. Para ‘tornar-se’ algo novo é preciso passar por um processo de iniciação que envolve mais do eu conhecer ideias”.<sup>50</sup>

Portanto, a espiritualidade cristã pressupõe e necessita que a pessoa guiada pelo Espírito tenha um encontro pessoal com Jesus Cristo, que transforma a vida de

---

<sup>47</sup> Ibidem. p. 14-16.

<sup>48</sup> COSTA, V. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 37-38.

<sup>49</sup> GAMARRA, S. *Teologia Espiritual*, p. 83.

<sup>50</sup> CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação a vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*, n. 15.

cada fiel através da filiação divina e inserção eclesial mediante o batismo, buscando desenvolver um itinerário espiritual que vise a vivência a configuração ao próprio Cristo e a bem-aventurança prometida por Jesus.

A vida espiritual manifesta-se na medida em que o homem percebe a sua transcendência sobre o periférico e o insubstancial, tomando consciência da profundidade do seu próprio ser e entrando em comunhão com os outros seres humanos através do conhecimento e do amor. Esta vida desenvolve-se, atingindo outros graus de perfeição, quando, seguindo o dinamismo da própria inteligência, o ser humano chega ao conhecimento de Deus e se abre, pelo amor, à relação com esse Deus.<sup>51</sup>

Cipriano Vagaggini explica em que consiste a perfeição cristã, meta para qual tende a Espiritualidade Cristã. Diz ele que perfeição consiste em um estado ao qual nada falta. No ser humano a perfeição pode ser natural e sobrenatural. No que consiste ao sobrenatural ela sempre irá considerar e necessitar da ordem natural, uma vez que a graça pressupõe a natureza. Afirma que o agir humano sempre segue a ordem do ser e que quando o agir não segue ou não alcança as possibilidades do ser, é assim considerado pecaminoso, por não seguir, ou imperfeito, por não alcançar. Segue apresentando que no ser cristão existe a participação humana na natureza divina, que chamamos de graça santificante. A graça confere ao crente virtudes divinas, que chamamos de teologais: fé, esperança e caridade. Essa graça sobrenatural tende para o agir cristão que se consolida no que chamamos de ato de caridade.

Tanto graça santificante quanto ato de caridade podem ser possuídos ou realizados em maior ou menor grau, e nesta terra, são sempre sujeitos ao aperfeiçoamento e à diminuição. O seu aumento depende de Deus que os

---

<sup>51</sup> BELGA, M. *Guiados por El Espíritu de Dios*, p. 20. “a vida espiritual manifesta-se na medida em que o homem percebe a sua transcendência sobre o periférico e o insubstancial, tomando consciência da profundidade do seu próprio ser e entrando em comunhão com os outros seres humanos através do conhecimento e do amor. Esta vida desenvolve-se, atingindo outros graus de perfeição, quando, seguindo o dinamismo da própria inteligência, o ser humano chega ao conhecimento de Deus e se abre, pelo amor, à relação com esse Deus”.

infunde e do mérito que, depois da primeira graça, cada um pode e deve adquirir agindo por ela.<sup>52</sup>

Responder positivamente a esta tendência à perfeição é a finalidade da espiritualidade na vida cristã, procurando fazer com que a pessoa busque a partir do seu ser e do seu agir aquele grau de perfeição ao qual Deus designou para determinado momento ou estado de vida. Isto porque a vida cristã é um chamado a crescer, pois na medida em que a pessoa se compreende a si mesma, encontra-se com uma realidade transcendente a ela, que a faz aderir a um modo integral e progressivo de vida:

A vida espiritual cristã nada mais é do que a vida cristã vivida de forma plena, consciente e consistente. Em outras palavras, é aquele modo de viver em que as virtudes cristãs por excelência - ou seja, a fé, a esperança e a caridade - desdobram todas as suas potencialidades, dando origem a um conjunto de convicções do intelecto, decisões da vontade e ações do coração que dão uma fisionomia completa à existência do cristão que sabe que é chamado a viver como filho de Deus.<sup>53</sup>

A espiritualidade cristã refuta qualquer fragmentação imposta pela sociedade e cultura atual, a vida em Cristo é fundamentada na experiência da unidade onde: “viver em Cristo e ser em Cristo são conceitos que expressam uma espiritualidade muito prática e autêntica que marcou os primórdios do cristianismo, determinando a unidade vivida da existência humana na fé”.<sup>54</sup> A reflexão da espiritualidade “na tradição cristã de países latinos, foi frequentemente interpretada, numa visão dualista e mentalidade maniqueísta, como realidade separada, quando não inimiga, do

---

<sup>52</sup> VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da Liturgia*, p. 556.

<sup>53</sup> BELDA, M. *Guiados por El Espíritu de Dios*, p. 21. “la vida espiritual Cristiana no es otra cosa que la vida cristiana plena, consciente y coherentemente vivida. En otro términos, es aquel modo de vivir en el que las virtudes cristianas por excelência – o sea, la fe, la esperanza y la caridade – despliegan todas sus virtualidades, dando origen a un conjunto de convicciones de la inteligéncia, decisiones de la voluntad y actudes del corazón que dotam de fisionomia acabada a la existência del Cristiano que se sabe llamado a vivir com hijo de Dios”.

<sup>54</sup> COSTA, V. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 39.

corpóreo e material”.<sup>55</sup> Esta compreensão fragmentada da vida humana frente à vida espiritual vem sendo reordenada pela reflexão teológica, buscando compreender a integralidade da pessoa humana. Integralidade que está radicada e fundamentada na experiência de unidade da Trindade, pois a vida espiritual:

No contexto cristão, portanto, significa a vida que se desenvolve e se desenvolve quando o homem sabe que é chamado por Deus, ou seja, habitado pelo Espírito que, incorporando Cristo, o conduz à comunhão com Deus Pai<sup>56</sup>

Guiados pelo Espírito que procede do Pai pelo Filho a vida espiritual não consiste apenas numa dimensão transcendente da alma, ela possui em sua essência a dimensão humana e concreta na vida, pois,

Ele mesmo, com todo o Seu ser pessoal, fez-Se presente no mundo e na história; aproximou-Se do homem, comunicando-lhe a Sua graça e convidando-o a participar na Sua amizade. Deus Pai, fonte e origem de toda a Trindade, aproximou-se dos homens através da Encarnação do Filho e do envio do Espírito Santo.<sup>57</sup>

E a exemplo desta realidade Trinitária, em Cristo encarnado na história, a espiritualidade cristã necessita do mesmo modo ser encarnada para abranger a integralidade da vida humana. A vida litúrgica é esta expressão sacramental da realidade encarnada de Cristo no meio da sua Igreja. É pelos sacramentos que ele continua a comunicar-se no mistério da Igreja. E a nutrir a vida espiritual da Igreja.

---

<sup>55</sup> ESPEJA, J. *Espiritualidade cristã*, p. 27.

<sup>56</sup> BELGA, M. *Guiados por El Espíritu de Dios*, p. 21. “Significa, pues, en contexto Cristiano, la vida que se despliega e desarrolla cuando el hombre se sabe interpelado por Dios, más aún, habitado por el Espíritu, que, incorporándolo Cristo, lo conduce hasta la comunión con Dios Padre”.

<sup>57</sup> *Ibidem.*, 20-21. “El mismo, con todo su ser personal, se há hecho presente em el mundo y em la historia; se há acercado al hombre, comunicándole su gracia e invitándole a participar de su amistad. Dios Padre, fuente y origen de toda la Trinidad, se há acercado a los hombres mediante la Encarnación del Hijo y el envío del Espíritu Santo”.

### 1.2.2. O Mistério de Cristo, fundamento da Espiritualidade Litúrgica

A fé na pessoa de Jesus Cristo constitui-se como elemento central da espiritualidade cristã, foi o que analisamos no ponto anterior. Partindo desta afirmação desenvolveremos essa centralidade de Cristo relacionada com a Liturgia, onde o Mistério de Cristo é o conteúdo próprio da ação litúrgica. O batismo é o sacramento que insere aquele que fez experiência com Jesus, no caminho da vida cristã e, portanto, vida espiritual. Essa inserção compreende a participação no sacerdócio de Cristo, “o sacerdócio comum, ‘por ser ontologicamente comunhão com Jesus e consagração do Espírito, realmente ‘habilita’ para esse diálogo e salvação, fazendo do cristão sacerdote do novo culto de oração”.<sup>58</sup> Habilitado ao diálogo pela oração o batismo é também para os batizados um chamado constante a conversão “mediante a qual eles se oferecem para o serviço de amor a Deus e aos homens, aderindo à noção de Cristo, que em sua vida entre nós e a oferta de si próprio, santificou a vida de todos os seres humanos” (LC 8). Assim, a espiritualidade cristã é um caminho de assimilação da vida de cada discípulo a vida de seu Mestre, Jesus.

No caminho de assimilação a Cristo o batizado procura viver um ideal de perfeição cristã, como já dito, e possui na espiritualidade o meio para tal tarefa. Acontece através de atos litúrgicos e ritos, que também que são fundamentais. Assim, “nesta busca de santidade, o ser semelhante ao modo de ser de Deus, a busca e perfeição, esse processo de relacionamento no tu a tu com Deus realiza-se através de exercícios. Também o conjunto destes exercícios é chamado espiritualidade”.<sup>59</sup>

Esse itinerário que cada cristão vai percorrendo ao longa da sua vida, mediante a iniciação cristã e o amadurecimento da fé, se fundamenta na pessoa de Jesus Cristo. No encontro de Jesus com a Samaritana há uma referência clara sobre a forma como a espiritualidade deve ser exercida: “os verdadeiros adoradores, adorarão o Pai em espírito e em verdade” (Jo 4,23). Embora o culto da Igreja seja formulado e

---

<sup>58</sup> CASTELHANO, J. Teologia e espiritualidade da Liturgia das Horas. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 364.

<sup>59</sup> BECKHAUSER, A. A celebração do mistério de Cristo nas horas do dia. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal*, p. 141.



celebrados em ritos bem definidos, esses atos litúrgicos possuem em sua essência uma realidade primordialmente espiritual.

O culto do Antigo Testamento era caracterizado pela exterioridade e o ritualismo, cuja a centralidade do rito estava fixada a um lugar determinado, em diversos momentos da história de Israel o Templo fez essa função. A partir de Cristo esse modelo é desconsiderado. Já no Antigo Testamento temos a indicação de que para Deus a “obediência é melhor que os sacrifícios e a submissão vale mais do que a gordura de carneiros” (Cf. 1Sm 15,22; Am 5,21-15; Os 6,6). É em Cristo existe uma transformação da realidade do culto:

com esta oblação Cristo “tornou perfeitos para sempre aqueles que são santificados” (Hb 10,14). Tal é a natureza do único sacrifício que “aboliu o primeiro sacrifício para estabelecer um novo” (Hb 10,9). A transformação anterior, que os sacrifícios antigos não conseguiam realizar, é medida pelo sacrifício de Cristo oferecido “uma vez por todas” (Hb 10,10). A asserção concernente à superação do culto antigo torna-se neste ponto, explícita. A vida de Jesus torna-se o novo e único modelo cultural.<sup>60</sup>

Em Cristo o culto ganha novo significado, a celebração ritual se torna momento de atualização e memória. Na liturgia o mistério de Cristo é atualizado e se prolonga como continuidade da obra de salvação. A *Sacrosanctum Concilium* ao se referir sobre o conteúdo da celebração coloca o mistério da salvação como elemento central da liturgia, ao distinguir em três momentos: o profético que anuncia e prepara a salvação (Antigo Testamento); a plenitude dos tempos realizada na encarnação, morte, ressurreição e ascensão de Cristo; e o tempo da Igreja, que é a continuação do tempo e Cristo (SC 5).

A experiência concreta e real da realidade pascal de Cristo é simbolizada nos ritos, gestos e orações da liturgia. Na encarnação de Cristo vemos claramente a realidade do gesto simbólico do mistério da salvação, Cristo sinal do Pai, no final de sua vida terrestre reuniu os seus discípulos para deixá-los o memorial de sua paixão. A espiritualidade litúrgica é mediada por ritos, que servem a liturgia, como forma de

---

<sup>60</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 28.

sinal, assim como Cristo é o verdadeiro sinal, “de fato, Cristo é o grande ‘sacramento’ de salvação, que se manifestou como ‘presença’ divina ativa entre os homens”.<sup>61</sup>

Na experiência ritual se dá a manifestação simbólica na vida da Igreja da continuação da obra salvadora de Cristo, pois toda a celebração litúrgica, não está fixada na exterioridade do rito, mas no conteúdo próprio que dá sentido e significado. A celebração litúrgica é a celebração do mistério de Cristo, e por isso só pode ser compreendida tendo com o pressuposto a obra e a economia da salvação operada por Deus em favor de seu povo. A liturgia está posta no ciclo do ano litúrgico que aglutina em vários momentos celebrativos o todo do mistério de Cristo: “O ano litúrgico é a celebração do conjunto das ações salvíficas de Cristo que compendiam toda a história da salvação, do início do seu revelar-se na criação até a realização final”.<sup>62</sup>

É preciso sempre referir que o núcleo central da celebração e da história da salvação está no Mistério Pascal de Jesus Cristo. Foi através da sua obediência ao Pai que Ele redimiu a humanidade do pecado e concedeu a graça da filiação divina. Esse mistério se fundamenta em um primeiro ato que é o de fazer memória da ação salvadora de Cristo:

No mistério, há uma realidade patente, que é a história visível da nossa redenção, e outra realidade, latente, que é a presença de Deus, rico em misericórdia. É fascinante e maravilhoso perceber a transcendência do fato histórico da salvação pascal com fundamento do culto litúrgico. É essa história constituinte do cristianismo. Por isso, a palavra-chave da liturgia é memória ou “anmnese” do mistério pascal de Jesus Cristo. Cristo se lembra de seu povo e o povo redimido se lembra de Deus. A consciência histórica do cristão e a dimensão anamnética da liturgia são consequências do mistério pascal.<sup>63</sup>

Neste ato de fazer memória pode-se fazer um paralelo com a realidade da liturgia enquanto cume. Cavagnoli diz que quando a *Sacrosanctum Concilium* se

---

<sup>61</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 138.

<sup>62</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 49.

<sup>63</sup> FERNANDEZ, P.; MALDONADO, F. A celebração litúrgica: fenomenologia e tecnologia da celebração. In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 248.

refere a liturgia como cume está refletindo sobre o labor apostólico da evangelização, o trabalho da Igreja é levar as pessoas que fizeram a experiência de Jesus Cristo ao seu encontro no Mistério Pascal pela celebração litúrgica. Assim, o ato memorial da liturgia se constitui como uma das finalidades, ou seja, o cume, da liturgia e da Igreja é levar os fiéis ao louvor de Deus em agradecimento aos benefícios dele recebidos.<sup>64</sup>

Desse modo vemos a realidade litúrgica como o momento último da História da Salvação, fazendo memória e ao mesmo tempo atualizando a salvação que Cristo continua a operar através da Igreja. Nesse sentido a liturgia se relaciona intimamente com a Revelação de Deus:

esta realização diz respeito tanto ao mistério de Cristo em si mesmo – realização no tempo – quanto ao seu anúncio. Ou seja, hoje a Liturgia é também – como Cristo mesmo – um evento de salvação, no qual continua se efetivando aquele anúncio que no tempo antigo prometia a realidade de Cristo. Portanto, a Liturgia é o momento-síntese da história da salvação, porque reúne “anúncio” e “evento”, isto é, AT e NT; mas, ao mesmo tempo, é o momento último da mesma história, porque sendo “continuação da realidade”, que é Cristo, a sua tarefa é a de completar progressivamente em cada um dos homens e na humanidade a plena imagem de Cristo.<sup>65</sup>

No momento que a liturgia é realização da obra da salvação ela é portadora de uma graça toda nova que é concedida a Igreja, graça que advém do Mistério Pascal atualizado na celebração. Essa graça que se derrama é a fonte de onde emana a força para a Igreja continuar a sua missão, deste modo vemos relacionados a atualização do Mistério de Cristo ao que a *Sacrosanctum Concilium* diz ser a fonte da espiritualidade da Igreja.<sup>66</sup>

A liturgia como atualização da obra de salvação acontece devido a mediação que Cristo continua a exercer através das ações sacramentais, pois toda a ação litúrgica da Igreja é obra de Cristo Sacerdote e de seu Corpo que é a Igreja (SC 7).

---

<sup>64</sup> Cf. CAVANGNOLI. *Culmine e fonte*, p. 5.

<sup>65</sup> MARSILI, S. *A liturgia, momento histórico da salvação*, p. 111.

<sup>66</sup> Cf. CAVANGNOLI. *Culmine e fonte*, p. 7.

Essa relação de Cristo que continua pela Igreja a exercer o múnus sacerdotal só é possível diante de outro profundo mistério:

Do amor esponsal de Cristo pela sua Igreja, com a qual ele se fez uma só carne, e a submissão da Igreja a Cristo, seu esposo (Cf. Ef. 5,24-32). O amor de Cristo pela Igreja é provado na cruz, quando ele entrega o seu corpo e derrama o seu sangue, doando o seu Espírito. A ação litúrgica é o amor fecundo de Cristo pela sua Igreja, do qual o povo de Deus nasce e se desenvolve até adquirir adequada estrutura do Senhor.<sup>67</sup>

É nesta realidade esponsal entre Cristo e a sua Igreja, mediada pela ação ritual da Liturgia, que se dá a santificação pessoal de cada fiel que participa desse corpo. Nesta relação de amor com Deus compete a cada pessoa responder com dignidade e fidelidade a este chamado, mediante a participação nos sacramentos.

A vida espiritual é uma resposta amorosa ao dom de Deus, em comunidade na Igreja. E a busca pela santidade e perfeição consiste nessa resposta de amor àquele que nos amou por primeiro. O mistério pascal de Jesus Cristo, que continua atuante em nosso meio, permite-nos vivenciar e sentir-nos próximos desse amigo que dá a vida por nós cotidianamente. A espiritualidade litúrgica é inserção neste mistério como participação. Não somos espectadores, com nossa vida vivemos também a experiência de morte e ressurreição, enquanto ofertamos nossa vida cotidiana em culto espiritual de obediência a Palavra e vontade de Deus.

### **1.2.3 Características da Espiritualidade Litúrgica**

A liturgia como fonte de espiritualidade da Igreja possui características próprias que lhe garantem a primazia sacramental diante das outras formas de oração. Adiante quando analisarmos o aspecto histórico constataremos como liturgia deixou

---

<sup>67</sup> FERNANDEZ, P.; MALDONADO, F. A celebração litúrgica: fenomenologia e tecnologia da celebração. In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 254.

de ser a fonte de espiritualidade da Igreja e em seu lugar as devoções surgem como uma resposta para alimento da espiritualidade. Nas últimas décadas o desenvolvimento da teologia litúrgica reavivou a compreensão da liturgia como fonte primeira da espiritualidade.

As orações de caráter devocional possuem o seu valor e o lugar na vida espiritual da Igreja, porém, possuem só em parte as características da oração litúrgica. Fortemente marcada pelo aspecto subjetivo as orações devocionais não alcançam a objetividade da oração litúrgica. Discorrer sobre o conteúdo da autêntica espiritualidade litúrgica, para apontar alguns elementos que caracterizam a oração litúrgica é o nosso objetivo.

As devoções como oração subjetiva e a oração litúrgica de caráter objetivo, não devem ser colocadas como oposição, como já ocorreu no passado, e que se considera ter como superado: “a oração litúrgica e as outras ‘formas’ de oração não só não se opõem, mas devem ser consideradas formas, modos e expressões, todas elas válidas e, ao mesmo tempo, complementares do orar cristão”<sup>68</sup>. Cada forma possui seus valores e seus limites próprios que precisam ser identificados e valorizados. Por isso todas as “orações feitas no seio da Igreja são orações da Igreja, mas não são todas no mesmo grau e no mesmo título porque a Igreja, e o próprio Cristo, mesmo admitindo-as todas como suas, a elas liga graus diversos de compromissos diante de Deus”.<sup>69</sup>

A partir destes graus distinguimos a realidade da oração litúrgica como uma forma em um grau elevado, pelo seu conteúdo próprio. A liturgia por ser expressão simbólica ritual do culto prestado a Deus, em forma de celebração do Mistério Pascal de Cristo, possui uma preponderância na vida da Igreja.

A oração litúrgica não exclui as outras formas de oração; ela, porém, exprime de maneira exemplar o mistério da oração. Eis porque a liturgia da Igreja é justamente considerada verdadeira escola de oração, qualquer manifestação de oração, não só deve brotar da oração litúrgica como de sua fonte e a ela

---

<sup>68</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 102.

<sup>69</sup> VAGAGGINI, C. *O sentido espiritual da Liturgia*, p. 578.

tender como o seu cume, mas deve também modelar-se sobre a liturgia como escola de oração do povo de Deus.<sup>70</sup>

Por este valor a liturgia é considerada escola de oração, “porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão” (SC 14). Deste modo queremos analisar as três características fundamentais do orar litúrgico: a eclesial, a Palavra de Deus e a Trinitária. Elementos fazem da liturgia ser modelo da oração cristã. Tais características estão presentes na oração da Liturgia das Horas como veremos mais adiante.

A oração litúrgica é por excelência uma oração eclesial, sua primeira característica. O valor comunitário sempre foi um aspecto relevante na História da Salvação. Deus no Antigo Testamento escolheu o povo de Israel como sinal de salvação para todos os outros povos (Cf. SC 5). A salvação deve se manifestar a todos de modo comunitário: “aprouve, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre os mesmos, mas formando com ele um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade” (LG 5). É pela liturgia, de modo particular e especial, que a Igreja nutre a sua fé e a sua espiritualidade em vista da santificação da Igreja e glorificação de Deus. É pois, pela ação litúrgica que a Igreja vive “a dimensão comunitária da experiência cristã com a frequente referência a uma multiplicidade de imagens: povo, rebanho, família, etc”.<sup>71</sup>

Esse sentido eclesial da experiência comunitária não suprime os aspectos pessoais e subjetivos de cada pessoa, porém, auxilia para que se tenha uma compreensão mais vasta, “certamente, a oração litúrgica não exige a renúncia ao próprio eu, à própria história e a originalidade pessoais, mas requer que o crente saiba situar-se em um horizonte mais amplo e em atitude de abertura ao diálogo”.<sup>72</sup>

A liturgia da Igreja é o lugar onde por excelência se vive a espiritualidade em nível comunitário, sem perder esse sentido pessoal da salvação. Onde de modo

---

<sup>70</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 105-106.

<sup>71</sup> SANCHEZ, V. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal*, p 441.

<sup>72</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 111.

especial todos os fiéis, sejam leigos ou ordenados, não devem assistir estáticos e passivos, pelo contrário, são chamados a participarem intimamente do mistério próprio de Cristo, consagrando a sua existência e ofertando a sua vida. “A vida cristã, vivida na fé, é ‘sacrifício e liturgia’ e neste sentido Rm 12,1-2 exorta os fiéis a que ‘ofereçam’ os seus corpos (a vida concreta) como vítima viva, santa e agradável Deus como seu culto espiritual”.<sup>73</sup>

A segunda característica própria da espiritualidade litúrgica é o seu conteúdo bíblico. O anúncio do mistério de salvação realizado no ato litúrgico acontece pela Palavra de Deus. O conteúdo da oração cristã é fundado na Palavra de Deus, que ao ser proclamada e acolhida faz memória das maravilhas realizadas por Deus em favor de seu povo. A Palavra atualiza e torna presente a salvação, por isso, a escuta enquanto recordação torna presente a mesma ação salvífica. A oração cristã é expressão memorial “e, portanto, anamnético. O Deus, a quem se dirigem os fiéis da Bíblia, é um Deus próximo que realizou obras maravilhosas, as quais permanecem para sempre na memória coletiva e cultural”.<sup>74</sup>

A Igreja quando se reúne em assembleia litúrgica celebra essa ação salvadora de Cristo e como assembleia reunida é, ela própria, resposta a Deus. No centro da celebração a Palavra proclamada contém o sinal eficaz da salvação:

A palavra de Deus na liturgia deixa de ser uma “palavra escrita” morta, para adquirir cada vez mais o papel de “anúncio-proclamação de um acontecimento presente de salvação”. Em outras palavras: o acontecimento que se lê na Escritura é o mesmo que se realiza na liturgia. Portanto, o lecionário da missa e o da Liturgia das Horas, além de serem os principais livros de meditação e oração propostos à comunidade dos fiéis, são anúncio constante a salvação presente e operante no mistério litúrgico.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> MARSILI, S. *A liturgia, momento histórico da salvação*. p. 143.

<sup>74</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 112.

<sup>75</sup> SANCHEZ, V. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal*, p. 440.

É na vida da Igreja e de cada pessoa que a Palavra de Deus celebrada toma a sua forma. O modo como se proclama as leituras nas celebrações possui na pessoa de Cristo como presença: “está presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7). E como modelo, pois, nos deixou um memorial:

aquilo que acontece na liturgia sinagoga de Nazaré é a instituição da liturgia cristã da Palavra, é o seu *týpos*, de igual e idêntico modo como aquilo que acontece, no andar superior de Jerusalém, durante a última ceia, é a instituição da celebração eucarística cristã. Assim, a leitura cristã das Escrituras e a Eucaristia foram instituídas pōe ele de modo semelhante.<sup>76</sup>

As Sagradas Escrituras como fundamentos da espiritualidade litúrgica, possuem um valor especial para o alimento da fé eclesial, conforme afirma o Papa Bento XVI ao se referir sobre o valor da Palavra de Deus na liturgia:

para a compreensão da Palavra de Deus, é necessário entender e viver o valor essencial da ação litúrgica. Em certo sentido, a hermenêutica da fé relativamente à Sagrada Escritura deve ter sempre como ponto de referência a liturgia, onde a Palavra de Deus é celebrada como palavra atual e viva (VD 52).

A terceira característica que compõe a oração de espiritualidade litúrgica é a trinitária. O Mistério Pascal de Jesus Cristo, é o mistério de Deus que se encarna na realidade humana e que nela permanece pela ação do Espírito Santo através dos sacramentos. A espiritualidade cristã como movimento do Espírito em Cristo em direção ao Pai é por excelência trinitário. O culto da Igreja é marcado pelo movimento de subida (anabático) e descida (catabático). Dos homens o louvor que se eleva a Deus, e de Deus, a graça que se derrama em santificação e salvação da humanidade:

---

<sup>76</sup> BOSELLI, G. *Sentido Espiritual da Liturgia*, p. 52.



A estrutura anabática-catabática da liturgia corrobora-se pelo fato de que a relação do Deus Uno-Trino, com a humanidade, exerce-se num movimento ininterrupto de constante *Kenoses*. O Pai – esvazia-se – de si para gerar eternamente seu amado Filho, este por sua vez, torna-se a imagem encarnada do “empobrecimento” assumindo a condição humana, na carne, fazendo-se um “ser-para”. Grandes implicações esta estrutura trará para a espiritualidade, ou seja, a mesma, é antes de tudo uma relação Trinitária de diálogo anabático-catabático.<sup>77</sup>

A Igreja ligada a Cristo como imagem do seu corpo, torna-se parte integrante desta relação Trinitária. Como tratamos acima, toda ação litúrgica é também uma ação de Cristo, pois é ele o mediador sacerdotal da nossa oração e intercessão junto ao Pai. E por essa relação é que se corrobora a liturgia como uma oração trinitária. Sempre partindo de Cristo, mediador em direção ao Deus Trindade: “no Pai de quem Cristo é revelador, no Espírito Santo que ele promete e envia. A Espiritualidade Litúrgica se manifesta assim continuamente na dimensão trinitária do mistério da salvação”.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup> SILVA, V. *Lex orandi – fonte de espiritualidade cristã*, p. 116.

<sup>78</sup> SANCHEZ, V. A liturgia como fonte da espiritualidade cristã, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal*, p. 441.

## 2 TEOLOGIA DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Deus se revela ao longo da história e nela estabeleceu aliança com a humanidade, na história revelou a plenitude do seu amor manifestado na encarnação, paixão, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo e, também na história, concede o seu Espírito a Igreja, como dom do seu amor. Analisar a história é perceber a ação e presença de Deus.

Nesse trabalho que se propõe analisar a liturgia como fonte de espiritualidade da Igreja com escopo na Liturgia das Horas a realidade histórica é um dado inicial como ponto de partida. Assim, analisar a história do culto significa observar de modo sintético e panorâmico a ação de Deus na história da Igreja através das formas do culto cristão e de seu desenvolvimento. E ao mesmo tempo identificar como a Igreja responde a Revelação de Deus através da ação litúrgica.

No primeiro momento analisamos através da História da Liturgia como o culto se desenvolveu, os períodos em que foi fonte de espiritualidade e a os momentos em que a Igreja buscou outras formas de nutrir a sua vida espiritual. Posteriormente observamos de modo específico a Liturgia das Horas em seu aspecto do desenvolvimento histórico, afim de que ao final desse trabalho com panorama histórico possamos compreender o valor dessa oração como uma grande fonte de espiritualidade para a Igreja.

A Liturgia das Horas é uma parte viva e integrante da liturgia da Igreja. A divisão nesse capítulo, abordando a história do culto e depois da Liturgia das Horas, se justifica para analisarmos os dois aspectos de modo detalhado e distinto naquilo que lhe é específico.

## 2.1 PANORAMA TEOLOGICO DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

O reconhecimento da liturgia como fonte de espiritualidade passou por diversas fases ao longo da história da Igreja. Recentemente ela alcançou a maturidade teológica a partir do século XIX, “a moderna ciência litúrgica começa no século XVI com os primeiros estudos dedicados à liturgia”.<sup>79</sup> O objetivo deste capítulo é desenvolver uma síntese histórica sobre os principais momentos da teologia do culto cristão analisando as diversas fases a partir da realidade da espiritualidade, para observar de que forma, em cada período, a liturgia alcançou, ou não, a finalidade de ser fonte de vida espiritual.

Segundo pesquisadores a espiritualidade litúrgica em seu desenvolvimento histórico pode ser descrita em quatro grandes períodos: a formação e o apogeu da espiritualidade litúrgica (séc. I – VII), período de progressiva decadência (séc. VIII – XVI), época culminante da crise (séc. XV – XIX) e a renovação no Concílio Vaticano II (sec. XX).<sup>80</sup>

### 2.1.1 Formação e apogeu da espiritualidade litúrgica (séc. I – VII)

Ao observamos a experiência do culto cristãos das primeiras comunidades se constata uma diferença em relação a experiência da tradição de Israel. Enquanto para o judaísmo a realidade do culto está estritamente ligada a um lugar específico que é o templo, para os cristãos não há essa acentuada necessidade exterior. Há noção de sacrifício do culto cristão difere da noção judaica. A Igreja no início da sua história teve que se defender da acusação de ser uma Igreja espiritualista, uma vez que a sua ritualidade não era acentuadamente marcada pelos lugares e os ritos.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja*, p. 48.

<sup>80</sup> Cf. AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 13.

<sup>81</sup> Cf. MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 57.

Conforme analisa Matias Augé, essa transformação do culto cristão só pode ser entendida a partir de uma leitura cristológica. No sacrifício de Jesus Cristo as instituições culturais do Antigo Testamento perderam sua validade: “A oferta voluntária que Jesus realiza da sua vida é o cumprimento eficaz e definitivo de todos os múltiplos sacrifícios e ritos veterotestamentários”.<sup>82</sup>

O liturgista Marsili ao analisar a história do rito aprofunda o tema apontando a comunidade cristã com lugar e objeto do próprio culto. No culto o altar físico deve tornar-se os próprios fiéis unidos a uma só voz. Sobre esta nova realidade se fundamenta a interpretação de que o centro do culto não está mais no templo. Para contrapor a acusação de um espiritualismo na Igreja Primitiva, é necessário compreender o batismo como meio de conversão que redime do pecado, regenera e torna a pessoa Templo do Espírito e imagem de Deus. Assim a reunião da comunidade, assembleia convocada, manifesta a grandeza e a dignidade de Deus: “Os fiéis são outras tantas pedras que devem constituir o santuário e a casa do Pai, e esta realiza-se na assembleia comum. Este é o templo de Deus, em oposição àquele feito por mãos humanas de Israel.<sup>83</sup> A dimensão cultural dos primeiros cristãos movida pela experiência de vida no Espírito, não se exclui a existência dos ritos, pois, “é impossível desconhecer o ‘humus’ sobre o qual se edificou a experiência cristã”<sup>84</sup> fundamentada nas raízes culturais de Israel.

A diferença entre o culto de Israel e o culto cristão está na relação com o rito que para a Igreja primitiva não possui um valor em si mesmo, na forma de um ritualismo. A teologia do culto cristão se fundamenta em uma visão espiritual, que embora concebida através do rito, deseja desvincular-se da ideia de um simples ritualismo.<sup>85</sup>

A espiritualidade do culto cristão se desenvolve de modo geral nesta compreensão ao longo dos primeiros séculos. E encontra na forma ritual um modo de

---

<sup>82</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 27.

<sup>83</sup> Cf. MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 60.

<sup>84</sup> BARUSKO, X. *A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 42.

<sup>85</sup> Cf. MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 61.

perpetuar e garantir a experiência do Mistério de Salvação operado por Cristo na Igreja: “necessitando de signos e símbolos para expressar comunitariamente a sua fé. Por isso, o culto à vida, ou culto secular, tem necessidade da liturgia eclesial para manter-se como tal e não cair na irrelevância”.<sup>86</sup> O rito cristão desde o início é marcado pela síntese de louvor e santificação, por marcar a presença santificadora de Cristo e a presença santificada dos fiéis. A novidade do rito cristão está no fato de não ser um elemento isolado da vida:

na ótica do cumprimento e da novidade, coloca-se ainda a temática da vida como culto, a vida em Cristo no Espírito se torna “culto espiritual”; extremamente significativo é o texto da 1 Pd 2,5 no qual os termos “templo”, “sacerdócio” e “sacrifício” vêm em Cristo e são aplicados aos cristãos. Além disso, o culto do Novo Testamento se qualifica como escatológico, pneumatológico e cristológico.<sup>87</sup>

Neste primeiro período da vida eclesial a grande virada acontece no século IV onde “tem origem uma completa mudança da situação social e jurídica dos cristãos. [...] A Igreja em vez de ser perseguida, converte-se agora na religião oficial do Império”.<sup>88</sup> Esta nova realidade coloca a Igreja diante de duas situações: a liberdade que ocasionou conversões em massa, porém, sem grande qualidade de vida cristã e a missão de transformar a cultura pagã numa cultura cristã.

A vida espiritual da Igreja nesse período é caracterizada da seguinte maneira:

como mistagógica, vinculada à celebração dos Sacramentos, portanto, litúrgica. Era também eivada do Mistério Pascal, não se olvide que nesse período a Páscoa era a festa primordial dos cristãos, que a celebravam semanalmente na “Páscoa semanal” – o Domingo. O centro gravitacional da espiritualidade nos primeiros séculos girava em torno do Mistério Pascal e do

---

<sup>86</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 42.

<sup>87</sup> PARANHOS, W. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*, p. 17.

<sup>88</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 39.

desenrolar-se deste Ano Litúrgico, nesta comunidade era introduzida mistagogicamente no Mistério de Cristo.<sup>89</sup>

O contato com elementos culturais passaram a influenciar também a vida espiritual e cultural dos cristãos, que conforme indicam as catequeses mistagógicas dos Padres, continuaram a ser expressão do culto espiritual, porém, a aproximação com a realidade do Império trouxe influências na forma da celebração e dos ritos.<sup>90</sup>

Julian Lopez Martin aponta que nesse período os principais elementos inseridos na liturgia estão relacionados com a liberdade religiosas, estes são: a paz que trouxe a possibilidade de uma liturgia mais solene e vistosa em edifícios adequados, a utilização das basílicas, a organização dos catecúmenos, o uso da língua jurídica – própria da cultura romana – nas orações, a preocupação com a ortodoxia das orações, as coleções com os formulários para oração e a liturgia romana fixa inspirada no cerimonial da corte.<sup>91</sup> Esta transformação do culto cristão está relacionada com a proximidade das autoridades eclesiásticas com as autoridades civis. O Imperador concede as autoridades eclesiásticas as mesmas dignidades oficiais dos dignatários do estado, o Papa e os bispos recebem os privilégios do estado. No caso do Papa lhe é concedido a mesma veneração simbólica do Imperador: o bispo de Roma tinha direito ao anel, devia ser saudado por uma genuflexão e com um beijo nos pés, podendo sua efigie ser exposta nas Igrejas. Os bispos, têm direito e honras do trono, das luzes, do incenso e do manípulo.<sup>92</sup>

Marsili aponta com criticidade a inculturação que liturgia sofre pela influência da liturgia da corte romana e apresenta as consequências dessa aproximação para a Espiritualidade Litúrgica:

---

<sup>89</sup> SILVA, V. *Lex orandi – fonte de espiritualidade cristã*, p. 103.

<sup>90</sup> Cf. MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 64-65.

<sup>91</sup> Cf. MARTIN. *A liturgia da Igreja*, p. 103-104.

<sup>92</sup> Cf. BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 78.

eis, desta forma, restabelecida plenamente a forma exterior – ainda que outro seja o conteúdo – da “Liturgia templar” hebraica: com efeito, reconstituiu-se o “santuário” fechado por um véu (Ex 2,31-33), esquecendo que precisamente este se rasgou em dois à morte de Cristo (Mt 27,51) para indicar justamente que a antiga “liturgia” cedia o lugar ao culto do NT.<sup>93</sup>

Neste início ao analisarmos o desenvolvimento histórico e a transformação que ocorre na liturgia do culto cristão já nos primeiros séculos, se compreende o quanto esta realidade é profundamente relacionada com os aspectos sociais, políticos e culturais de cada tempo.

### 2.1.2 Período de progressiva decadência (séc. VIII – XVI)

A suntuosidade da vida eclesial no período medieval é expressa nas grandes edificações, nas formas de celebração, no status dado aos clérigos e diversos sinais que marcam este período da cristandade. Como realidade histórica há uma fusão entre a Igreja, o estado e a sociedade. Esta realidade em relação a liturgia trouxe alguns empecilhos que corroboraram para a volta da compreensão judaizante do culto cristão, a presença da Igreja nas esferas públicas era a lógica do modelo da antiga aliança: “já que o específico de Israel consiste em ter sido chamado a ser povo e nação ao mesmo tempo que o povo de Deus, com um regime muito característico de segregação e sacralização cúlticas”.<sup>94</sup>

O culto cristão volta a ter aquela ideia da “Liturgia” expressa apenas em forma de culto exterior, um “espetáculo” que não permitia mais ao povo fazer da liturgia sua principal fonte de espiritualidade, assumindo uma clara dimensão jurídica. Essa concepção, aplicada ao culto “afastará definitivamente o povo da liturgia, que se torna campo reservado de determinadas categorias”,<sup>95</sup> pois a eucaristia, “que de expressão

---

<sup>93</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 68.

<sup>94</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 92.

<sup>95</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 70.

fundamental da comunidade cristã passa a patrimônio exclusivo do sacerdote celebrante, bem como do exercício de uma piedade individual, é o resultado de uma profunda transformação teológica e eclesial”.<sup>96</sup> A participação dos fiéis também é compreendida dentro da perspectiva da lei, ao ponto que se exige a sua participação, no sentido de que ele “veja a cerimonia”, sendo que num primeiro momento não era permitido ao povo o uso das devoções visto que “quanto mais silenciosamente se assisti ao ‘espetáculo sagrado’, tanto maior será a eficácia das palavras do sacerdote”.<sup>97</sup>

Neste contexto onde os fiéis não possuem quase nenhuma participação surgem a devoção e a piedade eucarística. Com a crescente falta da prática da comunhão eucarística por parte dos fiéis a espiritualidade eucarística perde o sentido de participação e comunhão para tornar-se essencialmente adoração:

ao mesmo tempo em que diminui tão sensivelmente a prática da comunhão eucarística, surge no povo cristão o desejo e ânsia incontíveis de ver, contemplar e adorar o santíssimo sacramento. A concepção da missa como *bona grati* e epifania de Deus, alimentada pelas explicações alegóricas, adquire um relevo surpreendente quando, em finais do século XII, introduz-se a elevação das espécies na consagração. Essa cerimônia concentra a atenção psicológica de todos os fiéis, convertendo-se no verdadeiro centro da missa.<sup>98</sup>

Para poder resolver estas questões que afastavam os fiéis do sentido e da verdadeira experiência do culto se busca algumas alternativas para satisfazer as necessidades espirituais dos fiéis, dentre essas duas são a explicação alegórica e o devocionismo.

A explicação alegórica consistia numa referência parcial do que propriamente significam os sinais da liturgia. A referência “simbólica” na liturgia significa que um sinal possui duas realidades, uma realidade visível que comporta em si mesmo uma

---

<sup>96</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 92.

<sup>97</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 73.

<sup>98</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 103.



realidade invisível. “O ‘símbolo’ está sempre presente no plano da realidade objetiva, mas que é constituída por dois momentos interdependentes entre si, precisamente no nível da realidade”.<sup>99</sup> A alegoria surge como uma tentativa de interpretação meramente subjetiva da realidade litúrgica, “esquecendo-se que a Liturgia, quanto procedimento de *sinais-símbolos*, já está condicionada no seu significado pelo valor sinal que as coisas e os gestos tinham com a realidade sacramental”.<sup>100</sup> Nesse sentido se compreende o quanto a falta de uma teologia do culto foi encaminhando a liturgia para elucubrações, como esta da alegoria, que desviam a compreensão da celebração e os ritos de seu sentido verdadeiro. A finalidades e a intenção destas iniciativas eram para que se criasse por parte do povo um interesse pela ação litúrgica, porém, como percebemos os meios utilizados não levavam ao significado da celebração do mistério pascal.

O surgimento do devocionismo é uma resposta não apenas de âmbito religioso, mas também político e cultural. Relacionado aos movimentos religiosos leigos que procuravam, juntamente com movimentos civis, encontrar espaço diante da sociedade clericalizada. Essa nova forma de vida cristã demonstra a insatisfação com a liturgia, procurando a partir da língua vulgar achar um espaço para a expressão da espiritualidade. A dificuldade imposta pelas devoções em relação ao culto cristão está no fato de seu afastamento da vivencia da liturgia enquanto realidade sacramental.

No que se refere ao fundamento teológico a liturgia na virada do período patrístico para o escolástico deixa de ser vista como fonte de conhecimento teológico. A escolástica transforma a liturgia no âmbito teórico das formulações dogmáticas. Deste modo destaca Jeronimo Pereira que a liturgia se torna objeto de estudo de escolas e se reduz a matéria e forma: “Lentamente se abre o espaço para a ‘remoção do rito’ como fonte, logo a liturgia passa a ser vista como cerimônia que precisa ser regida por leis externas, e os sacramentos não mais compreendidos na Igreja”.<sup>101</sup>

---

<sup>99</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 74.

<sup>100</sup> *Ibidem.*, p. 74-75.

<sup>101</sup> PEREIRA, J. *A volta do Concílio Vaticano II*, p. 4-5.

### 2.1.3 Época culminante da crise (séc. XV – XIX)

A época culminante da crise em que se dissociaram a vida litúrgica da vida espiritual dos fiéis começará com uma tentativa de reforma. As propostas apresentadas no período anterior levaram a uma exaustão litúrgica por parte do clero e uma repulsa litúrgica por parte do povo. Surge nesse contexto o “interiorismo” religioso que não compreende a liturgia como fonte de espiritualidade e que “no século XV, desenvolveu-se a *devotio* moderna com um forte acento individual orientado para a meditação afetiva e a imitação de Cristo”.<sup>102</sup> Transformando a vida espiritual em uma experiência meditativa.

O movimento de reforma, que se tem por trás destas tentativas de encontrar soluções para a vida espiritual da Igreja, é o sinal das insatisfações que agitam a vida eclesial neste período, “toda via, essa reação, que em si é saudável, também ajudou a aumentar o fosso entre teologia e vida espiritual. Esse divórcio marcará durante séculos a espiritualidade ocidental”.<sup>103</sup> Esses movimentos que sucessivamente vão surgindo só demonstram que não é possível pensar numa reforma litúrgica sustentada apenas em aspectos psicológicos e antropológicos, a falta de uma teologia do culto cristão sólida levou ao fracasso essas iniciativas. A própria *Devotio Moderna* possuía duas alas que tinham acentos diversos no que se referia a realidade do culto cristão, uma ala ortodoxa e outra espiritualista.

A ala ortodoxa não pretende abolir a Liturgia, visto estar convencida de que esta, impregnada e ainda mais transformada em meditação, voltará a ser aquela que devia ser. A outra ponta da reforma espiritualista, abalada por presumível incapacidade da Liturgia tornar-se jamais um culto espiritual, tenderá a abolição mais ou menos completa dela, a fim de restituir capital importância à ‘palavra de Deus’ (meditação), e será o protestantismo.<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 110.

<sup>103</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 118.

<sup>104</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 81.

A reforma protestante assumirá essa concepção de meditação como fundamento espiritual para o culto. Os abusos litúrgicos que ocorriam na Liturgia da Igreja, levaram os protestantes ao sentimento de desconstrução. A visão histórica desse período nos permite compreender que a reforma protestante não possuía uma capacidade teológica para reformar o culto, por isso “faltando uma teologia da Liturgia, a reforma luterana fez explodir a antiga estrutura, considerada um englobamento histórico inaceitável”.<sup>105</sup>

O Concílio de Trento será uma resposta da Igreja para essas situações enfrentadas, especificamente em dois níveis: enfrentará os problemas internos da Igreja e lutará contra a invasão e influência protestante. A Liturgia terá um lugar relevante nos debates do Concílio, porém, não se conseguiu assimilar as diversas liturgias das Igrejas particulares. Assim, as reformas dos ritos empregados não foram frutos das comissões que discutiam a liturgia, por diversas dificuldades encontradas coube levar ao juízo do Romano Pontífice a restauração dos ritos. A liturgia nesse momento será uma expressão da unidade da Igreja e um sinal de vitória contra a reforma protestante:

há o desejo de voltar às fontes antigas e genuínas da liturgia [...] Entretanto, com os escassos meios disponíveis na época, a reforma pós-conciliar de Trento não fez se não purgar e restaurar o rito romano (franco-germânico) do medievo, mais ou menos segundo a reforma de Gregório VII [...] esse missal deveria ser a única forma para todas as Igrejas; doravante, nada poderia se afastar dele, exceto se se provasse ser a modificação fundamentada numa tradição de pelo menos dois séculos. Logicamente, esse tipo de unificação teria sido impossível antes da invenção da imprensa. E, para defender essa situação fixa da liturgia de possíveis alterações, Sisto V criou, em 1588, a Sagrada Congregação dos Ritos. Sua missão não será de dar continuidade à reforma empreendida, mas vigiar para que seja observado, com todo cuidado, o modo prescrito de celebração da missa e das demais partes da liturgia. Inicia-se a era dos rubricistas.<sup>106</sup>

Essa liturgia fortemente marcada pela solenidade e pelo fausto manterá a característica de culto próprio do clero sem a participação dos fiéis que seguem na

---

<sup>105</sup> Ibidem., p. 81.

<sup>106</sup> BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In: BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 118.

prática de assistir à missa. A ideia de participação na liturgia se concretiza apenas no juridicismo do preceito como cumprimento de uma norma. Prova de que nesse sentido a reforma não alcançou os grandes avanços para uma espiritualidade litúrgica, será o fato da continuidade da espiritualidade devocional, que neste período acentuará a espiritualidade eucarística como resposta às controvérsias protestantes. O período do barroco será a expressão máxima desse sentimento vitorioso e de segurança diante das heresias vencidas, os templos suntuosos e estéticos, a polifonia como marca musical deste tempo, as procissões triunfais, e assim pela segunda vez na história a liturgia e o cerimonial da corte são incorporados a liturgia.<sup>107</sup>

Uma transformação da mentalidade diante do rito só começará a ocorrer no século XVIII, o século do iluminismo. O homem como a razão de todas as coisas é o fundamento intelectual desse período e isto tem influências na liturgia. Tentativas de reforma projetadas por Bento XIV (1740 – 1758) e pelo Sínodo de Pistóia (1789) já suscitaram reflexões que mais tarde serão discutidas pelo Concílio Vaticano II.

Pela primeira vez, o século XVIII acentuou explicitamente a importância da pastoral litúrgica, ele viu no culto a fonte primordial da vida cristã. Mas não captou o centro medular do mistério litúrgico, mantendo-se restrito às suas dimensões intelectuais, éticas e puramente pedagógicas. Para a época do Iluminismo, a liturgia se reduz a um meio de educação destinado a humanização do indivíduo; mas já não é entendida como “adoração de Deus em espírito e em verdade”.<sup>108</sup>

Já estas manifestações de insatisfação e transformação do culto, mesmo que estando ainda centradas num viés da racionalidade irão ser a propulsão para aquele movimento que no século posterior irá transformar a teologia do culto cristão: o Movimento Litúrgico.

---

<sup>107</sup> Cf. BARUSKO, X. A vida litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica, In. BOROBIO. Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja I*, p. 119.

<sup>108</sup> *Ibidem.*, p. 121.

### 2.1.4 Renovação Litúrgica (séc. XIX – XXI)

Na esteira da influência racionalista e iluminista na Igreja, e conseqüentemente na liturgia, surge o período do romantismo como resposta. Esse novo tempo influência a reflexão sobre a liturgia e começa a surgir os primeiros elementos do que mais tarde será chamado Movimento Litúrgico, que será o princípio reformador da Liturgia que acontecerá no Concílio Vaticano II.

A insatisfação litúrgica presente neste período é a consequência do que foi delineado até aqui: a ruptura da liturgia com a vida espiritual. Nesse contexto surgem alguns teólogos que buscam respostas na litúrgica para a carência espiritual da Igreja, dentre esses nomes surge o de Próspero Guáranger (1805-1897) e a sua reação romântica e de restauração. Guáranger foi o precursor do Movimento Litúrgico, porém não chegou a contribuir com a teologia do culto, suas teses ficaram mais ao nível psicológico e espiritual, aplicando-se apenas ao resgate do culto conforme a tradição romana, ele “defendia um retorno puro a tradição romana nos textos, cerimoniais, rubricas e, especialmente, música sacra”.<sup>109</sup> Sua contribuição aponta para os primeiros caminhos do que mais tarde será característico no Movimento Litúrgico que é o retorno às fontes na liturgia patrística.

O Monge Beauduin (1873-1953) será quem dará o verdadeiro passo de compreensão da liturgia em nível teológico e pastoral. Ao observar que a vida espiritual da Igreja não está na experiência litúrgica, desenvolve uma teologia da piedade litúrgica para desvelar o “verdadeira espírito cristão”.<sup>110</sup> Inspirado neste clima de restauração da liturgia, que visa compreendê-la como fonte de espiritualidade, é que o levarão a defini-la como “o culto da Igreja” e como ação continuadora da obra de Salvação. Enquanto, ao mesmo tempo e do mesmo modo, a Igreja exerce o múnus sacerdotal de Cristo.<sup>111</sup> O que se percebe é que nessa teologia do culto como fonte

---

<sup>109</sup> SILVA, J. A celebração do mistério pascal, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal*, p. 499.

<sup>110</sup> Cf. AUGÉ, M. *Espiritualidade Litúrgica*, p. 14-15.

<sup>111</sup> Cf. MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 90-91.

de espiritualidade já estão colocadas as base do que posteriormente viria a ser as definições litúrgicas do Concílio Vaticano II.

Essa preciosa concepção litúrgica e teológica se enriquecerá com as contribuições do Beneditino alemão Odo Casel (1886-1948) que como grande filólogo, desenvolveu a compreensão do culto cristão a partir do conceito *mysterium-sacramentum*:

a importância desta posição de Casel é enorme, ainda que no primeiro momento nem todos a tivessem compreendido. Colocando, com efeito, no cume da Liturgia como seu ponto de partida, o evento salvífico de Cristo, a Liturgia não é apenas uma “instituição” que nos veio de Cristo, mas é a continuação ritual do mistério de Cristo. Em outras palavras: na liturgia – isto é, na forma ritual (sinal-realidade) – o próprio evento da salvação torna-se presente e ativo para os homens de todos os tempos e lugares, e conseqüentemente, toda ação litúrgica representa um suceder-se de momentos na história da salvação.<sup>112</sup>

Esta fundamentação teológica da liturgia como Mistério e Sacramento é a base e fundamentação sobre a qual a Reforma Litúrgica do Concílio Vaticano II irá apoiar a teologia do culto. Com estes autores e tantos outros que contribuiram para o desenvolvimento do Movimento Litúrgico se pode constatar o surgimento da Ciência Litúrgica que terá na Encíclica *Mediator Dei* de Pio XII o reconhecimento desse pensar teológico sobre a dimensão do culto da Igreja. Com esse impulso a liturgia passou a ter mais consideração nos institutos de ensino de teologia e se constata a realização de diversos encontros e semanas de estudos de discussão sobre o tema.

Esse percurso histórico da liturgia, enquanto teologia e espiritualidade, que desenvolvemos até aqui irá chegar ao Concílio Vaticano II. A contribuição do Movimento Litúrgico é evidente. De todos os temas do Concílio foi o esquema da liturgia que chegou mais amadurecido para as reflexões dos padres conciliares, motivo pelo qual a Constituição sobre a Liturgia foi a primeira a ser promulgada.<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 90-91.

<sup>113</sup> Cf. SILVA, J. A celebração do mistério pascal, In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal*, p. 503.

Nesse período o tema da liturgia estava envolto em muitas tensões. Diversos documentos publicados nos anos anteriores ao início do Vaticano II mostravam a necessidade de uma reforma litúrgica, exceto o código de rubricas publicado às vésperas do Concílio, que demonstrou os objetivos da Congregação dos Ritos, diante do programa conciliar. A intenção deste código era de que a reforma mantivesse o caráter rubrical, que já teria sido iniciado por Pio XII com intuito de que o Concílio desse continuidade nesta forma de compreensão litúrgica.<sup>114</sup>

A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* é o resultado frutuoso de um longo trabalho caracterizado pelo retorno às fontes patrísticas da tradição cristã em relação ao culto. O que o Concílio Vaticano II apresenta para a Igreja no tema do culto e sacramentos é uma autêntica reforma da liturgia para que ela seja verdadeira expressão orante e simbólica da fé da Igreja.

Conforme apresenta Paranhos em uma análise histórica desse período a reforma litúrgica é também renovação da teologia que redescobre o mistério da própria Igreja: “A nível de redação nos novos livros litúrgicos o Vaticano II propõe diretamente uma rigorosa verificação doutrinal que consiste em exprimir, mais uma vez, com modalidades e conteúdos teologicamente mais relevantes.”<sup>115</sup>

No sentido último deste trabalho que propõe a reflexão da Liturgia das Horas, dentro do escopo de toda a liturgia, como fonte de espiritualidade, seja para os ministros ordenados e aos fiéis leigos, se verifica que somente pela reforma litúrgica foi possível resgatar a desejada participação ativa, consciente e frutuosa dos fiéis na liturgia. Para que isso fosse possível o Concílio Vaticano II no que refere a liturgia sintetizou a reforma em alguns princípios:

a centralidade do mistério pascal, a liturgia como exercício do sacerdócio de Cristo em que se participa em força do batismo; a liturgia “cume e fonte” da vida da Igreja; a participação plena, ativa e frutuosa na liturgia, a importância

---

<sup>114</sup> Cf. MARSILI, S. *A liturgia momento histórico da salvação*, p. 104-105.

<sup>115</sup> PARANHOS, W. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*, p. 154.

da Palavra de Deus; a natureza eclesial da liturgia e a manifestação da ministerialidade da Igreja.<sup>116</sup>

A aplicação e recepção da Reforma Litúrgica ao longo dos últimos sessenta anos é o último ponto desta síntese histórica. Alguns teólogos definem em quatro tipos de recepção conciliar e conseqüentemente quatro tendências na ritualidade litúrgica, são: recusa, aceitação moderada, aceitação avançada e aceitação moral.<sup>117</sup> Neste período da reforma litúrgica o Magistério da Igreja apresentou significativos trabalhos para aplicação das indicações dos Padres Conciliares. Ao longo desse período foram apresentadas as reformulações nos rituais e a publicação de diversas orientações. Na visão de Paranhos a visão moderada foi a que predominou nestes últimos anos, com as suas valências e as críticas que lhe cabem.<sup>118</sup>

Nestas últimas décadas com o Pontificado do Papa Bento XVI e de Papa Francisco a liturgia entrou em destaque nas discussões eclesiais e pastorais. Bento XVI em 07 de julho de 2007 com a Carta Apostólica *Summorum Pontificum* permitiu de modo extraordinário que Ordo do rito da missa permitido até 1962, conhecido com Tridentino, pudesse ser celebrado por qualquer presbítero sem a necessidade da autorização do bispo. Essa decisão trouxe à tona a discussão da liturgia no seu papel de ser expressão da eclesiologia:

O Missal Romano promulgado por Paulo VI é a expressão ordinária da *lex orandi* (norma de oração) da Igreja Católica de rito latino. Contudo o Missal Romano promulgado por São Pio V e reeditado pelo Beato João XXIII deve ser considerado como expressão extraordinária da mesma *lex orandi* e deve gozar da devida honra pelo seu uso venerável e antigo. Estas duas expressões da *lex orandi* da Igreja não levarão de forma alguma a uma divisão na *lex credendi* (norma de fé) da Igreja; com efeito, são dois usos do único rito romano (SP 3).

---

<sup>116</sup> SCHMIDT, H. apud. PARANHOS, W. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*, p. 154.

<sup>117</sup> Cf. CARDITA, A. *Sacrosanctum Concilium e a ritualidade litúrgica na cultura do nosso tempo*, p. 28.

<sup>118</sup> Cf. PARANHOS, W. *O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica*, p. 168.



Em contraponto com esta visão normativa do culto do Papa Bento XVI houve reações, como a de Andrea Grillo. Ele aponta que embora nos escritos do Pontífice exista uma intenção de preservar a unidade e a reforma liturgia do Concílio Vaticano a aplicação prática com a permissão irrestrita do Rito desencadeia efeitos:

Quanto aos efeitos objetivos, porém, ninguém poderá negar que a Reforma Litúrgica, após a publicação do *Summorum Pontificum*, corre o risco de ver relativizado o próprio significado e o próprio alcance. Não seria capaz de indicar a principal forma de celebração, da formação, da espiritualidade, da edificação, mas representaria apenas um acréscimo – ainda que considerável – a uma tradição anterior, que seria restaurada intacta, com todos os seus ritos e os seus calendários, como se nada tivesse acontecido, atualizando os relógios eclesiais para 1962.<sup>119</sup>

Transcorrida mais de uma década dessa permissão, no Pontificado de Francisco é publicado a Carta Apóstólica *Traditionis Custodes* em 16 de junho de 2021 afirmando em seu primeiro artigo: “Os livros litúrgicos promulgados pelos santos Pontífices Paulo VI e João Paulo II, em conformidade com os decretos do Concílio Vaticano II, são a única expressão da *lex orandi* do Rito Romano” (TC Art. 2). Finalizando esses últimos anos de síntese histórica da Liturgia, como fonte de espiritualidade, o Papa Francisco responde as demandas litúrgicas a partir da Carta Apóstólica *Desiderio desideravi* com três pontos fundamentais: reavivar o assombro e a beleza da verdade da celebração, promover uma formação para uma celebração litúrgica autêntica e reconhecer a importância da *ars celebrandi*. Deste modo o Papa Francisco quer recolocar a vida litúrgica como centro da vida cristã e da espiritualidade que brota da intenção da reforma litúrgica e da forma do rito pedida pelo Concílio Vaticano II.

Esses fatos demonstram a importância da reforma litúrgica, que não foi apenas rubrical, mas foi sim uma nova visão da teologia litúrgica. E aqui reside o objeto do qual nos debruçamos nesse trabalho, compreender com a partir da Teologia Litúrgica se pode falar de uma espiritualidade que brota da própria liturgia, para que possa levar toda a Igreja, leigos e clero, a uma profunda experiência de configuração

---

<sup>119</sup> GRILLO, A. *Para além de Pio V: A Reforma Litúrgica após Traditionis Custodes*, p. 124.

a Cristo e a vivência da sua Palavra. Para na sequência aprofundarmos no escopo da Liturgia das Horas como culto específico na qual a Igreja pode nutrir a sua espiritualidade.

## 2.2 FONTES DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA LITURGIA DAS HORAS

Nesta sessão nos dedicamos a análise histórica, em continuidade com a sessão anterior, sobre a realidade da Liturgia das Horas. Um olhar atento para o desenvolvimento histórico nos ajuda a compreender como essa oração pôde ser fonte de espiritualidade para o início da Igreja.

A Liturgia das Horas como apresenta a *Sacrosanctum Concilium* é a oração pública da Igreja, sendo fonte de piedade e alimento de oração pessoal (SC 90). A Igreja como o Corpo Místico de Cristo continua a obra da ação salvação na história da humanidade. A instauração do Reino de Deus anunciada e concretizada em Jesus Cristo é prolongada pela ação da Igreja.

A Igreja tem as suas raízes tradição judaica e destes nossos irmãos na fé herdou muitos elementos que utiliza em seu modo de celebrar. Em um primeiro momento vamos analisar o modo como o povo de Israel rezava e, conseqüentemente, como Jesus, que pertencia a essa tradição também orava. Assim, a maneira própria da Igreja orar possui elementos e fundamentos deste povo, que foi sendo desenvolvido pelos primeiros cristãos. Buscando inspiração no modo de oração apresentado no Antigo e Novo Testamento iniciaremos nossa reflexão.

A rica Tradição da Igreja se manifesta também pela expressão de sua oração e do seu modo de celebrar. O Concílio Vaticano II no que tange à reforma da liturgia, insiste para que se faça um esforço para retornarmos às fontes da liturgia. Deste modo, busca-se analisar a história da Liturgia das Horas para compreender a sua constituição e evolução até a atual reforma apresentada no Concílio. Sem incorrer em erros anacrônicos de fazer julgamentos sobre as dificuldades vividas por este modo de oração em cada período da história, buscamos compreender de modo sintético o contexto da Liturgia das Horas na história da Igreja.

### 2.2.1 Fundamentos bíblicos

A oração na concepção cristã é compreendida como relacionamento íntimo e atitude de diálogo, individual e comunitário, pelo fato de ser “relação pessoal e viva dos filhos de Deus com seu Pai infinitamente bom, com seu Filho Jesus Cristo e com o Espírito Santo, que habita no coração deles” (CIC 534). As Sagradas Escrituras apresentam o testemunho vivo deste relacionamento de Deus com o seu povo tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II, explicitando a economia da salvação e a revelação de Deus, demonstra a expressão máxima deste relacionamento: “em virtude desta revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; Tm 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br. 3,38), para os convidar a admitir à comunhão com Ele” (DV 2).

Em Jesus Cristo temos o modelo de relação o Pai que revela ao seu modo de rezar o conteúdo e a forma de se relacionar com o Pai.

A oração cristã, caracterizada pela assiduidade e perenidade, lança, portanto, suas raízes mais profundas no húmus histórico, espiritual e cultural do povo de Israel que sabia e ensinou a orar. E ao mesmo tempo tem em Jesus, seu mestre e modelo, a novidade da filiação e a oração feita em espírito e verdade.<sup>120</sup>

A tradição orante de Israel é profundamente marcada pelo diálogo entre Deus e o seu povo. Deus que revelou ao longo da história através da criação dos sinais e dos prodígios, estes fatos são o conteúdo determinante que expressa a oração israelita. A oração deste povo é a resposta a Deus por tudo aquilo que ele fez em seu

---

<sup>120</sup> CANALS, J. M. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 268.

favor: “a oração de Israel jamais interrompe o ritmo de sua história, porque a sua história é a história de sua oração, não se podendo entender essa sem aquela”.<sup>121</sup>

A relação de intimidade entre Deus e o Povo de Israel expressada na oração tem um vínculo forte com alguns personagens na história da salvação, que se manifestam como representantes do povo perante Deus. Um exemplo é Abraão podemos ver a figura da fidelidade que nasce a partir do diálogo orante entre ele e Deus, e também na obediência que posteriormente resultará na promessa da sua descendência.<sup>122</sup> Outro personagem é Moisés que se destaca no êxodo, com a libertação com experiência da fidelidade de Deus que liberta o seu povo e faz uma aliança. A celebração deste momento histórico se torna o conteúdo do culto de Israel. “Quando tomou posse da terra prometida, esse povo passou a reviver sua grande experiência pascal na celebração anual, semanal e aos sábados nas sinagogas e diariamente no louvor matutino e vespertino”.<sup>123</sup>

O conteúdo da oração de Israel é marcado por grande variedade de formas, que se caracterizam por dois aspectos principais: a anmenese e a súplica. Recordando as obras do Senhor na sua história o israelita piedoso elevava a Deus suas súplicas e orações durante alguns momentos do dia. Em passagens como no Livro dos Números (Nm 28,4) e Êxodo (Ex 30,7-8) se constata que eram dedicados dois momentos do dia para esta oração. Já em textos como o Salmo 54 e o Livro de Judite (Jt 12m5-6) expressam a oração em três momentos do dia. Como reconhecimento a Deus que age na sua história: “sua oração não é uma fuga do mundo infiel, mas uma escuta da Palavra de Deus, às vezes um debate ou uma queixa, sempre uma intercessão que aguarda e prepara a intervenção do Deus Salvador, Senhor da História” (CIC 2584).

Estes momentos de oração ocorriam no início e no término do dia. Continham em sua estrutura o *Shemá*, a profissão de fé em um Deus único e a aceitação do querer de Deus, recitada duas vezes ao dia. A oração da *Shemoneh Esreh*, as dezoito

---

<sup>121</sup> Ibidem., p. 268.

<sup>122</sup> Cf. SANTOS, P. *Liturgia das Horas: instrumento de evangelização e catequese*, p. 20.

<sup>123</sup> BECKHÄUSER, A. A celebração do mistério de Cristo nas horas do dia. In: CONFERENCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (ORG.). *Manual de Liturgia 1*, p. 113.

bênçãos, era recitada três vezes ao dia. É notável que se trate de um povo profundamente marcado pela oração. “A tradição judaica da oração comunitária na sinagoga já apontava para uma ‘Liturgia das Horas’ na qual a Palavra de Deus é o centro e nela se fundamenta todo o diálogo entre a comunidade orante e o Senhor”.<sup>124</sup>

O exegeta Joachim Jeremias relata que “Jesus nasceu em uma família que sabia rezar”.<sup>125</sup> Ele estava profundamente vinculado aos compromissos religiosos de um judeu piedoso como o *Shemá* e a *Shemoneh Esreh*. Este é o contexto religioso na qual Jesus foi educado pela sua família.

A oração de Jesus enraíza-se e enquadra-se no culto do povo judeu. Pertencente a um povo que sabia orar, Jesus reza no contexto dos lugares, conteúdos e horas conforme os costumes de seu povo, infundindo-lhes, porém, novo significado.<sup>126</sup>

A *Sacrosanctum Concilium* afirma que o “Sumo Sacerdote da Nova e Eterna Aliança, Cristo Jesus, ao assumir a natureza humana, trouxe para este exílio terreno aquele hino que é cantado por todo o sempre nas habitações celestes” (SC 83). A Instrução Geral da Liturgia das Horas aprofunda esta citação conciliar dizendo que “a partir daí, o louvor a Deus ressoa no coração de Cristo com palavras humanas de adoração, propiciação e intercessão” (IGLH 3). É pela pessoa de Jesus Cristo, o Verbo encarnado, que a humanidade tem acesso ao colóquio que existe entre a própria Trindade:

A oração de Cristo, em primeiro lugar, introduz na terra e na história humana o indizível diálogo trinitário de amor que se realiza no céu e na eternidade; em segundo lugar, assume a palavra humana e os gestos sociais como meios adequados de comunicação com Deus; em terceiro lugar, estabelece a

---

<sup>124</sup> SANTOS, P. *Liturgia das Horas: instrumento de evangelização e catequese*, p. 37.

<sup>125</sup> JEREMIAS, J. *Abba: El mensaje central del Nuevo Testamento*, p. 75.

<sup>126</sup> CANALS, J. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 279.

mediação única pela qual o louvor e a súplica do homem chegam diretamente ao coração de Deus.<sup>127</sup>

A Introdução Geral sobre a Liturgia das Horas aponta para os diversos momentos e circunstâncias que os evangelhos relatam Cristo em atitude de recolhimento e oração. Nesse sentido ele se torna o grande pedagogo que pelo exemplo e testemunho ensina a seus discípulos o modo de rezar.<sup>128</sup>

O louvor que Cristo introduz tem uma novidade própria quanto ao conteúdo que emprega nesse diálogo com o Pai: “Jesus, o mestre, ensinou a nos dirigirmos a Deus com a palavra: ‘Abbá, Pai’, em sentido análogo e sob a experiência de filiação semelhante à sua”.<sup>129</sup> Esta se torna a grande mudança na oração de Cristo, inserindo-nos na filiação divina. Assim o Pai-nosso, oração que Cristo ensinou a pedido de seus discípulos, torna-se, em semelhança, a que é o *Shemá* para os israelitas.

A Igreja, inserida no mistério da vida de Cristo, procura com fidelidade seguir ao mandato de rezar sem cessar, conforme o próprio Cristo na sua habitação terrestre demonstrou. A Liturgia das Horas, como veremos adiante, está fundamentalmente ligada a este mistério.

A Introdução Geral sobre a Liturgia das Horas assinala que a Igreja nascente soube observar o mandato que Jesus lhes deu: “orar” e “pedir”. A atitude de oração é característica marcante da comunidade primitiva. Nas Cartas do Novo Testamento vemos que os apóstolos transmitiam aquilo que aprenderam do próprio Mestre e que praticavam com assiduidade, através de orações de louvor, ação de graças, petição e intercessão (IGLH 5). “A Igreja nascente tinha consciência de sua vocação de

---

<sup>127</sup> MARTIN, J. *A liturgia da igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 5. “La oración de Cristo 1º introduce en la tierra y en la historia humana el indecible diálogo de amor trinitario que se produce en el cielo y en la eternidad; 2º asume la palabra humana y los gestos sociales como medio apto para la comunicación con Dios; 3º y establece la mediación única por la alabanza y la súplica del hombre llega derechamente al corazón de Dios”.

<sup>128</sup> “Os evangelhos muita vezes o apresentam orando: quando ao Pai revela sua missão (Lc 3,21-22), antes de chamar os apóstolos (Lc 6,12), ao bendizer a Deus na multiplicação dos pães (Mt 14,19; 15,36; Mc 6,41; 8,7; Lc 9,16; Jo 6,11), ao se transfigurar no monte (Lc 9, 28-29), quando cura o surdo-mudo (Mc 7,34) e ressuscita Lázaro (Jo 11,41s), antes de solicitar a confissão de Pedro (Lc 9, 18), quando os discípulos voltam da missão (Mt 11,25s; Lc 10,21s), ao abençoar as crianças (Mt 19,13), e quando roga a Pedro (Lc 22, 32)” (IGLH 4).

<sup>129</sup> CANALS, J. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 282.

comunidade orante. A comunidade se encontra reunida em oração nos momentos fortes de sua vida nascente (cf. At 1,14; 1,24; 4,23-31; 12,13)".<sup>130</sup>

Conforme nos demonstra os Atos dos Apóstolos, os “discípulos eram unidos na oração e frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração” (At 2,46). A oração dos apóstolos, neste primeiro momento continua fortemente marcada pelo modo judaico de orar, frequentando a sinagoga e o templo, como também, não abandonaram o costume de rezar no ambiente familiar.

Este modo de rezar absorvido pelos apóstolos começou aos poucos tomar uma forma cristã e mais independente. O primeiro fator que ocasionou esta transformação relaciona-se com a mudança já citada, onde se interpreta o Pai-nosso como o novo conteúdo da profissão de fé.

Os apóstolos e os primeiros cristãos permaneceram fiéis à prática de oração estabelecida conforme o costume judaico. Recitavam duas vezes ao dia a profissão de fé, o *Shemá*, e três vezes as Dezoito Bênçãos. Porém, abandonaram muito cedo esse costume, substituindo as fórmulas judaicas pela oração do pai-nosso.<sup>131</sup>

O segundo fator que contribuiu para uma formulação cristã da maneira de rezar se refere ao ambiente da oração, que deixa de ser realizado nas sinagogas, devido às perseguições impostas aos cristãos, e passa a ser realizado nas casas ou locais escondidos.<sup>132</sup> O modelo de oração cristã não deixou de ter uma influência da oração judaica, mas alcançou uma personalidade própria:

A oração dirigida geralmente ao Pai celestial. Mas com o passar do tempo sobreveio na comunidade eclesial a consciência de que Jesus não somente é o mediador e “lugar” único para adorar o Pai em Espírito e em verdade (cf.

<sup>130</sup> BECKHÄUSER, A. A celebração do mistério de Cristo nas horas do dia. In: CONFERENCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (ORG.). *Manual de Liturgia 1*, p. 114.

<sup>131</sup> CANALS, J. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 286-287.

<sup>132</sup> Cf. SANTOS, P. *Liturgia das Horas: instrumento de evangelização e catequese*, p. 60.

Jo 2,19-22; 4,23-24), mas também termo da oração cristã. Exemplo disso são as doxologias, os agradecimentos ao Pai pela obra realizada em Cristo, e os hinos cristológicos.<sup>133</sup>

O modo de rezar da comunidade primitiva é a herança de toda a tradição oracional do Antigo Testamento e da novidade alcançada no modo de oração apresentado e realizado por Jesus. Esta enorme tradição é fonte de espiritualidade para a reformulação proposta pelo Concílio Vaticano II. A Liturgia das Horas é uma oração bíblica pelo seu conteúdo e de modo singular por ser a expressão do relacionamento entre Deus e seu povo.

### 2.2.2 Desenvolvimento histórico da Liturgia das Horas

A estruturação da Liturgia das Horas como oração da Igreja teve um longo processo e uma dinamicidade muito rica, que a fez passar por diversas reformulações ao longo dos séculos. O contexto cultural de cada época e região geográfica moldaram o estilo e o modo da oração da Liturgia das Horas. Assim, analisamos como a Liturgia das Horas se constitui, iniciando nos primeiros séculos pelos Santos Padres até a grande reforma proposta pelo Concílio Vaticano II.

Os relatos históricos sobre a oração dos primeiros cristãos são muito raros. A *Didaché*<sup>134</sup> e alguns Santos Padres deixaram alguns testemunhos do modo como a oração da Igreja foi sendo desenvolvida nos primeiros séculos. Neste período, cinco são os Santos Padres que se destacam como mestres da oração: Clemente de

---

<sup>133</sup> MARTIN, J. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 424.

<sup>134</sup> *Didaché*: Se insere entre os primeiros escritos cristãos, num conjunto ainda judeu-cristão. É contemporâneo ou talvez anterior aos últimos escritos do Novo Testamento. Primeiro vade-mécum dos missionários do meio judeu-cristão. A *Didaché* teve várias redações. Ela segue as etapas da catequese, com uma parte doutrinal e uma parte litúrgica. O seu conteúdo se divide nas partes seguintes: as duas vias, o batismo, o jejum, a oração, a Eucaristia. As diretrizes litúrgicas descrevem a organização da Igreja, a reunião dominical e a preparação para o retorno de Cristo, com a oração Maranatha, conservada em aramaico.



Alexandria<sup>135</sup>, Tertuliano<sup>136</sup>, Hipólito de Roma<sup>137</sup>, Orígenes<sup>138</sup> e Cipriano de Cartago<sup>139</sup>. Entre os elementos que são destacados por esses autores estão a insistência no dever de orar sem parar, a necessidade das orações serem realizadas em um tempo determinado e o esforço para que em cada hora celebração haja uma referência com os mistérios da vida de Cristo. Alguns princípios do modo de orar também são identificados, como: os relacionados ao exemplo dos apóstolos, a oração dirigida a Santíssima Trindade, o conteúdo dos mistérios de Cristo, a oração como sacrifício espiritual e, por fim, ter a imagem de Jesus relacionado à luz sem ocaso.<sup>140</sup>

Um fato histórico importante foi que “a etapa que se seguiu à paz de Constantino (em 313) favoreceu também o desenvolvimento do Ofício divino”<sup>141</sup>, que diante desta realidade de liberdade se desenvolveu em dois modos. O primeiro modo conhecido como Ofício das Catedrais. A constituição e organização desta fórmula de oração visava, todo povo cristão, e não somente o clero. Continha um caráter solene, pois era realizada junto às catedrais, congregando o povo ao redor do bispo com o clero, além de ter a marca de ser uma oração comunitária.<sup>142</sup> Segundo Beckhäuser, o Ofício das Catedrais estava relacionado à maneira dos judeus entenderem as orações, por isso a oração era matutina e vespertina.<sup>143</sup>

O segundo modo como se constitui o ofício neste período, se relaciona com a maneira romana de compreensão das horas que surge do ofício dos mosteiros ou ofício monástico: “eles se propõem a cultivar a oração como Ofício Divino, procurando

---

<sup>135</sup> Clemente de Alexandria: de origem grega e pagã, fixou-se em Alexandria. Faleceu por volta do ano de 215.

<sup>136</sup> Tertuliano: de origem africana, estudou direito e retórica. Viveu entre os anos de 155 a 212.

<sup>137</sup> Hipólito: viveu em Roma durante os anos de 170 a 236.

<sup>138</sup> Orígenes: nasceu em Alexandria por volta de 185 de família cristã. Preso e torturado morreu no ano de 254.

<sup>139</sup> Cipriano: converteu-se em 247, de origem pagã. Viveu em Cartago onde foi bispo. Preso e morto em torno do ano de 258.

<sup>140</sup> Cf. GONZÁLEZ, R. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 297-303.

<sup>141</sup> MARTIN, J. *A liturgia da igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 425.

<sup>142</sup> Cf. HENGEMÜLE, E. *O louvor perene: Introdução à Liturgia das Horas*, p. 22.

<sup>143</sup> Cf. BECKHÄUSER, A. A celebração do mistério de Cristo nas horas do dia. In: CONFERENCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (ORG.). *Manual de Liturgia 1*, p. 116.

cumprir as palavras de Cristo: ‘Vigiai e orai para que não entreis em tentação’ (Mt 26,41)”.<sup>144</sup> Assim, os monges “concretizavam, com seu maior número de horas de oração, o modelo da comunidade cristã primitiva”.<sup>145</sup> A adesão dos mosteiros pelo Ofício das Horas foi se tornando uma maneira institucionalizada de rezar, que mais tarde passará a ter um caráter predominantemente clerical, fazendo com que o povo se afaste deste modo de oração.

A história da Liturgia das Horas possui um momento frutuoso entre os séculos IV e IX que possui forte característica de oração eclesial. O ofício é até este momento a grande fonte de espiritualidade e devoção, pelo fato da celebração eucarística não ser diária. “O ofício torna-se, a partir desse momento, celebração de toda a comunidade, ou seja, de todos os fiéis: do povo simples e do clero. Estrutura-se em todas as suas partes e celebra-se diariamente com solenidade”.<sup>146</sup>

Durante este período foi se desenvolvendo a estruturação do ofício de acordo com as diversas igrejas locais, das quais se destacam dentro do rito romano os ofícios rezados na Gália, em Milão, na Hispânia e em Roma.

Merece menção especial o ofício estruturado conforme a regra beneditina, que inspirou e foi modelo para o modo de celebrar o ofício durante o período da Idade Média. Porém, trouxe consequências negativas quanto à participação dos leigos: “Com o tempo, ocorreu a monastização da celebração das Horas: o modelo monástico passou às celebrações eclesiais em geral”<sup>147</sup>, que tornou a celebração do ofício muito complexa, fazendo-se necessário uma quantidade de livros muito grande para celebrá-lo.

A partir do século X ocorre um processo de transformação da Oração das Horas. Sua recitação passa a ser obrigatoriamente em coro e solene, que o torna um encargo muito difícil para os clérigos ocupados com as atividades pastorais. Surge a necessidade de abreviá-lo, de onde advêm o termo “breviário”. “A razão da gênese do

---

<sup>144</sup> Ibidem., p.116.

<sup>145</sup> Cf. GONZÁLEZ, R. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 306.

<sup>146</sup> Ibidem., p. 308.

<sup>147</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene: Introdução à Liturgia das Horas*, p. 23.

breviário foi de tipo prático e utilitário. Mas essa fixação do ofício no breviário o empobrecia, perdendo a capacidade de adaptação".<sup>148</sup> A tendência ao abandono desta celebração por parte dos clérigos é muito forte. Como resposta surge o Ofício da Cúria Romana, que passou a ser adotado pelos franciscanos e, devido à itinerância desta ordem, espalhou-se pela Europa. Caracterizava-se pela simplicidade em um ou dois volumes.

No período medieval houve ainda a passagem da recitação comunitária para a recitação individual, como consequência da *devotio moderna*, acentuou-se a espiritualidade sacerdotal e orientação intimista e subjetiva, que tendia a fazer da própria missa e do ofício o cumprimento de uma obrigação pessoal.<sup>149</sup>

É neste período que surge fortemente a devoção mariana do terço, denominado como o breviário do povo. A clericalização da Liturgia das Horas faz com que os fiéis vivam a sua espiritualidade através das devoções. O início das devoções acontece na dificuldade que o povo tem de acompanhar as orações litúrgicas, devido às diversas horas de oração ao longo do dia e a dificuldade com a língua. Essas dificuldades atingem também a muitos religiosos que não tinham a formação cultural e intelectual necessárias. Ao invés de decorarem os 150 salmos, num primeiro momento rezam, essa mesma quantia, a oração do Pai-Nosso. Posteriormente, acrescenta-se a oração da Ave-Maria, sendo que no século XIV os monges Cartuxos estabelecem a tradição de em cada dezena meditar um dos mistérios de Cristo. O Rosário tornou-se a expressão mais forte do exercício espiritual do povo. Dentre outras devoções que surgiram neste período acrescenta-se a oração do Anjo do Senhor, a Via-sacra, a Coroa das Sete Alegrias e das Dores de Nossa Senhora, Hora Santa e Benção do Santíssimo, as Ladainhas, as novenas e diversas práticas que surgiram.<sup>150</sup>

O ofício ao longo desse período foi sendo desenvolvido e elaborado diante das circunstâncias da vida eclesial. Diante disso, eram apresentadas soluções, algumas

---

<sup>148</sup> GONZÁLEZ, R. In: Boróbio, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 308.

<sup>149</sup> MARTIN, J. *A liturgia da igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 426.

<sup>150</sup> Cf. BECKHÄUSER, A. *O sentido da liturgia das horas*, p. 95-97.

não tão positivas, que pudessem suprir as necessidades espirituais do Povo de Deus. No século XVI viu-se a necessidade de se propor uma reforma. Houveram três tentativas de reforma significativas da Liturgia das Horas, anteriores à que Concílio Vaticano II proporcionou. A primeira diz respeito ao novo breviário, elaborado pelo Cardeal Francisco Quinões em 1535, que propôs um livro baseado na pureza, adotado pelo Papa Paulo III, mas que sofreu muitas críticas pelos teólogos daquele período, vindo a ser desautorizado pelo papa Paulo IV.<sup>151</sup> A segunda tentativa foi promulgada por Pio V chamado breviário do Concílio de Trento, firmava o princípio para que a oração privada e o canto coral deveriam seguir um mesmo esquema. Essa reforma realizada no ano de 1564 praticamente unificou a oração em toda a Europa.<sup>152</sup>

A grande preparação para as reformulações que o Vaticano II promulgou referente à liturgia foram iniciadas pelo Movimento Litúrgico. O Papa Pio X na corrente deste novo tempo para a liturgia publicou no ano de 1903 o *motu próprio Tra le sollicitudini*, com a intenção de renovar a música religiosa e restaurar o canto gregoriano. Havia também um projeto iniciado por ele para reforma do breviário. Com a sua morte este acabou sendo postergado.<sup>153</sup> Conforme aponta Gonzalez:

O Concílio Vaticano II tratou da reforma do ofício com mais profundidade que o de Trento. Apontou as grandes linhas da reforma, que entregou ao papa e aos organismos pós-conciliares encarregados de pôr em prática o concílio. Na constituição apostólica *Laudis canticum*, Paulo VI afirmou ter promulgado o “novo breviário”, que “nada de idêntico se encontra em toda a história da Igreja”, referindo-se ao tratamento que o Concílio Vaticano II fizera da oração das horas.<sup>154</sup>

Na *Sacrosanctum Concilium* foram estabelecidas as normas e as indicações para a reforma da Liturgia das Horas, fundamentadas na visão pastoral que norteou a reflexão conciliar:

---

<sup>151</sup> Cf. MARTIN, J. *A liturgia da igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*, p. 318.

<sup>152</sup> Cf. HENGEMÜLE, O. *louvor perene: Introdução à Liturgia das Horas*, p. 28.

<sup>153</sup> Cf. GOENAGA, J. A. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 320.

<sup>154</sup> Cf. GOENAGA, J. A. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 320-321.

Sendo o Objetivo do Ofício a santificação do dia, deve rever-se a sua estrutura tradicional, de modo que, na medida do possível, se façam corresponder as “horas” ao seu respectivo tempo, tendo presentes também as condições da vida hodierna em que se encontram sobretudo os que se dedicam a obras do apostolado (SC 88).

O profundo conteúdo teológico e espiritual da Liturgia das Horas a partir da reforma conciliar será o conteúdo do terceiro capítulo. Aprofundando esse tema compreenderemos como a teologia da oração presente na Liturgia das Horas se transforma em elemento celebrativo que pode nutrir a vida espiritual da Igreja.

A recepção desta nova versão no Brasil foi sendo acolhida aos poucos. Primeiramente em 1971 foi aplicado a Oração do Tempo Presente, em 1983 o volume único sem o Ofício das Leituras e somente em 1993 a versão em quatro volumes como temos hoje.

Decorrente desta nova mentalidade a qual se propõem, de retomar a oração de modo que favoreça a espiritualidade de toda a Igreja nos diversos estados de vida, a Igreja no Brasil possui uma experiência de inculturação muito rica que é o Ofício Divino das Comunidades, que se insere na tradição da Liturgia das Horas, porém que possui características próprias, como desenvolve Penha Carpanedo:

O Ofício Divino das Comunidades não é uma versão simplificada da Liturgia das Horas; é uma celebração fiel à tradição de oração da Igreja, totalmente inserida no novo jeito de ser Igreja na América Latina, em diálogo com a Piedade Popular.<sup>155</sup>

A história do Ofício Divino das Comunidades nasce no Nordeste do Brasil através da experiência de oração do padre Geraldo Leite, inspirado no modo de rezar da comunidade de Taizé, na França. Sua intenção era de desenvolver um modo de oração inspirado na Liturgia das Horas. Dizia ele ao povo que, assim como o pedreiro possui um ofício, o carpinteiro possui também um ofício, o ofício do povo cristão é a oração. É o trabalho de louvar a Deus. O contexto no qual foi implantado pela primeira

---

<sup>155</sup> CARPANEDO, P. *Ofício Divino das Comunidades: Inculturação da Liturgia das Horas no Brasil*, p 1.

vez é dentro do âmbito rural, marcado pelo silêncio e pela simplicidade de coração, que predispõe para um encontro com Deus. Padre Geraldo relata que às quatro e meia da manhã o povo da localidade de Escada, no interior Pernambucano, já se reunia para a celebração. Este ofício que nasceu na década de setenta está marcado pela inculturação, resgatando as tradições africanas apresentadas através dos instrumentos, ritmos e até dança. E possui uma preocupação de que os salmos também estejam adaptados numa linguagem popular, o que simplificaria a memorização, por ser composto por rima e melodia.<sup>156</sup>

O Ofício Divino se desenvolve no contexto eclesial pós-conciliar da América Latina, marcada pelo engajamento social. Por isso, possui como principal característica a vinculação entre liturgia e vida sem confundir com discurso político ou apenas ritualístico:

No ofício, a vida, os acontecimentos de cada dia, as pessoas, suas angustias e esperanças, suas tristezas e alegrias, as conquistas e revezes de caminhada, as lembranças marcantes da história, da comunidade, das igrejas e dos povos, os próprios fenômenos da natureza são reconhecidos como sinais de Deus a serem lembrados quando celebramos o memorial da páscoa de Jesus.<sup>157</sup>

Assim tendo percorrido o desenvolvimento desta longa tradição orante da Igreja que está enraizada nos relatos bíblicos, percebemos a riqueza que a Liturgia das Horas carrega. O Vaticano II com o esforço de retorno às fontes do modo de oração da Igreja é sem dúvida um fato extraordinário nessa história. Porém, necessita ainda ser aplicado e recebido em nossas comunidades, para que deixe de ser a oração privada do clero e torne-se a oração de toda a Igreja sendo uma preciosa fonte de espiritualidade. É neste princípio que iremos desenvolver a reflexão neste trabalho sobre como a Liturgia das Horas pode ser fonte de espiritualidade para toda a vida da Igreja se sendo uma forma de expressão da liturgia como cume e fonte.

---

<sup>156</sup> Cf. BASTOS, G. *Entrevista*. p. 56-58.

<sup>157</sup> CARPANEDO, P. *Ofício Divino das Comunidades: Inculturação da Liturgia das Horas no Brasil*, p. 2.

### 3 LITURGIA DAS HORAS, FONTE DE ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

A Liturgia da Igreja se constitui como lugar privilegiado, primeira e necessária fonte onde os cristãos bebem do espírito genuinamente cristão (Cf. SC 14). Essa afirmação do Concílio Vaticano II sintetiza dois momentos da liturgia um de reconhecimento e outro de caminho. De reconhecimento da liturgia como fonte de espiritualidade, os padres conciliares ao exprimirem essa realidade reconhecem o trabalho desenvolvidos nas décadas precedentes pelo Movimento Litúrgico. E caminho aberto para toda a Igreja fazer um percurso de redescoberta da Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade.

No início deste trabalho partimos do dado antropológico que constata a espiritualidade como centro de unidade da pessoa. E o lugar da espiritualidade litúrgica como fundamento e essência da vida cristã. Porém, como desenvolvido no capítulo anterior, a história nos mostra a perda da dimensão litúrgica como fonte de espiritualidade, assim, se faz necessário um caminho de redescobrimto desta dimensão espiritual.

Neste ponto queremos desenvolver e refletir como a Liturgia das Horas é uma fonte de espiritualidade da Igreja. Desde já lhe colocando na devida ordem, não como a única, mas com certeza como uma fonte vicejante de onde brota um verdadeiro espírito cristão. É na experiência da liturgia com celebração do mistério de Cristo e atualização da salvação operada por Jesus que se pode entender a Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade cristã.

Nestes últimos tempos o tema da liturgia tem se tornado evidente na vida da Igreja com discussões sobre a forma do rito da celebração litúrgica da Eucaristia. Em resposta e orientação o Papa Francisco nos diz:

Devemos, porém, estar atentos: para que o antídoto da Liturgia seja eficaz é-nos pedido que em cada dia redescubramos a beleza da verdade da celebração cristã. Refiro-me, mais uma vez, ao seu sentido teológico, tal como o n. 7 da *Sacrosanctum Concilium* maravilhosamente o descreveu: a liturgia é o sacerdócio de Cristo a nós revelado e doado na sua Páscoa, hoje tornado presente e atuante mediante sinais sensíveis (água, azeite, pão,

vinho, gestos, palavras) para que o Espírito, submergindo-nos no mistério pascal, transforme toda a nossa vida, conformando-nos cada vez mais a Cristo (DD 21).

A missão da liturgia é fazer que em seus ritos e palavras submerja sacramentalmente na vida da Igreja o Espírito do próprio Cristo que brota do seu Mistério Pascal. Neste sentido a Liturgia das Horas especificamente possui uma capacidade toda própria de trazer a vida no espírito aos fiéis que nela consagram o tempo através da oração das horas como culto agradável a Deus.

### 3.1 LITURGIA DAS HORAS NA ORAÇÃO DA IGREJA

A teologia por muito tempo descuidou do tema da oração dentro dos tratados teológicos. O Concílio Vaticano II através da reforma da liturgia, conjuntamente com a Constituição Apostólica *Laudis canticum* de Paulo VI e a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, apresentam uma reflexão teológica que retoma o conteúdo teológico da oração cristã. Nesse aspecto a Liturgia das Horas torna-se escola genuína para se aprender a maneira conveniente de orar.<sup>158</sup>

A oração na Liturgia das Hora acontece na relação de diálogo de amor que Deus mantém com a humanidade ao longo de toda a história da salvação. “A liturgia das horas não é um discurso, nem mesmo de louvor e súplica dirigido a Deus. Mas é escuta da Palavra que o Pai nos transmite por seu Filho único e que o Espírito Santo nos faz”.<sup>159</sup> É Deus quem age primeiro através dos mistérios da salvação na história de seu povo eleito. E que na plenitude dos tempos em Jesus fala aos homens como a amigos. A Igreja tem especial missão de manter esse diálogo de maneira viva:

---

<sup>158</sup> Cf. CASTELLANO, Jesus. In: BORÓBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 338-339.

<sup>159</sup> REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 42.



A liturgia é história da salvação em ato, é atualização da revelação divina. Realiza-se no hoje da palavra na celebração da história da salvação, que toda celebração litúrgica torna presente e que a liturgia das horas, de maneira muito peculiar, proclama, medita, acolhe e transforma em oração, valendo-se da variada gama de sentimentos inerentes à prece cristã. Sendo assim, o diálogo continua aqui e agora, e de maneira particular em cada celebração.<sup>160</sup>

E, assim, a Liturgia das Horas entra na dinâmica de relação que brota na oração. “A originalidade da oração cristã está na proximidade de Deus para com os homens, que de diversos modos manifesta sua presença em meio ao seu povo. A oração é a resposta a essa revelação de Deus.”<sup>161</sup>

Queremos nesta parte que trata da Liturgia das Horas como oração da Igreja aprofundar a relação da Liturgia das Horas com a Trindade, trazendo para este ponto o que no primeiro capítulo refletimos em relação a Trindade e a Igreja. Daniel de Reynal afirma que “a liturgia das horas enquanto diálogo com Deus-Trindade, é um dos meios para que a comunhão íntima com Deus se manifeste e se torne comunicação”.<sup>162</sup> Diante desse processo de continuidade da ação de Deus na história humana é hoje a Igreja o sacramento pelo qual Deus se manifesta aos homens. Por isso, abordamos também a perspectiva eclesiológica da prece cristã.

### **3.1.1 Oração ao Pai, pelo Filho, no Espírito**

Ao início de trabalho nos dedicamos na reflexão a respeito da relação intrínseca entre a Igreja e liturgia onde se dissertou sobre a natureza destas duas realidades que se fundamentam na Trindade. Tendo como pressuposto esse conteúdo queremos agora abordar como esta relação trinitária é visível na celebração da Liturgia das Horas.

---

<sup>160</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 341.

<sup>161</sup> *Ibidem.*, p. 342-343.

<sup>162</sup> REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 44.

A *Sacrosanctum Concilium* afirma: “Cristo Jesus, ao assumir a natureza humana trouxe a este exílio terreno aquele hino que é cantado por todo o sempre nas habitações celestes” (SC 83). Alberto Beckhäuser comentando essa citação, aponta que: “no exercício desse sacerdócio, Jesus Cristo realiza a íntima comunhão com Deus e com a humanidade. Traz ao tempo presente e para dentro da criação aquela comunhão eterna da Trindade Santa”.<sup>163</sup> Toda oração da Igreja não tem outro fundamento e natureza se não a vida trinitária e tende para a comunhão que se dá no diálogo entre as três pessoas da Trindade. “A dimensão trinitária do mistério da Igreja e de toda a economia da salvação adquire na liturgia cristã a atualização concreta, o ‘existir’ a partir da Trindade”.<sup>164</sup>

Paulo VI relembra a citação acima proferida da *Sacrosanctum Concilium*, apresenta a Liturgia das Horas como uma das diversas formas que a Igreja ao longo da história utilizou para que: “o cântico de louvor, que ressoa eternamente nas moradas celestes, e que Jesus Cristo, Sumo Sacerdote, introduziu nesta terra de exílio” (SC 70) fosse sempre repetido na Igreja. Portanto, “a Liturgia das Horas apresenta o mistério do Deus Uno e Trino, bem no âmago da própria celebração: todos os dons vêm do Pai pela mediação do Filho, na comunhão do Espírito.”<sup>165</sup> “O louvor de Deus ressoa no coração de Cristo com palavras humanas de adoração, propiciação e intercessão. Tudo isso ele dirige ao Pai, como cabeça que é da humanidade e mediador entre Deus e os homens” (IGLH 3).

Assim como Cristo dirige-se ao Pai, a Igreja em Cristo associa suas súplicas e ações de graças a Deus.

O Pai é fonte da oração porque dele nos vem o Espírito que, como dom pessoal derramado em nossos corações, faculta-nos a ousadia de chamá-lo de Pai. Ele é o manancial eterno de todo bem que pedimos ou que reconhecemos quando o louvamos e lhe damos graças. Procede dele a palavra que nos instrui e nos interpela. Dirigi-se a ele, como a seu termo, a

---

<sup>163</sup> BECKHÄUSER, A. *Sacrosanctum Concilium: Texto e comentário*, p.108.

<sup>164</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 347.

<sup>165</sup> REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 47.

voz de todas as nossas súplicas, invocações, intercessões ou ações de graças.<sup>166</sup>

O louvor a Deus brota como ato de reconhecimento pelas maravilhas operadas por Deus que se revelou na história da humanidade. A glória de Deus em nada depende da nossa oração é o que rezamos no quarto prefácio do Tempo Comum: “ainda que nossos louvores não vos sejam necessários, vós nos concedeis o dom de vos louvar. Eles nada acrescentam ao que sois, mas nos aproximam de vós, por Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso”.<sup>167</sup>

A oração ao Pai nos revela a condição filial da humanidade e a novidade que Cristo trouxe ao nos ensinar a maneira de nos dirigirmos a Deus:

Chamando Deus de Pai, *Abbá*, Jesus revelou, na presença dos apóstolos, que o grau de intimidade que o une a Deus é unicamente seu. A Igreja, orando como Jesus, mostra que é ele que reza com ela e por ela. Inegavelmente, a experiência da oração de Jesus é única, em virtude de sua proximidade com Deus. Jesus está “no Pai” e o Pai está presente nele (Jo 14,10). A oração da Igreja nada acrescenta à dele, mas ele a acolhe no coração do seu diálogo com o Pai. Com Jesus, pois, a Igreja e cada um de nós pode chamar a Deus de *Abbá*. É importante ressaltar esta característica teocêntrica e teologal da oração oficial da Igreja. A liturgia das horas é, portanto, a oração pela qual nos voltamos ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. O mesmo Pai a quem o Filho falava familiarmente sem faltar ao respeito infinito e à adoração que lhe devia enquanto homem.<sup>168</sup>

A oração da Liturgia das Horas é a expressão simbólica da oração que Cristo elevou ao Pai em sua vida terrena. Como já aludimos no capítulo anterior ao relatarmos o modo como Cristo orava, Jesus Cristo na sua vida pública se tornou para todos nós o modelo e mestre de oração. Na pessoa de Cristo a Igreja, além de contar com o seu exemplo, conta com a sua mediação:

---

<sup>166</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 348.

<sup>167</sup> MISSAL ROMANO, p. 459.

<sup>168</sup> REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 52.

A teologia da oração de Jesus que abarca os dias de sua vida mortal, nos quais surge como modelo e mestre, adquire nova dimensão com a teologia do Senhor ressuscitado e glorioso, que está presente à direita do Pai para interceder por nós e é invocado pela comunidade cristã como mediador de sua prece, assim também como Deus e Senhor que recebe o louvor do céu e na terra.<sup>169</sup>

É o que a IGLH expressa quando afirmar que “o louvor a Deus ressoa no coração de Cristo com palavras humanas de adoração, propiciação e intercessão” (IGLH 3). É nesta atitude intercessora de Cristo que a Igreja encontra na Liturgia das Horas o lugar de diálogo ao Pai pelo Filho:

ainda em vida, Jesus falou: “Eis que estou convosco até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). [...] Passada a existência terrena de Jesus, o Cristo ainda hoje segue ligado a nós também como orante supremo e permanente junto ao Pai. Realizando o que prometeu, Ele é agora nosso advogado, nosso mediador, nosso pontífice.<sup>170</sup>

A teologia da prece cristã encontra em Jesus Cristo o mediador universal, confessando “essa dependência diante de seu criador. Assim, homens piedosos de todos os tempos o fizeram por meio da oração” (IGLH 6). Nele temos o acesso a Deus, pela oração que “por ser dirigida a Deus, deve necessariamente ser vinculada a Cristo, Senhor de todos e único Mediador. Unicamente por ele temos acesso a Deus. De tal maneira ele incorpora a si toda a comunidade humana. A incorporação da oração da Igreja a oração de Cristo acontece pela sua inserção no Corpo de Cristo:

como Senhor e cabeça da Igreja, Cristo permanece junto dela e se faz presente principalmente nos atos litúrgicos de diversos modos para realizar a obra da salvação (cf. SC 7). A presença de Cristo na liturgia é uma presença dinâmica e eficaz, que faz dos atos litúrgicos acontecimentos de salvação.<sup>171</sup>

---

<sup>169</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 351.

<sup>170</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p. 42.

<sup>171</sup> MARTIN, J. *A liturgia da igreja*, p. 76.

Santo Agostinho expressa que a Igreja se torna a voz de Cristo Ressuscitado: “Ele reza por nós como nosso sacerdote, reza em nós como nossa cabeça e nós rezamos a ele como nosso Deus. Reconheçamos, pois, nossa voz nele e sua voz em nós”.<sup>172</sup> A dimensão eclesial da oração encontra seu fundamento somente em Jesus, pelo fato de ser a Igreja continuadora da prece que Ele elevou em sua vida terrena.

Quanto a presença do Espírito na vida da Igreja o CIC diz que o mistério de Cristo ensina as formas pela qual o Espírito Santo age na vida litúrgica, afirma que ele: “prepara a Igreja para encontrar seu Senhor, recorda e manifesta a fé da assembleia, torna presente e atualiza o mistério de Cristo por seu poder transformador, e finalmente, como Espírito de comunhão, une a Igreja à vida e missão de Cristo” (CIC 1092).

A oração como dom e graça divina, pelo Espírito, suscita no coração do homem o desejo de encontrar a Deus, “pois não pode haver oração cristã sem a ação do Espírito Santo” (IGLH 8). O Espírito suscita a preparação para a vinda gloriosa de Cristo, a Liturgia das Horas possui uma dimensão escatológica, “ela se inicia fazendo referência ao tempo e à parusia: ‘Chegou a hora... agora vou para junto de ti’. Através da liturgia das horas, a Igreja está sempre oportunamente reconhecendo que chegou a hora de fazer Memória de Jesus.”<sup>173</sup>

É também pela ação do Espírito que a Igreja em Cristo se dirige ao Pai: “Com o Espírito do Filho, ele infunde em nós ‘o espírito de adoção filial, no qual clamamos: Abba, Pai (IGLH 8)”. A ação do Espírito Santo faz com que a oração da Igreja se torne ao mesmo tempo atualização dos mistérios de Cristo e realize a unidade da vida da Igreja em Cristo:

a prece eclesial é tanto oração no Espírito Santo como oração do Espírito Santo. Nesse “no” da comunhão e nesse “do” da apropriação de nossa oração por parte do Espírito funda-se toda a verdade da oração cristã. [...] É o Espírito Santo, bom e vivificante, como chamam os orientais, que garante a verdade da oração, a unidade da Igreja orante, sua presença e sua “eclesialidade” como prece do Corpo de Cristo e como culto espiritual que se

<sup>172</sup> AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos: 51-100*, p. 841.

<sup>173</sup> COSTA, V. *Liturgia das Horas: Celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*, p. 22.

eleva deste templo do Espírito. Ele purifica e profere nossas orações, fazendo-as chegar ao trono de Deus.<sup>174</sup>

A oração cristã pela Liturgia das Horas é um modo de unidade eclesial para responder ao chamado de amor que procede do Pai e do Filho e do Espírito. “Deus manifestou por revelação qual é precisamente esta via. A revelação nos adverte em primeiro lugar que o Deus ao qual devemos ir é o Deus Trindade”.<sup>175</sup>

Ao desenvolver a relação da Trindade na teologia da prece cristã a relacionamos diretamente com a oração da Igreja que é a Liturgia das Horas. Assim procuramos apresentar o conteúdo teológico da Liturgia das Horas em complementação ao que no primeiro capítulo abordamos quando tratou da relação da Trindade e da liturgia.

### 3.1.2 Oração da Igreja

A Igreja ao celebrar a Liturgia das Horas cumpre o preceito indicado por Jesus aos seus discípulos: “Jesus mandou que fizéssemos o que ele mesmo fez: ‘orai’, disse muitas vezes, ‘rogai’, ‘pedi’ ‘em meu nome” (IGLH 5). A celebração das Horas é a realização por parte da Igreja deste mandato, assim, ela empresta a sua voz para que Cristo continue a elevar seus louvores ao Pai. A oração eclesial é oração sacerdotal de Cristo dirigida pela Igreja ao Pai. “A oração sacerdotal de Jesus, [é] atualizada pela salmodia [...] Nesse sentido, a liturgia das horas é em essência ‘a oração do pastor’ e, por isso, é um instrumento de primeira grandeza na ordem pastoral”.<sup>176</sup>

Para expressar essa relação de Cristo como mediador entre Deus e a Igreja, se utiliza a imagem de Cristo como a Cabeça da Igreja, onde com está imagem Ele “se une a ela numa identificação mística, a ponto de chamá-la de seu Corpo. Lemos

---

<sup>174</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 354.

<sup>175</sup> VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da Liturgia*, p. 185.

<sup>176</sup> COSTA, V. *Liturgia das Horas: Celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*, p. 24.

nas preces do dia 3 de janeiro: ‘Cristo, nossa vida, vós que viestes para ser a cabeça da Igreja, fazei crescer o vosso Corpo, de tal modo que ele se edifique na caridade’.<sup>177</sup>

De modo análogo é também a Igreja vista como a esposa de Cristo:

Desde a sua encarnação, o Verbo de Deus assumindo a natureza humana individual torna-se homem e, de certa maneira, já desposa a humanidade que veio salvar. [...] Se Adão saudou Eva com estas palavras: “És o osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2,23), Cristo uniu-se à Igreja ao ponto de tornar-se como ela um só corpo.<sup>178</sup>

Esta relação mútua de entrega entre Cristo e a Igreja só pode ocorrer pela ação divina de Cristo que na cruz se entrega por amor. Neste ato de amor, que se torna a redenção da humanidade pela ressurreição, insere toda a Igreja pela graça no sacerdócio de Cristo que provém do batismo:

a Igreja é povo sacerdotal, corpo de Cristo, e templo do Espírito. É a esposa que invoca Jesus seu esposo, a comunidade ou “ekklesia” reunida em nome de Jesus que frui de sua presença e tem garantida a eficácia de sua oração unânime. Não será supérfluo lembrar que todos esses títulos, que delineiam a fisionomia do mistério da Igreja, referem-se a uma atitude de comunhão e oração.<sup>179</sup>

Deste modo, como assembleia reunida para o louvor e para a prece, a Igreja é manifestada no sentido de ser sinal para o mundo, é sinal sacramental. Por isso a Liturgia das Horas, por ser um ato litúrgico, realiza uma ação simbólica que, “contribui sumamente para que os fiéis expressem em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira Igreja” (SC 2). Para Edgard Hengemüle o povo de Deus que pelo batismo, com o qual foi ungido, não só pode, como deve atuar na liturgia, sendo essa ação, também, expressão da natureza da

---

<sup>177</sup> REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 207.

<sup>178</sup> REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 207.

<sup>179</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 356.

própria Igreja<sup>180</sup> Reynal, reiterando aquilo que Santo Agostinho repetia convicta e convincentemente, a partir do axioma “*Lex credendi, lex orandi*”, afirma que o Ofício Divino testemunha aquilo que a Igreja, em oração, crê hoje e acreditou ontem.<sup>181</sup> A “Liturgia das Horas visibiliza a Igreja como instituição orante, celebrante do mistério de Cristo, ‘operação na ação’ (*opus Dei*), mas também ‘devotada à contemplação’” (IGLH 8). E, por fim, *Laudis Canticum* afirma que “quando a comunidade se reúne, manifesta a verdadeira natureza da Igreja orante, da qual se revela como sinal maravilhoso” (LC 8).

“A Liturgia das Horas, como as demais ações litúrgicas, não é ação particular, mas algo que pertence a todo o corpo da Igreja e o manifesta e atinge” (SC 26). É a expressão daquilo que a Igreja é na sua essência:

assembleia em oração como expressão e realização da comunidade cristã, frente a frente com Deus, em seu mistério de dependência para com o Pai, para com seu Filho Jesus e para com o Espírito Santo. Não é preciso celebrar a eucaristia para a Igreja sentir-se realizada. A oração já expressa sua natureza diante de Deus, dos homens e dos diversos membros da comunidade.<sup>182</sup>

É na oração comunitária que de modo particular se realiza a ação de Cristo na Liturgia das Horas. Como nos referimos ao falar da história desta oração, ela surge como essencialmente uma oração comunitária do bispo com seu presbitério e a assembleia dos fiéis. Embora na realidade pastoral se verifique que está não é uma prática celebrativa das comunidades eclesiais. As indicações do Vaticano II propõem para um esforço de que esta prática seja retomada nas comunidades. Assim, celebrada nas comunidades de fé une a toda a Igreja universal.

---

<sup>180</sup> Cf. HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p. 47.

<sup>181</sup> Cf. REYNAL, D. *Teologia da Liturgia das Horas*, p. 274.

<sup>182</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 356.



### 3.1.3 Sujeitos da Oração da Igreja

O ritual de ordenação de diáconos prevê um rito denominado de propósitos do eleito, nele o candidato é interrogado pelo bispo diante da assembleia presente e manifesta publicamente o desejo de assumir os deveres próprios do ministério diaconal que lhe será conferido. Dentre estes propósitos está o que se refere ao compromisso de celebrar a Liturgia das Horas:

Queres, de acordo com o teu estado, perseverar e progredir no espírito de oração e neste espírito, segundo tuas condições, realizar fielmente a Liturgia das Horas com o povo de Deus, em seu favor e pelo mundo inteiro?<sup>183</sup>

Esta interrogação realizada ao candidato poderia nos causar um grande espanto se antes não tivéssemos analisados os elementos históricos do Ofício das Horas, pois na citação acima viu-se que não compete somente aos clérigos “realizar fielmente a Liturgia das Horas”, mas sim, “com o povo, em seu favor e pelo povo do mundo inteiro”. Este é um dos sinais do retorno às fontes proposto pelo Concílio Vaticano II, que olhando para a história dos primeiros cristãos percebe a Liturgia das Horas como grande fonte de espiritualidade para toda a Igreja, leigos e clérigos. Desta forma a Liturgia das Horas, nesta renovada forma de compreender a teologia da oração cristã, deixa de ter somente o caráter de dever clerical e para ser compromisso e responsabilidade de toda a Igreja:

porque, para todos, mesmo para os sacerdotes e os religiosos, a capacidade de dirigir a Deus os louvores e as súplicas da Liturgia das Horas não provém do sacramento da Ordem ou dos votos religiosos, mas do Batismo e da Confirmação. O Batismo, fundamentalmente, não só nos compromete, mas também nos dá o direito de orar.<sup>184</sup>

---

<sup>183</sup> PONTIFICAL ROMANO. p. 114.

<sup>184</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p. 33.

A Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas salienta o aspecto comunitário, “o caráter eclesial de sua celebração aparece principalmente quando é realizado pela Igreja particular” (IGLH 20), pelo fato de que “quando os fiéis são chamados à Liturgia das Horas, e se reúnem, unindo seus corações e vozes, manifestam a Igreja que celebra o mistério de Cristo” (IGLH 21). Aos clérigos compete o dever de fomentar e incentivar a oração da Liturgia das Horas nas comunidades

É função dos que receberam a ordem sagrada ou que foram investidos de particular missão canônica convocar e dirigir a oração da comunidade: “Trabalhem para que todos os que se encontram sob seus cuidados vivam unânimes na oração”. Cuidem, pois, de convidar os fiéis e formá-los com a devida catequese para a celebração comunitária das principais partes da Liturgia das Horas, sobretudo nos domingos e festas. Ensinem-lhes a dela participarem de modo a fazerem autêntica oração. Por isso, ajudem-nos com a devida instrução a entenderem o sentido cristão dos salmos, de sorte, que pouco a pouco, sejam levados a maior gosto e prática na oração da Igreja.<sup>185</sup>

O dever dos clérigos a fidelidade e assiduidade prometida na ordenação diaconal está em vista da missão da Igreja de orar a Cristo e com Cristo. “Para que esta missão da comunidade seja desempenhada ao menos por eles de maneira certa e constante, e a oração de Cristo continue sem cessar na Igreja”.<sup>186</sup> É uma interessante mudança de orientação no dever fundamental dos ordenados quanto à oração. E, assim, se compreende que o propósito assumido perante a Igreja não consiste apenas numa prática de exercício pessoal de oração, consiste numa prática de oração eclesial com a finalidade da liturgia como cume e fonte da vida espiritual da Igreja.

Diante desta realidade apresentada pelo Vaticano II e a realidade na qual vivemos se analisa ainda uma dificuldade de recepção e aplicação das propostas apresentadas. Dom Armando Buccioli reflete sobre a necessidade, ainda hoje, da aplicação correta daquilo que o Concílio Vaticano II propôs para a liturgia:

---

<sup>185</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p 23.

<sup>186</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p, 28.

A recusa ou a não completa aceitação da liturgia da SC, reflete uma interpretação ou – pior! – a não aceitação da ‘eclesiologia de comunhão’ de *Lumen Gentium* e / ou da diferente ou divergente compreensão dos grandes princípios (da eclesiologia, da liturgia e da espiritualidade) que orientam os documentos do Concílio. [...] Pastores e liturgistas têm, ainda, um desafio e um compromisso. Como vimos, a SC deve ser lida e aplicada à luz dos sucessivos documento conciliares.<sup>187</sup>

É de incumbência da Igreja promover a formação aos pastores para que eles primeiramente imbuídos do espírito de oração, possam formar o Povo de Deus para esta experiência eclesial. A aplicação desta proposta fundamental da Liturgia das Horas como oração da Igreja precisa necessariamente ser iniciada na formação dos futuros presbíteros. Como aponta a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* “Na vida de oração de um presbítero não deve faltar a Liturgia das Horas, que representa uma verdadeira e própria ‘escola de oração’, também para os seminaristas” (RFS 105).

Gofredo Boselli em sua publicação sobre o Sentido Espiritual da liturgia cita alguns autores que discorrem sobre uma separação existente entre a liturgia e a vida do presbítero, indicando que mesmo com as reformulações propostas pelo Vaticano II a liturgia ainda não assumiu a centralidade no seu ministério e os atos litúrgicos não o fazem alcançar o mistério. Para ele é necessário reconhecer que uma das condições fundamentais para o casamento entre liturgia e oração é que os presbíteros, por primeiro, tenham realizado esta reconciliação, em sua vida espiritual. A vida espiritual do presbítero deve ser o lugar onde a liturgia e a oração se encontram de novo, ou o lugar onde a objetividade da liturgia e a subjetividade do indivíduo se alcançam, se plasmam, se misturam e também, às vezes, inevitavelmente, se opõem ou até mesmo colidem. Daí uma pergunta: “podemos dizer que a liturgia das horas e, em particular, a oração dos salmos, assim como a eucologia do missal e, especificamente, as orações eucarísticas e as orações do dia sejam para os cristãos de hoje e, de modo todo especial, para os presbíteros, fonte e norma de sua oração?”<sup>188</sup>

---

<sup>187</sup> BUCCIOL, A. *Liturgia, vida da Igreja*, p. 13.

<sup>188</sup> BOSELLI, G. *O Sentido Espiritual da Liturgia*, p. 121.

Para que a resposta deste questionamento possa ser respondida positivamente é necessário que no processo de formação inicial e permanente dos presbíteros se tenha uma atenção particular para na dimensão litúrgica e espiritual:

Para que os alunos participem ativamente da Liturgia das Horas, é preciso considerar que ela requer uma pedagogia gradual da iniciação bíblica, histórica, litúrgica e espiritual. [...] Dessa forma os alunos habituar-se-ão a saborear, compreender e amar cada vez mais as riquezas da Liturgia das Horas e aprenderão a dela extrair o alimento para a oração pessoal e a contemplação. [...] mas como exercício do ministério da oração: rezar pela comunidade dos fiéis e ajudá-los a celebrar o Ofício.<sup>189</sup>

Desta forma a Liturgia das Horas poderá ser a fonte de vida espiritual dos ministros ordenados, para que na missão de fomentar e educar os fiéis a prática da oração seja realizada primeiramente pelo testemunho pessoal de fidelidade e assiduidade ao dever assumido.

### 3.2 ESPIRITUALIDADE DA LITURGIA DAS HORAS

A espiritualidade cristã consiste no desenvolvimento do agir da pessoa que movida pelo Espírito Santo busca assimilar-se a Cristo. Queremos analisar como a Liturgia das Horas é uma das fontes litúrgicas deste espírito cristão e como ela se torna fonte de espiritualidade do agir cristão modo individual e comunitário no mistério pascal de Jesus Cristo. A gênese da espiritualidade cristã está na abertura que o crente tem para com Deus, abertura que se caracteriza pela inserção da sua vida num diálogo amoroso com ele.

A Liturgia das Horas inserida na espiritualidade litúrgica, tendo como centro a celebração do Mistério Pascal de Cristo, é na vida da Igreja um momento privilegiado de espiritualidade e santificação. Essa dimensão espiritual do ofício divino não é algo

---

<sup>189</sup> PALUDO, F. In: CONFERENCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (Org.). *Manual de Liturgia 1*, p. 47.

subjetivo, pelo contrário, é concreto na medida em que modela a vida cristã através da liturgia.

### 3.2.1 Liturgia das Horas, celebração do mistério da salvação

A Liturgia das Horas ao celebrar o mistério da salvação o faz de dois modos: primeiro sobre a ideia da ação memorial, celebrando e meditando as ações divinas ao longo da história em prol da salvação dos homens e mulheres de todos os tempos. E segundo, é atualização destas ações, que a partir da celebração continuam a estarem presentes por intermédio da Igreja na vida de toda a humanidade. “A peculiaridade dessa celebração da história *salutis* por meio da prece eclesial reside no fato de a Igreja em oração ser o sacramento em que a presença salvífica de Deus se torna presente de maneira consciente no mundo.”<sup>190</sup>

Desta dimensão do culto se destacam duas características próprias da oração cristã, que estão presentes na Liturgia das Horas de modo bastante eloquente, a dimensão do louvor pelas maravilhas e os pedidos de intercessão. “A Igreja proclama e responde, interpreta o sentido da história à luz das promessas, assume o devir histórico e apresenta-o a Deus Pai por Jesus Cristo no Espírito Santo.”<sup>191</sup>

A celebração do culto cristão como atualização da história da salvação tem no mistério pascal de Jesus o centro e a plenitude, onde de modo especial a Liturgia das Horas exerce na Igreja o exercício do múnus sacerdotal de Cristo, que através dela continua a estar em atitude orante perante o Pai. A celebração litúrgica não consiste apenas no memorial da ação de Deus, ela é também o modo como Deus continua a operar na Igreja através do diálogo a sua ação salvífica. “Na Liturgia das Horas efetua-se a santificação do homem e presta-se culto a Deus, de tal maneira que nela se estabelece uma espécie de intercâmbio ou diálogo entre Deus e os homens” (IGLH 14). E por ser a Liturgia das Horas a continuidade da oração do próprio Cristo ela “não

---

<sup>190</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 378.

<sup>191</sup> *Ibidem.*, p. 378.

só celebra a História da Salvação operada e em operação. Ela mesma é um ato dessa aliança, uma das formas da prolongação dessa”.<sup>192</sup>

Quatro são as dimensões que a Liturgia das Horas possui em relação ao mistério pascal: a primeira é a história da salvação que atinge em Jesus o seu ápice; a segunda é a realidade objetiva da existência de Jesus que culmina em sua paixão gloriosa; a terceira é a atualização permanente deste mistério na Igreja; e a quarta é o diálogo filial, consciente e lúcido, generoso e livre, em que Jesus vive cumprindo pela oração o desígnio do Pai. De modo especial é nesta quarta dimensão que a Liturgia das Horas encontra sua expressão como a voz de Cristo que ainda hoje se eleva ao Pai, pois a Igreja crê que o próprio Jesus vive e ora com ela. E assim a Igreja tem o modo peculiar de atualizar o mistério de Jesus.<sup>193</sup>

A Liturgia das Horas possui diversos elementos que compõem o rito de celebração. Alguns destes elementos, tais como os salmos, cânticos e leituras do Antigo Testamento, fazem parte da tradição judaica que influenciou o modo da Igreja celebrar as horas. A Igreja enriqueceu este modo de orar com elementos próprios do Novo Testamento como Leituras, Cânticos e o Pai-nosso, além de elementos complementares como os textos patrísticos e hagiográficos. Todos esses elementos que a constitui possuem uma teologia que justifica o seu lugar na celebração. Dentro desta perspectiva da teologia da prece cristã e em relação à celebração do mistério da salvação, vemos os salmos com uma singularidade própria diante dos outros elementos. A Liturgia das Horas é por excelência uma oração sálmica, seu papel fundamental para que “permaneça a estrutura essencial dessa liturgia: o diálogo entre Deus e o homem” (IGLH 33).

O saltério sempre foi fundamento da oração cristã individual e comunitária. Comprovam-no os comentários dos Santos Padres e de alguns santos e teólogos sobre o saltério. E não deixa de ser normal, pois os salmos são um resumo, que se fez canto e prece, das Sagradas Escrituras, livros que contêm o mistério de Jesus celebrado na liturgia.<sup>194</sup>

---

<sup>192</sup> HENGEMÚLE, E. *O louvor perene*, p. 52-53.

<sup>193</sup> Cf. CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 379-381.

<sup>194</sup> FERNÁNDEZ, P. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 420.

A Instrução Geral da Liturgia das Horas diz que os salmos são a expressão orante da vida, dos sentimentos e da história de um povo com Deus: “as dores e esperanças, a miséria e a confiança dos seres humanos de qualquer época ou nação, sobretudo a fé em Deus e cantam a revelação e a redenção” (IGLH 107). A Igreja com o passar do tempo aprendeu a celebrar o mistério da salvação operado de modo pleno em Jesus, pois, “os salmos não encerram mais que uma sombra daquela plenitude dos tempos que se revelou em Cristo, Nosso Senhor” (IGLH 101). A salmodia nos insere na história de amor e salvação de Deus para com o seu povo, por ter essa característica universal que nos insere no mistério da Igreja:

na Liturgia das Horas, quem salmodia não o faz tanto em seu próprio nome, como em nome do Corpo de Cristo, e ainda na pessoa mesma do próprio Cristo. Aquele que tem isso bem presente resolve as dificuldades que possam surgir, ao perceber que os sentimentos de seu coração, enquanto salmodia, discordam dos afetos que o salmo expressa. Por exemplo, estando triste e cheio de amargura, canta um salmo em júbilo, ou, estando feliz, canta um salmo de lamentação. Na oração meramente particular, isto facilmente se evita, porque nela há liberdade para escolher um salmo adequando ao próprio estado de alma. Contudo, no Ofício Divino, os salmos em sua sequência oficial não se cantam em particular, mas em nome da Igreja, mesmo quando alguém recita sozinho alguma das horas. Quem salmodia em nome da Igreja poderá sempre encontrar motivos de alegria ou tristeza, porque também a isto se aplica a passagem do Apóstolo: “alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram” (Rm 12,15).<sup>195</sup>

A oração das Horas insere o orante na dinâmica da história da salvação que continua a ser operada na vida da Igreja pela liturgia e sacramentos. Educa o coração de todo o povo para uma relação íntima, porém não intimista e subjetiva. Uma das dificuldades do tempo presente é inserir os fiéis nesta perspectiva universal, e não apenas particular, da salvação. Para a oração da Liturgia das Horas é imprescindível a devida formação, para se faça uma experiência do mistério de Cristo, especialmente aos Salmos: “Precisamos, a meu ver, de iniciação litúrgica aos salmos. O homem pós-moderno encontra dificuldades na linguagem simbólica dos salmos; não, porém, o cristão iniciado já se acostumou a sair de si e colocar-se no plano de Deus”.<sup>196</sup>

---

<sup>195</sup> FERNÁNDEZ, P. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 108.

<sup>196</sup> *Ibidem.*, p. 421.

### 3.2.2 Fonte de espiritualidade

A Liturgia das Horas como fonte de Espiritualidade Litúrgica da Igreja está relacionada com a ação litúrgica como memória e atualização da obra da salvação. Na forma de orar da Igreja é expresso a relação e o diálogo entre Deus e o seu povo ocorrido na História da Salvação. O modo de orar dos personagens bíblicos se fundamenta na relação com Deus, “o orante bíblico traz para o diálogo com seu Deus sua própria história e a história de seu povo”.<sup>197</sup> A relação com Deus é estabelecida e possibilitada pela graça sacramental:

O fundamento ontológico, acima de qualquer outro título, da participação de todos os fiéis na oração da Igreja; o sacerdócio comum, por ser ontologicamente comunhão com Jesus e consagração no Espírito, realmente “habilita” para esse diálogo de salvação, fazendo do cristão sacerdote do novo culto da oração.<sup>198</sup>

Na oração da Liturgia das Horas a dimensão do diálogo se expressa na forma ritual da oração, composta de diversos momentos de diálogo entre a assembleia. Este modo de rezar manifesta no diálogo com Deus que se realiza pela oração do ofício ao longo dos diversos momentos do dia. Esse estilo de oração estimula a configuração da vida ao Mistério de Cristo:

Durante cada uma das horas do dia e da noite, a vida inteira dos fiéis constitui uma *leitourgia* (liturgia) mediante a qual eles se oferecem para o serviço de amor a Deus e aos homens, aderindo à noção de Cristo, que em sua vida entre nós e a oferta de si próprio, santificou a vida de todos os seres humanos (LC 8).

Como já vimos, o verdadeiro culto espiritual revelado pela aliança de Cristo em seu Mistério Pascal não é prestado apenas por ritos externos, antes de tudo é a vida de cada crente que inserida nesse mesmo mistério procura buscar o ideal de perfeição

---

<sup>197</sup> Cf. CASTELLANO, Jesus. In: BORÓBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 362

<sup>198</sup> *Ibidem.*, p. 364.



cristã. Para que em conformidade com o próprio Cristo se unam num sacrifício de amor. É no caminho de busca para este ideal que se insere a espiritualidade também da Liturgia das Horas. Pois elevar diariamente e em diversos momentos do dia um hino de louvor a Deus significa entrar na dinâmica da vida divina. Deste modo ao celebrar as horas o louvor a Deus sinal de conversão, comunhão e glorificação a Deus. Essas três características expressam a finalidade da missão da Igreja, ou seja, *cume* para o qual tende toda a atividade missionária, assim, podemos dizer que a Liturgia das Horas também consiste na dimensão litúrgica como *cume*.

Nesse sentido, espiritualidade como busca ascética de perfeição tem o intuito a assimilação da vida com a própria vida de Cristo. Celebrando os mistérios da Vida de Cristo, pela celebração das horas participa da vida Cristo, recebendo as graças que dele provêm para viver com justiça e paz. Assim, a Liturgia das Horas se torna um modelo virtuoso para a formação espiritual do cristão, verdadeira fonte do espírito cristão. Não sendo mais uma forma de oração entre tantas outras, mas é por excelência a oração da Igreja. Compreendemos a Liturgia das Horas como uma fonte da espiritualidade litúrgica, que santifica a vida do fiel, “a espiritualidade litúrgica é uma espiritualidade que se estende não somente àqueles momentos nos quais o fiel participa da ação litúrgica, mas a toda a sua vida”.<sup>199</sup>

Esta espiritualidade como viemos desenvolvendo, é o exercício do sacerdócio de Cristo por parte de todos os fiéis, onde na celebração litúrgica “fazendo memória eficaz do mistério de Cristo e atuando a comunhão dos crentes com esse mistério, fazem que também a sua vida se torne um verdadeiro culto”.<sup>200</sup> A celebração eucarística como primazia e logo após as outras celebrações litúrgicas, principalmente “o ofício divino, como oração pública da Igreja, é fonte de piedade e alimento da oração pessoal” (SC 90).

A Liturgia das horas como oração litúrgica da Igreja: “é *cume*, norma, critério, ponto de referência, fonte, sacramento de toda oração cristã, não no sentido meramente jurídico-institucional, mas no sentido objetivo-conteudístico”.<sup>201</sup> O Concílio

---

<sup>199</sup> VAGAGGINI, C. *O sentido teológico da Liturgia*, p. 567.

<sup>200</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica*, p 38.

<sup>201</sup> *Ibidem.*, p. 105.

Vaticano II, com a reformulação a respeito da Sagrada Liturgia, foi quem conseguiu achar o ponto de equilíbrio na relação entre a oração pessoal e a oração comunitária, ou oração objetiva e subjetiva. O Movimento Litúrgico e o Concílio Vaticano II são considerados as chaves de reinterpretação desse conceito de espiritualidade litúrgica que por muito tempo foi colocado de lado na atividade da Igreja.

Entende-se por piedade ou espiritualidade objetiva a espiritualidade litúrgica e, em geral, a que brota da revelação cristã, enquanto fundada sobre o fato objetivo-histórico da salvação operada por Cristo. A espiritualidade subjetiva, ao invés, é a espiritualidade em cujo ponto de partida está o homem em suas relações interiores e psicológicas e no escondido da sua própria situação individual.<sup>202</sup>

A oração do ofício de modo comunitário possui a missão de educar para uma experiência objetiva de oração, para que não ocorrer o perigo de transforma a oração litúrgica das horas numa experiência subjetiva, como relata Hengemülle citando Pikaza: “os fiéis um pouco abandonados a seu modo de orar, acabaram caindo, muitas vezes, em formas de oração emocional, sem profundidade teológica nem força cristã”.<sup>203</sup> Realidade que culturalmente está associada à nossa realidade eclesial no Brasil, onde uma espiritualidade de caráter emocional é uma característica bastante acentuada. Isto não exclui a necessidade da oração individual a portas fechadas<sup>204</sup>, e como bem salientou Paulo VI no documentos *Laudis Canticum*, “rejeite-se qualquer oposição entre oração da Igreja e oração pessoal, devendo-se mesmo reforçar e incrementar as recíprocas relações entre ambas”. A espiritualidade litúrgica no exercício da liturgia do ofício divino é uma grande possibilidade de formação e educação para que a oração corresponda ao seu propósito e a sua finalidade.

A Liturgia das Horas é para a comunidade de fé um tesouro com contém a rica tradição da espiritualidade cristã. Em sua essência contém os elementos que podem

---

<sup>202</sup> Ibidem, p 88.

<sup>203</sup> PIKASA, X. apud. HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p. 62.

<sup>204</sup> “Mas tu, quando orares, entra no teu quarto e, fechando a tua porta, ora a teu Pai eu está em secreto; e o teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente” (Cf. Mt 6,6).

nutrir a vida espiritual dos fiéis. A tarefa fundamental da vida cristã consiste em unirmos o dom da nossa vida em oferta e oblação ao sacrifício de Cristo, caminho pelo qual somente pode ser alcançado mediante a participação nos sacramentos e celebração dos mistérios de Cristo. O ofício divino, como espiritualidade litúrgica, é a junção entre a liturgia e a vida: “podemos, portanto afirmar que cada verdadeira experiência cristã é substancialmente uma experiência sacramental que repropõe em nível concreto e existencial o mistério pascal”.<sup>205</sup>

### 3.2.3 Santificação do tempo

Na celebração da Liturgia das Horas existe intrinsecamente a dimensão ascendente e descendente. Descendente pelo Espírito que atualiza pela Palavra a revelação e a santificação de Deus e ascendente por ser uma assembleia reunida que presta um culto de louvor a Deus. A dimensão santificadora da Liturgia das Horas é consequência da iniciativa de Deus para com seu povo, na qual Ele se revela como um amigo e com eles se mantém em um diálogo amoroso.

A participação consciente e ativa na celebração da Liturgia das Horas gera frutos que se tornam o alimento da vida cristã, na medida que pela celebração faz memória e atualiza a Palavra de Deus através do ciclo litúrgico: “a Liturgia das Horas é uma liturgia da palavra desdobrada ao longo de todo o ano, da semana, e do dia, para santificá-lo no louvor, na adoração, na ação de graças e intercessão”.<sup>206</sup> Auxilia nessa dimensão santificadora da Liturgia das Horas a experiência daqueles que em vida demonstraram ser testemunhas, por isso também acorremos aos exemplos dos santos, para buscar no exemplo deles a nossa santificação. A Oração da Igreja nutre a vida cristã:

---

<sup>205</sup> AUGÉ, M. *Espiritualidade litúrgica*, p. 47.

<sup>206</sup> BRAULT, I. *Descobrir a liturgia das horas*, p. 13.

em dupla mesa: a da Sagrada Escritura (salmos, cânticos, leituras...) e a da palavra dos santos, dos compositores eclesiásticos e comentaristas (hinos, leituras patrísticas, hagiográficas...). E essa nutrição é complementada e fortalecida pelas preces, as quais têm também de específico o educarem a mente e o coração dos fiéis, abrindo-os aos horizontes das grandes necessidades da Igreja e do mundo.<sup>207</sup>

Pela força do Espírito Santo enviado no batismo é que cada pessoa se torna apta para entrar nesse diálogo amoroso com Deus e nutrir espiritualmente sua vida. A santificação pela Liturgia das Horas não ocorre apenas pela leitura ou recitação das orações, na forma de simples cumprimento de um preceito canônico, é antes a força que vem do Espírito Santo que nutre o crente espiritualmente, para que na sua vida cotidiana possa assimilar suas atitudes com as do próprio Cristo. É o encontro da mística que brota da oração com o esforço ascético para uma vida conforme a vontade de Deus.

A *Sacrosanctum Concilium* nos números 84 e 88 ressalta a dimensão santificadora da Liturgia das Horas a partir da experiência de santificação do tempo, para que cada crente e especificamente aqueles que tem o compromisso de se dedicar à reza do ofício possam consagrar cada momento do seu dia a Deus e assim exercer as atividades apostólicas imbuídos do espírito missionário:

O Ofício Divino, segundo a antiga tradição cristã, destina-se a consagrar, pelo louvor a Deus, o curso diurno e noturno do tempo. [...] Sendo o objetivo do ofício a santificação do dia, reveja-se a sua estrutura tradicional, de modo que, à medida do possível, se façam corresponder as “horas” ao seu respectivo tempo, tendo presentes as condições de vida hodierna em que se encontram sobretudo os que se dedicam a obras de apostolado (SC 84; 88).

Já referimos o quanto a Oração da Igreja foi sendo influenciada pelo modo judaico de louvor a Deus, e que com o passar do tempo os primeiros cristãos e os Padres da Igreja foram constituindo essa oração com o caráter cristão. Também é deste período a tradicional fixação dos determinados períodos do dia em que a Igreja

---

<sup>207</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p. 61.

se reúne para o louvor e prece a Deus. Ficando desde o início muito claro a prevalência do amanhecer e o anoitecer como momentos fortes de oração.

A Igreja, procurando cumprir o preceito de Cristo de orar sem cessar, realiza através da Liturgia das Horas esse mandato, que se associando ao mistério eucarístico o prolonga, consagrando o decorrer de todo o dia (IGLH 10). A santificação do tempo é a associação da nossa vida à vida divina em Cristo, oferecendo a Ele os momentos e atividades do dia. E permitindo que Cristo continue a orar em nós ao Pai.

Este é o ponto mais característico da oração da Igreja, o próprio nome Liturgia das Horas já a define com essa consagração do tempo. O que de modo objetivo ocorre na medida em que dedicamos momentos do dia para o louvor e preces, para ordená-los conforme a vontade de Deus: “significa carregar o tempo cósmico (*Chronos*) e histórico com novo sentido: vê-lo e vivê-lo como tempo salvífico (*Kairós*)”.<sup>208</sup>

A primeira poderíamos chamar de aspecto *cósmico* do momento do dia, marcado para os cristãos com a teologia da *criação* por parte de Deus, do dia e da noite, da luz e das trevas, com toda a tradição bíblica acumulada nas diversas horas pela prece de Israel. A segunda, que poderíamos chamar de dimensão *salvífica*, deduz-se da teologia da *encarnação* e *redenção*, com clara alusão ao mistério de Jesus Cristo e do Espírito Santo, aos acontecimentos salvíficos que os diversos momentos do dia recordam.<sup>209</sup>

Valeriano da Costa contribui para nossa reflexão sobre a junção do tempo cósmico e do tempo salvífico afirmando a necessidade de celebrarmos “a luz pascal sob o signo da luz do dia”:

A luz se tornou um sinal central para a oração. Ele é nossa primeira conexão da oração com o tempo. “Chegou a hora!”. Com essas palavras Jesus, queria se referir a uma realidade ampla e sobrenatural. Porém, partiu de uma realidade concreta, como o faz toda oração sacramental. Ele fez referência a

---

<sup>208</sup> HENGEMÜLE, E. *O louvor perene*, p. 37.

<sup>209</sup> CASTELLANO, J. In: BORÓBIO, D. (Org.). *A celebração na Igreja III*, p. 387.

um dado fundamental da realidade cósmica, que é o tempo. Assim, o tempo se tornou um elemento sacramental da oração sacerdotal de Jesus.<sup>210</sup>

Cada hora que se dedica à oração desta liturgia é carregada destes dois sentidos. As laudes são celebradas ao “despontar da luz do novo dia e evoca a ressurreição do Senhor Jesus, que é ‘a luz de verdade, que ilumina todo o ser humano’ (IGLH 38). Às vésperas com o findar do dia marca dois polos o do amanhecer e anoitecer, passados os trabalhos diários é a “oração que elevamos ‘como incenso na presença do Senhor’, e na qual o ‘levantar nossas mãos’ é como o ‘sacrifício vespertino’ (IGLH 39) celebrando de modo especial o sacrifício de Cristo. A oração das Nove, das Doze e das Quinze horas, também conhecidas como Hora Média, enquanto o sol encontra-se no seu ápice possuem o sentido de pausa restauradora durante as atividades do dia, um momento de se voltar em prece ao Senhor em meio aos compromissos apostólicos e também profissionais. Celebram de modo especial os “acontecimentos da Paixão do Senhor e da pregação inicial do Evangelho.”<sup>211</sup> E ao término do dia a oração das Completas que possuem o sentido de santificar o repouso, une-se a natureza que silencia e oferta as atividades do dia.

A Liturgia das Horas se torna fonte de espiritualidade para a vida cristã na medida em que existe uma comunhão da vida própria do crente com a vida de Cristo. O esforço que necessita ser feito ao tomar o livro litúrgico para a prece cotidiana está em assumir o conteúdo da oração e torná-lo vida, conforme o conhecido axioma: “*Lex orandi, Lex credendi, Lex vivendi*”: rezar aquilo que se crê para vivê-lo. O verdadeiro sacrifício espiritual constitui-se desse modo na assimilação do Mistério Pascal celebrado em cada hora. E nesta celebração fonte e ápice da vida cristã se derramam as graças que santificam a Igreja e aos fiéis.

---

<sup>210</sup> COSTA, V. *Liturgia das Horas*, p. 44.

<sup>211</sup> *Ibidem.*, p. 75.

## CONCLUSÃO

A Liturgia das Horas pode ser a fonte de espiritualidade da Igreja na medida que for assumida como elemento celebrativo de toda a Igreja. Ao apresentarmos as considerações finais desta pesquisa iniciamos indicando os resultados apresentados na dissertação do argumento deste trabalho. O desenvolvimento desta proposta, através da pesquisa das fontes da ciência litúrgica, alcançou o objetivo de apresentar a Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade da Igreja. Desenvolvido através da reflexão que parte da liturgia como celebração do Mistério de Cristo e que nele atualiza na Igreja a graça santificadora que provém do Espírito em atitude de louvor ao Pai. Nesta relação com a Trindade a celebração da Liturgia das Horas é manifestação simbólica da Igreja enquanto mistério e sacramento. Os dados teológicos e históricos contribuíram de modo fundamental para a consideração da Liturgia das Horas como fonte de Espiritualidade. Fundamentada nas Sagradas Escrituras a Liturgia das Horas é expressão da Igreja que cumpre o mandato de Cristo de “orar sem cessar” ao longo do ciclo diário, semanal e no conjunto do ano litúrgico.

Concluindo este escopo da pesquisa se constata alguns pontos que servem de contribuição para a reflexão teológica. A perspectiva da espiritualidade no contexto contemporâneo tem ganhado destaque e relevância em diversas áreas da ciência, considerando que a dimensão espiritual não pode ser ignorada nas relações humanas. Deste modo refletir sobre a Liturgia das Horas como fonte de espiritualidade, aborda a relação da pessoa que em sua integralidade é formada por corpo, alma e espírito. Essa pesquisa pode contribuir para a pesquisa da espiritualidade dentro da rica tradição espiritual cristã.

Em âmbito eclesial esta dissertação contribui para a reflexão litúrgica no momento que celebramos os sessenta anos do Concílio Vaticano II. Um evento chave da renovação pastoral e litúrgica da Igreja. Ao revisitar as indicações conciliares referentes a Liturgia das Horas a reflexão deste trabalho tem o intuito de auxiliar na formação da consciência litúrgica em âmbito acadêmico, teológico e pastoral.

A dimensão eclesiológica neste trabalho possui um acento ao afirmarmos que a Liturgia das Horas é fonte de espiritualidade da Igreja. Essa referência eclesial foi

argumentada para responder à questão sobre se essa celebração litúrgica possui as características e os elementos necessários para nutrir a vida espiritual, não somente dos ministros ordenados, mas, de toda a Igreja, incluindo os fiéis leigos. A partir das referências teológicas e orientações do magistério da Igreja foi possível considerar que essa oração deve ser celebrada pelo ministro ordenado com o Povo de Deus e em seu favor, destacando as indicações da retomada da participação de todos os fiéis no ato litúrgico da oração das horas.

No desenvolvimento deste trabalho encontramos alguns pontos que estabeleceram limites na argumentação da pesquisa. Ao nos referirmos a Liturgia das Horas como oração da Igreja a reflexão em torno do sujeito tinha como pressuposto o propósito que é proferido pelo ordenando no rito da ordenação diaconal onde manifesta assumir com fidelidade o dever da oração com o Povo de Deus e em favor deste povo. No rito a expressão “com o Povo de Deus” estabelece que essa não deve ser uma prática somente dos ministros ordenados, na verdade se insere no contexto do sacerdócio comum, onde leigos e ordenados pela força do sacramento do batismo estão aptos a oração e ao louvor perene na Igreja. Assim, com as referências do rito de ordenação e da Instrução Geral da Liturgia das Horas se construiu a argumentação do texto, porém, por falta de bibliográficas específicas sobre o tema da participação dos fiéis leigos na Liturgia das Horas, se percebe uma lacuna da ciência teológica que possa enriquecer essa compreensão litúrgica, espiritual e eclesiológica que se expressa no rito.

Entre as possibilidades de novos estudos a partir deste tema existe uma perspectiva de pesquisa sobre a prática da oração da Liturgia das Horas por parte do clero. Algumas perguntas que podem nortear uma pesquisa que se direcione de modo específico ao clero diocesano (também chamado de clero secular). De maneira generalizada esse é um grupo de ministros ordenados que a serviço do bispo reside em comunidades paroquias, porém, habitando em uma casa de modo individual, ou seja, sozinho. Portanto, como desenvolver uma espiritualidade assumida como dever, em um ritmo diário, que possui em sua essência a característica comunitária, se a grande maioria dos presbíteros diocesanos residem de forma individual? Há não recitação comunitária influi em qual sentido a experiência espiritual, sendo esta uma forma que alcança a finalidade da liturgia como fonte de espiritualidade? Existem experiências em que se faz a prática da oração da Liturgia das Horas nas



comunidades paroquiais onde presbítero e leigos rezem de forma comunitária? E, embora, se possa tocar em um campo de foro interno, seria possível fazer uma pesquisa quantitativa e qualitativa para saber a real adesão dos presbíteros ao dever da oração da Liturgia das Horas e a partir desses dados apresentar uma tese sobre se na prática a Liturgia das Horas consegue ser fonte de espiritualidade ao clero diocesano? Questões amplas que abre a perspectiva da continuidade de pesquisa nesse campo e que demonstram algumas limitações desse trabalho.

Outras demandas surgem na dissertação deste tema com possibilidade de continuação da pesquisa. São questionamentos a respeito da aplicação da reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, da formação litúrgica e da atual consciência eclesial a respeito da liturgia como fonte de espiritualidade e, especificamente, a Liturgia das Horas. Em nosso escopo e objetivo de pesquisa mais do que responder sobre a atual situação da vida espiritual da Igreja, tem como propósito nessa dissertação reavivar e promover em ambiente acadêmico a discussão das orientações da Igreja a respeito da oração da Liturgia das Horas como ação litúrgica fonte de espiritualidade.

A pesquisa e o desenvolvimento dessa dissertação consistem em uma pequena expressão da rica tradição da Igreja Católica, inspirado em anseios de compressão da prática da oração da Liturgia das Horas. O desenvolvimento desta tarefa se tornou uma oportunidade de crescimento teológico, eclesial e espiritual. No âmbito da vida pastoral a liturgia possui um espaço singular que necessita ser nutrido pela formação para uma participação consciente e ativa. A oportunidade de desenvolvimento de um trabalho como esse que inclui áreas de tão grande relevância teológica demonstra a fonte vicejante que existe na liturgia quando dela nos aproximamos e bebemos, seja, pela celebração ou pelo estudo acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Elza Helena. SOUZA, Ney de (Orgs.). *Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais*. São Paulo: Paulinas / UNISAL – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2014.

AGOSTINHO. *Cidade de Deus*. Vol 1. São Paulo: Paulus, 2023.

\_\_\_\_\_. *Comentário aos Salmos: 51-100*. São Paulo: Paulus, 1997.

AUGÉ, Matias. La liturgia culmen et fons nei documenti conciliari e postconciliari. *Revista Pastorale Liturgica*, Brescia, v. 299, p. 22-28, jun.-ago. 2013.

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade Litúrgica: “oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus”*. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2008.

BALTHASAR, Hans Urs Von. O Evangelho como norma e crítica de toda a espiritualidade na Igreja. *Concilium Revista Internacional de Teologia*, v. 9, p. 5-19, nov. 1965.

BASTOS, Geraldo Leite. Entrevista. *Revista de Liturgia*, v 86, p. 56-58, mar.-abr. 1988.

BARAUNA, Guilherme (Org.). *A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio: estudos e comentários em torno da Constituição Litúrgica do Concílio Vaticano Segundo*. Petrópolis: Vozes, 1964.

BELDA, Manuel. *Guiados por el Espíritu de Dios*. 2. ed. Madrid: Palabra, 2006.

BECKHÄUSER, Alberto. *O sentido da liturgia das Horas*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sacrosanctum Concilium: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2013 (Revisitar o Concílio).

BENTO XVI. Carta Apostólica *Deus Caritas Est* do Sumo Pontífice sobre o amor cristão. 25 dez. 2005. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html) > Acesso em 10 fev. 2024.

\_\_\_\_\_. Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* do Santo Padre sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. 30 set. 2010. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_ben-xvi\\_exh\\_20100930\\_verbum-domini.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html) > Acesso em 10 fev. 2024.

\_\_\_\_\_. Carta Apóstólica de sua santidade dada sob forma de Motu Próprio *Summorum Pontificum*. 07 jul. 2007. Disponível em < [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20070707\\_summorum-pontificum.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20070707_summorum-pontificum.html) > Acesso em 10 fev. 2024.

BORÓBIO, Dionísio (Org.). *A celebração na Igreja III: ritmos e tempos de celebração*. São Paulo: Loyola, 2000.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

BRINGHENTI, Agenor. Identidade e vocação do laicato: uma abordagem histórica. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 51, n. 1, p. 149-169, jan.-abr. 2019.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; GOMES, Tiago de Fraga. A comunicação do sagrado na liturgia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 25, n. 90, Jul.-Dez. 2017.

BUCCIOL, Armando. *Liturgia, vida da Igreja*. Brasília: Ed. CNBB, 2020.

BUGNINI, Annibale. *A Reforma Litúrgica (1948-1975)*. Trad. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas / Paulus / Loyola, 2018.

BRAULT, Isabelle-Marie. *Descobrir a liturgia das horas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CAVAGNOLI, Gianni. Culmine e fonte: la parola al concilio. *Revista Pastorale Liturgica*, Brescia, v. 299, p. 3-14, jun.-ago. 2013.

COMBLIM, José. A mensagem da Lumen Gentium (Capítulo 1 e 2). *Vida Pastoral*, São Paulo, v. 236. p. 9-14, jun.-jul. 2008.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Lumen Gentium*. 1964.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. 1964.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*. 1964.

CARDITA, Angelo. Sacrosanctum Concilium e a ritualidade litúrgica na cultura do nosso tempo. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 28-54, jan.-abr. 2014.

COLLANTES, Justo. *La Iglesia de la Palabra*. Madri: Biblioteca de Autores Cristiano, 1972 (História Salutis).

CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação a vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Ed. CNBB, 2016.

CONFERENCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (Org.). *A celebração do mistério pascal: introdução a celebração litúrgica*. São Paulo: Paulus, 2007 (Manual de Liturgia 1).

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO.: O dom da vocação presbiteral – *Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. 08 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.clerus.va/content/dam/clerus/documenti/ratio-2026/Ratio-PT-5-12-2016.pdf>> Acesso em 10 fev. 2024.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *A celebração do mistério pascal: outras expressões celebrativas do Mistério Pascal e a liturgia na vida da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2007 (Manual de Liturgia 4).

COSTA, Valeriano dos Santos. Espiritualidade Litúrgica. *Revista de Cultura Teológica*. v. 13, n. 52, p. 33-47, Jul.-Set. 2005.

\_\_\_\_\_. *Liturgia das Horas: Celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

ESPEJA, Jesus. *Espiritualidade cristã*. Petrópolis: Vozes, 1995

FERNANDES, Rafael Martins. Cristãos leigos e leigas, sujeitos na “Igreja em saída”. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 137-138. Jan.-dez. 2018.

FERNANDES, Rafael Martins; HAAS, Carlos Gustavo. Liturgia e Pandemia. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 1-4, jan.-dez. 2021.

Francisco. Carta Apostólica *Desiderio desideravi* do Santo sobre a formação litúrgica do povo de Deus. 29 jun. 2023. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/20220629-lettera-ap-desiderio-desideravi.html)> Acesso em 10 fev. 2024.

\_\_\_\_\_. Exortação Apóstólica *Gaudete et Exsultate* do Santo Padre Francisco sobre a chamada à santidade no mundo atual. 19 mar. 2018. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20180319\\_gaudete-et-exsultate.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.html)> Acesso em 10 fev. 2024.

\_\_\_\_\_. Carta Apostólica em forma de Motu Próprio do Sumo Pontífice Francisco *Traditionis Custodes* sobre o uso da Liturgia Romana anterior à reforma de 1970. 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2021/07/16/motu.html>> Acesso em 10 fev. 2024.

FUENTE, Eloy Bueno de la. *Eclesiologia*. Madri: Biblioteca de Autores Cristiano, 2021 (Sapientia Fidei).

GAMARRA, Saturnino. *Teologia Espiritual*. Madri: Biblioteca de Autores Cristiano, 2000 (Sapientia Fidei).

GUARDINI, Romano. *Formazione liturgica*. Trad. Giulio Colombi. Brescia: Morcelliana, 2008.

GRILLO, Andréa. *Para além de Pio V: A Reforma Litúrgica após Traditionis Custodes*. São Paulo: Paulus, 2022 (Academia Litúrgica).

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

INTRODUÇÃO GERAL A LITURGIA DAS HORAS. In. LITURGIA DAS HORAS. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2018.

JEREMIAS, Joachim. *Abba: El mensagem central del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 2018.

JERÔNIMO, P. A volta ao Concílio Vaticano II: Traditionis Custodes. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 287, p. 4-11, set.-out. 2021.

JUNGMANN, Josef A. *Missarum sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana*. Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2008.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: Essência Realidade Missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

MARTIMORT, Aimé Georges (Org.). *A Igreja em Oração: Introdução à Liturgia*. Vol. 1. Trad. Almir Ribeiro Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARTÍN, Julián Lopes. *A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MISSAL Romano. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano Segundo e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa da 2. ed. típica para o Brasil realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acrésc. aprov. pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1972.

NEUNHEUSER, Burkhard et al. *A liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

PARANHOS, Washington. O contexto litúrgico-sacramental da Igreja em sua evolução histórica. São Paulo: Paulus, 2022 (Acadêmia Litúrgica).

PIO XI. Carta Encíclica *Mystici Corporis* do Sumo Pontífice sobre o Corpo Místico de Jesus Cristo e a nossa união com Jesus Cristo. 29 jun. 1943. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html)>. Acesso em 10 fev. de 2024.

PONTIFICAL ROMANO. Ritual de ordenação: de bispos, presbíteros e diáconos. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002, p. 114.

PAULO VI. Constituição Apostólica *Laudis Canticum* do Sumo Pontífice Paulo VI com o qual se promulga o Ofício Divino reformado por mandato do Concílio Vaticano II. 1º nov. 1970. Disponível em <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/apost\\_constitutions/documents/hf\\_p-vi\\_apc\\_19701101\\_laudis-canticum.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/apost_constitutions/documents/hf_p-vi_apc_19701101_laudis-canticum.html)>. Acesso em 10 fev. 2024.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da Liturgia*. Trad. Jana Almeida Olsansky. 6. Ed. Trad. São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. *Teologia da Liturgia: o fundamento sacramental da existência cristã*. Brasília: Ed. CNBB, 2019.

REYNAL, Daniel de. *Teologia da Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulinas, 1981.

SANTOS, Pedro Sérgio dos Santos. *Liturgia das Horas*: instrumento de evangelização e catequese. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2010.

SAYES, José Antonio. *La Iglesia de Cristo*: Curso de Eclesiologia. Madri: Palabra, 1999.

SILVA, Vanderson de Souza. Lex orandi – fonte da espiritualidade cristã: aspectos de teologia litúrgico-espiritual. *Revista Cultura Teológica*. n. 83, p. 97–125, Jan.-Jun. 2014.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da Liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica*: volume I. São Paulo: Loyola, 2006.

VITALI, Dario. *Lumen gentium*: stori, comento, recezione. 2. ed. Roma: Studio, 2014.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)